

O CANGACEIRO E O SAMURAI

ROTEIRO DE

GERALDO SANTOS PEREIRA

CÓPIA 1/3

O CANGACEIRO
E O SAMURAI

ARGUMENTO E ROTEIRO TÉCNICO:
GERALDO SANTOS PEREIRA
DIÁLOGO EM PORTUGUÊS:
FRANCISCO PEREIRA DA SILVA
DIÁLOGO EM JAPONÊS:
SUSUMU MIYAO

9/29

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - M.E.C. - BIBLIOTECA NACIONAL
DIVISÃO DE AQUISIÇÃO - SECÇÃO DE DIREITOS AUTORAIS

A V E R B A Ç Ã O

REQUERIDA POR JOSÉ GERALDO SANTOS PEREIRA, QUE, COMO AUTOR SE ASSINA: GERALDO SANTOS PEREIRA, BRASILEIRO, ADVOGADO, INSCRITO NA OAB-GB, SOB O Nº 8 522, RESIDENTE À RUA POMPEU LOUREIRO, 102, APTº 901, EM COPACABANA, NESTA CIDADE, ESTADO DA GUANABARA, FOI LAVRADA A AVERBAÇÃO AO LADO DO REGISTRO Nº 19 739, LIVRO 15, FLS 54-55, DA OBRA DE SUA AUTORIA, INTITULADA, ENTÃO,:"O SAMURAÍ E O CANGACEIRO", NOS SEGUINTES TERMOS: - AVERBAÇÃO: DE CONFORMIDADE COM AS LEIS EM VIGOR, FAÇO PÚBLICO QUE DA PRESENTE OBRA, FORAM DATILOGRAFADAS E RUBRICADAS VINTE E SETE FOLHAS, NO ANO DE MIL NOVECENTOS E SETENTA E TRÊS, NESTA CIDADE E O TÍTULO PASSOU A SER: "O CANGACEIRO E O SAMURAÍ". RIO DE JANEIRO 29 DE NOVEMBRO DE 1973. (ASS.) MARIA HERCYNA M. DA PÓS.- .-.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-.

Maria Hercyna M. da Pós



O CANGACEIRO E O SAMURAI



ROTEIRO DE

GERALDO SANTOS PEREIRA

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Of.DIM/GP/Nº94 /76 Em, 4 de fevereiro de 1976

Do : Presidente do Instituto Nacional do Cinema

Ao : Sr. Geraldo Santos Pereira

Assunto : Concurso de Roteiros Originais

Prezado Senhor,

Tenho o prazer de registrar, com o presente ofício, a premiação de Vossa Senhoria por decisão da Comissão Julgadora do Concurso de Roteiros Originais, de âmbito nacional, para filmes de longa metragem, criado nos termos da Portaria 49, de 16 de junho de 1975, pelo Instituto Nacional do Cinema. Seu roteiro "O CANGACEIRO E O SAMURAI" foi um dos seis escolhidos pela Comissão Julgadora integrada pelos senhores Octavio de Faria, Renato Bittencourt, Alberto Shatovsky, Ely Azeredo e Carlos Amaral da Fonseca, este último seu presidente.

2. A satisfação com que nos dirigimos a Vossa Senhoria é ainda maior pelo fato de o Concurso ter obtido grande repercussão em todo o País, a ponto de atingir a cento e noventa e dois o número de inscrições. Dado o grande número de concorrentes e o expressivo nível qualitativo de um considerável número de roteiros inscritos, o INC solicitou e obteve o apoio da Embrafilme à iniciativa, podendo, assim, duplicar o número de Prêmios a serem atribuídos pela Comissão Julgadora.

Aproveito a oportunidade para apresentar a Vossa Senhoria protestos de distinta consideração e apreço.

Alcino Teixeira de Mello
Presidente

CAF/afm

TERMINOLOGIA TÉCNICA

P.P.P.	Primeiríssimo Plano
P.P.	Primeiro Plano
P.A.	Plano Americano
P.A.L.	Plano Americano Largo
P.M.	Plano Médio
P.G.	Plano Geral
G.P.G.	Grande Plano Geral
"Travelling"	Câmera instalada em carrinho
Trav-Avante	Carrinho para a frente
Trav-Atrás	Carrinho para trás
Trav-Lateral	Carrinho para o lado
Carrinho	Veículo sobre rodas
Pan-E-D	Panorâmica esquerda-direita
Pan-D-E	Panorâmica direita-esquerda
Pan-A-B	Panorâmica do alto para baixo
Pan-B-A	Panorâmica de baixo para alto
"Plongée"	Câmera do alto para baixo
"Contre-plongée"	Câmera de baixo para alto
"Ralenti"	Movimento em câmera lenta
"Raccord"	Movimento que se completa
"Amortí"	Imagem enfraquecida, desfocada
"Zoom"	Lente multifocal, de avanço e recuo
"Flash"	Detalhe de curta duração
Bg	"Background", segundo-plano sonoro

SEQUÊNCIA 1

(Antes dos Letreiros)

EXTERIOR - CAATINGA - DIA

1. Câmera enquadra, em G.P.G., aspectos da desolada paisagem nordestina, destacando a terra árida e esturricada da caatinga, com sua tortuosa vegetação rasteira, suas formações cactáceas, seu grande e dramático silêncio.

A série de tomadas descritivas se conclui com a lenta panorâmica sobre a natureza que Von Martius chamou, no século XIX, de "silva horrida", a floresta horrenda, a mata medonha.

O movimento da câmera termina quando a objetiva estiver focalizando, em P.G., um trecho da caatinga do Norte da Bahia, deixando à esquerda do quadro, em P.P., um ramo de arbusto espinhento. Presos nele, esvoaçando ao vento que começa a soprar, vêem-se pedaços da roupa de um samurai, a seda desbotada, quase em frangalhos.

SOM - Na trilha sonora só se ouve o sibilar do vento.

No chão, próximos da objetiva, uma espada samurai enferrujada e, mais adiante, um velho chapéu de cangaceiro e uma arca oriental, com incrustações de marfim e madrepérola, completam a estranha decoração.

A arca japonesa, com pedaços quebrados, está coberta de poeira e suas cores estão esmaecidas pelo tempo e a chuva.

Ao centro e à direita do quadro ainda se vê largo trecho da paisagem, lugar ermo e arenoso, com uma estradinha que vem do fundo e quebra à direita, no campo visual.

Por este caminho na caatinga vem vindo um homem. Viaja sozinho num cavalo magro.

SOM - Além do vento, começa a ouvir-se, crescendo aos poucos, o trotar de um cavalo.

O cavalo se aproxima pouco a pouco da objetiva, entre nuvens

de poeira e folhas secas que o vento levanta do chão.

Depois se pode distinguir melhor o viajante solitário, mais próximo da objetiva. É um Cantador, que traz a rede enrolada e presa na garupa do cavalo, com a viola a tiracolo.

O Cantador avista o quimono japonês, a arca, que refulge ao sol, a espada enferrujada, o chapéu de cangaceiro. Refreia o cavalo, intrigado com o que vê.

2. Modificando a angulação, câmera favorece o Cantador, que desce do cavalo e caminha na direção do arbusto espinhento.

Espantado, observa a espada, o chapéu, o quimono. Depois se curva e abre a arca japonesa.

Neste exato momento um forte pé-de-vento arranca do interior da canastra papéis velhos e fotografias amarelecidas, também cobertos de pó, lançando-os no ar.

Câmera acompanha o esvoaçar dos papéis, subindo até fixar o céu azul, com grossas nuvens brancas, formando desenhos caprichosos, e o sol que agride o sertão e cega a objetiva.

SOM - Na trilha sonora aumenta de intensidade o som da ventania, que agora é cortante e sinistra.

EXTERIOR - FEIRA POPULAR DO NORDESTE - MANHÃ

3. Em corte direto, câmera agora focaliza, em P.P., o mesmo Cantador, visto na tomada anterior, e que começa, com voz forte, típica dos cantadores nordestinos, a narrar, em forma de ABC, os acontecimentos iniciais de nossa história, acompanhando-se com a viola sertaneja.

CANTADOR:

Atenção que eu vou relatar
meu povo, preste atenção,
um ABC muito trágico
que aconteceu no sertão,
envolvendo uma família
procedente do Japão.

Bendigo quem vive em paz
lavorando nas fazendas,
assim vivia um nipon
livre de todas as contendas
pensando na sua terra,
no Japão de muitas lendas.

Enquanto o Cantador vai narrando, câmera inicia lento Trav.- Atrás, abrindo o quadro e mostrando a movimentada feira nordestina, com seus pitorescos tipos humanos, as mercadorias do sertão, o artesanato popular.

SOM - Em segundo-plano, não afetando a voz do Cantador, ouvem-se os ruídos característicos da feira.

O Cantador continua:

CANTADOR:

Contam que um velho Massao,
de sobrenome Takeda,
morava então em São Paulo
negociando com seda,
conceituado por todos,
tomando chá e sakê.

Câmera continua a recuar, ampliando mais o quadro e deixando ver a larga praça do povoado, com seu casario, o cruzeiro, a velha igreja ao fundo, enquanto o Cantador prossegue o ABC:

CANTADOR:

Devido então a uma dívida
recebeu de pagamento
uma fazenda de gado
no interior da Bahia,
mudando-se pra lá Massao
com a esposa Kimia.

E tornou-se fazendeiro
de mil cabeças de gado,
mas depois enviuvando
ficou triste e desolado.
Escreveu para o Japão
aos seus entes adorados.

Fez então uma missiva
para um seu sobrinho amado,
chamando-o para herdeiro
de sua fazenda de gado.
Kyoshiro era o sobrinho,
disse sim ao seu chamado.

EXTERIOR - PORTO DE SALVADOR - MANHÃ

4. Câmera enquadra, em P.G. , um trecho do porto de Salvador, evitando os detalhes da época atual, favorecendo um navio misto, de carga e passageiro, que atraca no cais.

SOM - Em corte sonoro direto, o último verso cantado pelo Cantador é seguido, na trilha sonora, pelo silvo grave do navio. Ao fundo, os ruídos característicos de cais do porto.

CANTADOR (prosseguindo):

Grande mistério é o homem,
ninguém tente o seu roteiro.
No ano de trinta e cinco
chega o moço num saveiro,
pisando o cais da Bahia,
lindo solo hospitaleiro.

5. Massao Takeda, o velho fazendeiro japonês a que se refere o Cantador, e que viera receber a família do Japão, aproxima-se da escada, pela qual descem os passageiros do navio.

Entre estes agora são vistos o sobrinho, Kyoshiro Takeda, sua jovem e bela esposa, Sayuri, e a mãe viuva, Mari Takeda.

Câmera, em carrinho, avança lentamente e enquadra o velho Massao que dá mais alguns passos e, com as tradicionais mesuras de sua gente, dá as boas-vindas, emocionadas, aos parentes.

Depois de fixar o fazendeiro em P.P. e 3/4 de perfil, ligeiramente à esquerda do quadro, câmera avança mais, favorecendo Sayuri, que veste o vistoso e colorido traje tradicional da mulher japonesa, até enquadrá-la em P.P.

6. Deixando Sayuri mais ao fundo, à direita do quadro, câmera agora enquadra Kyoshiro Takeda e sua mãe em P.P., ambos felizes pelo reencontro com Massao.

Volta a ouvir-se a voz off do Cantador, que prossegue o ABC:

CANTADOR (voz off):

Há alegria nos olhos
de Kyoshiro chamado.
Sayuri, a mulher dele,
é um jasmim delicado.
Traz também dona Mari,
sua mamãe adorada.

SOM - Desaparecendo a voz do Cantador, agora se ouvem, mais fortes, os ruídos ambientais do cais do porto.

7. Câmera, detalhando o encontro dos japoneses, dá ênfase à secreta perturbação que, por alguns instantes, turva de melancolia o olhar do velho fazendeiro, que fixa na bela esposa do sobrinho sua cansada vista, curvando-se com delicadeza.

Entre malas e pertences, que os japoneses trazem consigo, uma

arca de caprichada decoração merece cuidados especiais de Kyoshiro Takeda.

Carregadores do porto apanham a bagagem dos recém-chegados, mas o próprio sobrinho de Massao transporta a canastra, sobre a qual a câmera, pela "Zoom", avança lentamente, enquanto os quatro se afastam no cais.

SOM - Ouve-se novo silvo de navio, enquanto os ruídos característicos de porto sobem na trilha sonora.

EXTERIOR - RUA DIANTE DO PORTO - MANHÃ

8. Livres da burocracia portuária, os quatro japoneses deixam o porto e chegam à rua, iniciando, a pé, o trajeto até o ponto de ônibus, onde embarcarão rumo ao interior da Bahia.

Evitando aspectos contemporâneos da cidade, câmera documenta a caminhada dos japoneses por ruas, praças e vielas da parte velha de Salvador, fixando flagrantes curiosos e expressivos, de inspiração local, inclusive a curiosidade dos baianos, divertidos com a insólita presença da família nipônica em sua cidade.

SOM - Na trilha sonora sobe a música especial dos Letreiros, com o aproveitamento do tema musical do ABC do Cantador e a curiosa mistura de timbres e harmonias do Brasil e do Japão.

Sobre as imagens da pitoresca e movimentada caminhada dos quatro japoneses pelas ruas de Salvador, surgem, em sobreimpressão, os

LETREIROS DE APRESENTAÇÃO

Os créditos do filme cobrem o itinerário dos japoneses até o ponto de ônibus, onde embarcam num coletivo de época (modelo 1934), juntamente com outros passageiros brasileiros.

Câmera dará destaque, na série especial de tomadas, à canastra japonesa que é levada, pelo próprio Kyoshiro Takeda, ao interior do ônibus que inicia, entre grandes buzinadas, a longa viagem.

EXTERIORES DE SALVADOR E INTERIOR DO ÔNIBUS = DIA

9. O coletivo se põe em movimento, atravessando a velha cidade, chegando depois a seus subúrbios e ganhando, mais adiante, a estrada de terra que leva ao sertão.

Os últimos cartões dos créditos sobreimprimem-se nas imagens do interior da jardineira, fixadas pela câmera, que destaca tipos populares, gente tocando viola, carregando toda espécie de objetos, inclusive aves e animais e, como detalhe contrastante e exótico, a família japonesa no fundo do coletivo, centro das atenções gerais, meio assustada, e,de certa forma, divertida com tudo o que vê.

Sentado ao lado de Kyoshiro, Massao Takeda, conversando em voz baixa, vez e outra observa, discretamente, a linda esposa do sobrinho, sentada, noutro banco, ao lado da sogra.

Câmera, em P.P., fixa, de relance, a melancólica expressão do velho fazendeiro, como que absorto em sua meditação.

Além das tomadas captadas no interior do transporte coletivo, outros flagrantes, "en passant", da paisagem sertaneja descortinada das janelas, servirão de fundo para os Letreiros de Apresentação, que terminam quando o ônibus pára à beira da estrada de terra, descendo os quatro estrangeiros.

SEQUÊNCIA 1-A

EXTERIOR - BEIRA DE ESTRADA - SERTÃO - TARDE

10. Câmera focaliza, em P.M., um trecho da estrada, com o ônibus parado no acostamento.

A família Takeda deixa a jardineira, trazendo seus pertences, entre os quais refulge ao sol a arca japonesa.

Depois o veículo se movimenta, afastando-se entre nuvens de poeira.

Massao, Kyoshiro, Sayuri e dona Mari aproximam-se da objetiva,

dobram à direita e ganham uma trilha na árida paisagem sertaneja.

Câmera, fazendo panorâmica, segue sua caminhada, na direção da "Fazenda do Japonês", dois quilômetros adiante, e localizada no Norte baiano.

SOM - Desaparecendo a música incidental, agora só se ouvem, na trilha sonora, ruídos ambientais: cantos de pássaros, mugido de bois e, ao fundo, o som de um aboio de vaqueiro.

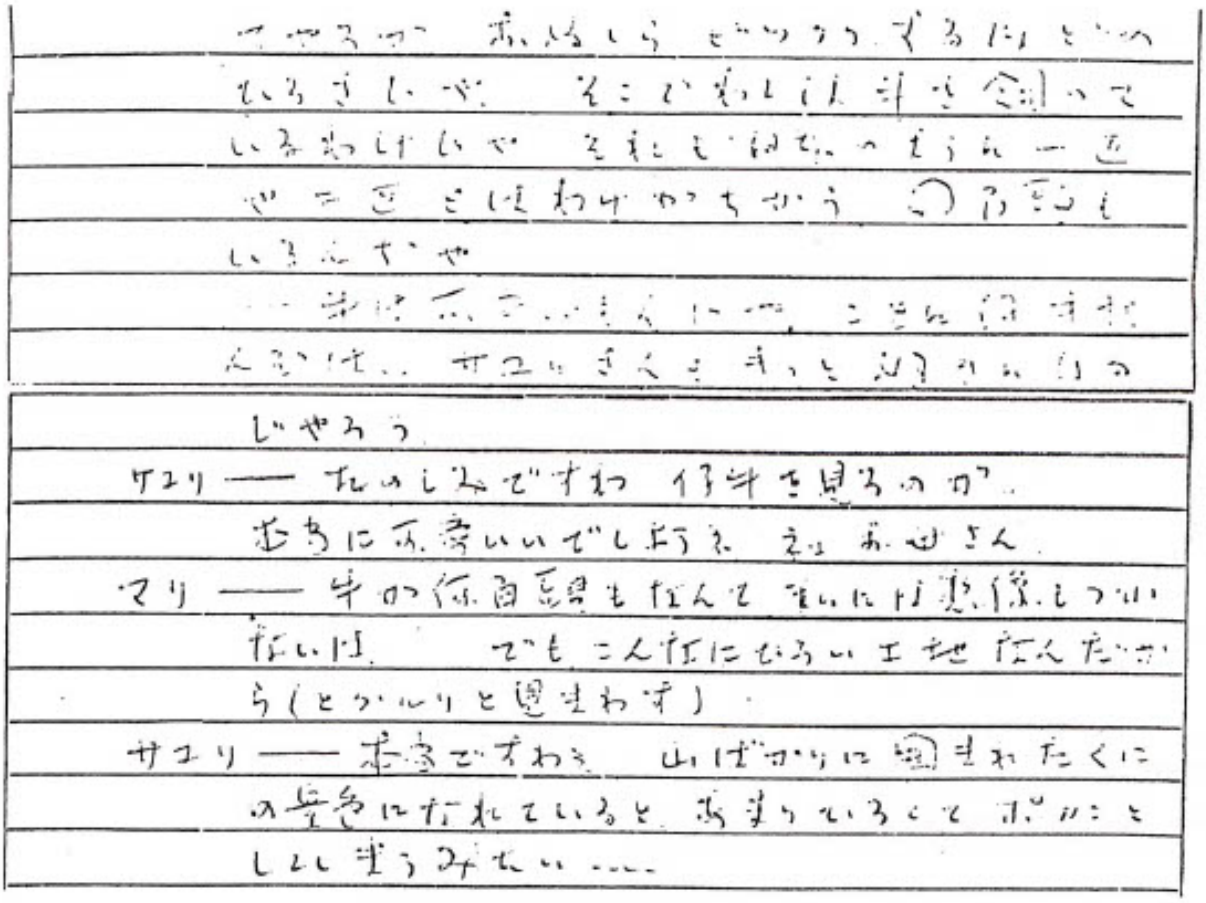
EXTERIOR - TRILHA NO SERTÃO - TARDE

11. Câmera acompanha, em Trav-Atrás, a caminhada dos japoneses, fixando, em P.P., Massao Takeda e o sobrinho, à frente, e, mais atrás, as duas mulheres, dona Mari e Sayuri.

Massao descreve, em japonês, a região para o sobrinho.

MASSAO (diálogo em japonês):

マリオー　どうじゃ日本と比べて見てすばらしく広
々としとるじゃろうが…　——
——ここはブラジルでもずっと東北にある
もんじゃ。南の方のサンパウロの辺りには
日本人もたくさんおるが　ここの辺りには全っ
たくおらん　わしひとりだけじゃ——。
わしはここでもひとりで我慢して来た——
じゃが　お前らが来てくれて　これでどう
わしも元気百倍じゃ　こんなうれしいことは
ない　これでもう安心じゃ——。
わしの方がこう——ブラジルがどういう
ふうじゃ　悪い(?)ことじゃが——。お前
らに手伝ってもらえば　もともっとできる
だろ、そのうちだんじゃろう……。
わしの方がこうには日本へ帰りたい(?)
気もなくなると(?)思うくらいじゃ(?)くらいと
いう気もしとる　何の事もかっこうだけで



TRADUÇÃO:

MASSAO: Que acha, comparado ao Japão?... Não é uma beleza de extensão?

Aqui estamos no Nordeste do Brasil. No Sul, pelos lados do Estado de São Paulo, há muitos japoneses, mas por aqui não se vê nenhum. Só eu. Aguentei-me sozinho nesta paragem. Com a vinda de vocês, porém, posso agora me sentir encorajado. Nada mais confortador. Sinto-me aliviado.

Minha fazenda... Hum, fazenda é o nome brasileiro do "noen"... se tornará mais e mais bonita com a ajuda de vocês...

Comparada às terras de cultura tão pequeninas do Japão, minha fazenda tem uma extensão várias dezenas, centenas de vezes maior. Vou-lhes mostrar melhor amanhã, mas é tão grande que vocês se surpreenderão. Nela faço a criação de gado. Acontece que não é como no Japão, onde se criam um ou dois animais. Eu tenho - centenas de cabeças de gado.

Boi é um bicho maravilhoso, principalmente o bezerrinho. Sayuri, você deverá gostar.

12. Dizendo isto, Massao Takeda se volta para a mulher de Kyoshiro, alguns metros atrás.

Sayuri aproxima-se do fazendeiro e lhe responde:

SAYURI: Que bom... poder ver bezerrinho... Deve ser realmente adorável, não acha, mamãe?

MARI: Nem consigo fazer idéia, dizer que há centenas de bois... Mas, sendo a terra tão grande assim... (passeia o olhar em todas as direções).

SAYURI: É sim. Acostumada à visão das terras cercadas pelas montanhas, a gente fica boba de ver tanta amplidão...

SOM - Durante o diálogo em japonês da família Takeda, traduzidos em legendas para o português, ouvir-se-ão na trilha sonora acordes expressivos de música japonesa, predominando o som de seus instrumentos típicos: o "shamissen", o "koto" ou o "biwa".

13. Colocada no alto de um serrote, em pleno chapadão baiano, câmera mostra, em G.P.G., a paisagem e, no centro do quadro, tortuosa e estreita, a estradinha de terra que leva à Fazenda do Japonês. Por ela vêm vindo os quatro japoneses, carregando malas e pertences, inclusive a bonita canastra que rebrilha ao sol forte do sertão.

Fazendo panorâmica, da esquerda para direita, a objetiva vai mostrar, ao fundo, a propriedade de Massao Takeda, encravada num pequeno vale, com vegetação mais alta e abundante, árvores frutíferas, horta e o pasto no qual se espalha o gado.

SOM - Sonoridades brasileiras agora

se misturam com a música japonesa e, gradativamente, acabam predominando à medida que a câmera detalha a fazenda no interior da Bahia.

EXTERIOR - FAZENDA DO JAPONÊS - TARDINHA

14. Deixando no quadro parte da sede da fazenda, com sua grande varanda, câmera mostra, em P.G., o pátio fronteiro, o jardim e, ao fundo, a estradinha de terra.

Massao, Kyoshiro, Sayuri e dona Mari estão chegando, exaustos, encharcados de suor.

Alguns empregados, entre os quais Pedro Roque e "siá" Engrácia, uma preta gorda, cozinheira da casa, vão ao encontro dos japoneses, ajudando a trazer a bagagem.

Pedro Roque faz menção de apanhar a arca japonesa, mas Kyoshiro não a entrega, preferindo carregá-la pessoalmente.

15. P.P. e Trav-Atrás de Massao que se aproxima de Kyoshiro e com ele conversa em japonês:

④ マサオ —— 何かへっているらしいやね それは…
キヨシロ —— これですか？
マサオ —— 何やら大切なもの、どういやね…
キヨシロ —— おじさんもご先祖様の事を思い出すかも知れません。
大切な家宝です。

TRADUÇAO:

MASSAO: Tem alguma coisa aí dentro?

KYOSHIRO: Isto?

MASSAO: Parece algo importante.

KYOSHIRO: Se titio vir, acho que se lembrará. Trouxe relíquia da casa, legada pelos nossos antepassados.

Câmera, em carrinho, recua mais, enquanto Massao e Kyoshiro param de caminhar.

O fazendeiro saúda seus empregados, falando agora em português, com forte sotaque, perguntando as novidades.

PEDRO ROQUE: Como se foi de viagem, seu Massao?

MASSAO: Muito bem. Enton, tudo em paz na fazenda japonês?

PEDRO ROQUE: Tudo em paz, graças a Deus.

OUTRO EMPREGADO: A vaca Mimosa deu cria. Uma bezerra cirigada.

MASSAO: Explica japonês cirigada...

OUTRO EMPREGADO: Toda pintadinha.

MASSAO: Ah...

16. O grupo recomeça a andar, aproximando-se mais da casa-grande.

Antes que entrem, Kyoshiro e Sayuri, mais destacados dos outros, e enquadrados em P.A., fazem alguns comentários, em japonês, sobre a propriedade:

(10) そうとは — おじさんからの手紙で覚悟はしていたが
これは それにしてもすごい！
サユリ — ずっとあこうの山までが今井のおじさんの土地なんですって！
そうとは — あの牛もみんな叔父さんのものだな
サユリ — 信じられないわ。

TRADUÇÃO:

KYOSHIRO: Já imaginava, pelas cartas do titio, mas esta extensão de terras superou todas as minhas expectativas!

SAYURI: As terras do titio vão até aquele fim do mundo!

KYOSHIRO: Aquele gado todo também pertence a ele!

SAYURI: Mal posso acreditar no que vejo!...

17. Câmera enquadra, inicialmente, Kyoshiro e Sayuri em P.P.

A bela japonesa observa, admirada, a propriedade rural. Depois seus olhos se fixam num certo ponto, quando, então, revelam ligeira perturbação.

Câmera, através de panorâmica, vai enquadrar, inicialmente em P.G. e, depois, em P.P., pelo movimento de aproximação da lente "Zoom", o capataz Antônio Garcia que chega do pasto, montado num cavalo baio, tangendo o gado para o curral, para a ração da tarde.

Garcia, por alguns segundos, observa a chegada dos japoneses e, com mais interesse, a bela mulher de Kyoshiro.

"Zoom", fechando nele, detalha sua expressão viril e enigmática, o chapéu de couro à cabeça, o gibão típico dos vaqueiros.

SOM - Acompanhando o movimento de aproximação da lente, entra, na trilha sonora, tema musical marcando a figura máscula do capataz, com batidas de atabaques de Candomblé e discreta insinuação dramática.

EXTERIOR - CURRAL DA FAZENDA - TARDINHA

18. Como ponto-de-vista de Antônio Garcia, câmera focaliza, em P.G., a casa-grande, diante da qual estão os quatro japoneses e os empregados, conversando.

Em primeiro-plano, à esquerda do quadro, o gado chega do pasto e, aos gritos de comando de Antônio Garcia, entra no curral.

Ouvem-se, em voz off, os gritos de comando do capataz:

ANTÔNIO GARCIA (voz off): Ê boi... Vaca... Fasta, vaca!... Mimosa... Vamos! Passa, Morena! Ê boi... Ô lô, ô lô!... Vamos!...

EXTERIOR - PÁTIO DA FAZENDA - TARDINHA

19. Os gritos do capataz, agora em segundo-plano, chegam aos japo-

neses, chamando sua atenção. Olham na direção do curral, enquanto Massao, em sua língua, explica:

(13) サユリー まあ どうしたんですか あの牛
マサオ— エリをくわすために あいやって 牛を
追いこんで まるんじゃ
キョシロ— 見事なもんですね あの牛を 追って
いる連中
マサオ— ああ 思うように牛を 育かすことが
できる連中だ

TRADUÇÃO:

SAYURI: Oh, que houve com aqueles bois?

MASSAO: Tangem os bois daquele jeito para o curral, a fim de darem comida.

KYOSHIRO: Que habilidade daquela turma, no tanger os bois!

MASSAO: Ah, sim. Eles manejam o gado como querem.

Enquanto Massao explica, câmera, em Trav-Avante, aproxima-se de Sayuri, particularmente interessada nas palavras do fazendeiro, os olhos presos em Antônio Garcia.

SOM - Sobem acordes de música japonesa, com o som do "shamissen", ou do "koto", mais delicado e feminino.

20. Modificando a angulação, câmera agora focaliza o grupo em P.M.

Os japoneses, ajudados pelos empregados, agora deslocam-se para o interior da fazenda, subindo os degraus do alpendre.

Depois entram na casa.

INTERIOR - FAZENDA DO JAPONÊS - TARDINHA

21. O grupo agora atravessa a sala-de-visitas, vasto cômodo com janelas que dão para a varanda, e no qual se percebe, de mistura com objetos, móveis e utensílios da vida brasileira, a lembrança da terra japonesa, com sua atmosfera inconfundível, diluída pelo tempo e a distância.

Sayuri e dona Mari interessam-se por tudo, comentando as coisas que vêem, enquanto Massao e Kyoshiro conversam sobre parentes, amigos e acontecimentos do Japão.

Câmera, em Trav-Atrás, enquadra Sayuri e dona Mari à frente, em P.A.

As duas param diante de um quadro, pregado à parede, vendo-se, sobre um móvel, uma foto de mulher. Perto delas um sofá, com o tecido desbotado.

Dialogam em japonês:

(15) サユリ — これは おばあさんの 写真から 写したもの
ですか。
ユリ — そうでしょうね
サユリ — こっちは マリア様と 一緒に 写した
ユリ — これから 暑いですね。 お母さん
汗かいて 写すの 大変だったんじゃないかしら
サユリ — きっと そうでしょうね 暑くて 死にそうに
なったかもしれません
ユリ — そうかしらね

オヨシロ — 山田の おばあさんも もうすっかり 歳の
せい
マサオ — そうだろうね 年をとると 淋しくなって
来るんだろうね
オヨシロ — すぐ すぐ 手紙を 出すって いいます。
ところが おばあさんは 手が ふるえるので 字が
書けない。
マサオ — それは 大変だ。 つらいだろうなあ

エー、みんな 驚かせるようですが、... かわいそう
パーさん 時には 忘れないから すぐと 思うように
なった....

TRADUÇÃO:

SAYURI: Este quadro do Monte Fuji, será que o titio o trouxe do Japão, quando veio para cá?

MARI: Deve ser.

SAYURI: E esta deve ser a figura de Maria.

Mari avança alguns passos e vai sentar-se no sofá, dizendo:

MARI: Doravante, em vez de "tatami", vamos nos sentar assim... (senta-se no sofá).

SAYURI: Com o tempo, vamos nos acostumar tanto que não conseguiremos mais sentar sobre o "tatami".

MARI: É, pode ser.

Depois câmera, fazendo panorâmica, deixa as duas mulheres e vai enquadrar Massao e Kyoshiro, parados não longe de Sayuri e dona Mari. Os dois também conversam em japonês:

KYOSHIRO: O tio Yamada já está com os cabelos todos brancos.

MASSAO: Imagino. Ele é 5 anos mais velho do que eu. Como vai a tia Nishiyama?

KYOSHIRO: Ainda está forte. E o titio, o senhor parece bem moço para sua idade.

MASSAO: Isso é devido ao clima bom do Brasil, que permite que se viva tranquilamente... Mas, depois da morte da velha, sinto que perdi um pouco o ânimo...

22. Depois o grupo recomeça a caminhar, deixando a sala e ganhando um corredor que leva aos quartos.

Massao indica o quarto de Kyoshiro e Sayuri e, ao lado dele, o que reservou para dona Mari.

A bagagem é dividida, e o grupo se dispersa.

INTERIOR - SALA DE JANTAR - NOITE

23. Câmera enquadra, inicialmente em P.G., os quatro japoneses em torno da mesa de refeições da sala-de-jantar.

Pratos típicos brasileiros, de mistura com outros, da cozinha japonesa, mostram a curiosa absorção de hábitos e costumes, que fazem daquele lugar um ponto de encontro de duas raças e duas culturas.

A refeição é alegre, movimentada, com detalhes pitorescos que a câmera, sob a inspiração local, capta com flexibilidade, destacando a curiosidade dos recém-chegados, Sayuri, principalmente, pelas coisas brasileiras que desconhecem.

Modo de comer, pratos, condimentos, a expressão meio atoleimada da velha "siá" Engrácia, tudo é motivo para o divertimento dos estrangeiros.

24. Câmera enquadra Massao à cabeceira, à esquerda do quadro, em 3/4 de perfil, e, à direita, fixadas em P.A., Sayuri e dona Mari.

A mãe de Kyoshiro aponta um prato e indaga, em japonês. prosseguindo, depois, a conversa na língua oriental:

(17) マリ — これは何ですか？

マサオ — それはとうふーじゃ

サユリ — これお刺身なの？

マサオ — [illegible]

サユリ・マリ — [illegible]

マサオ — [illegible]

[illegible] — [illegible]

マサオ — [illegible]

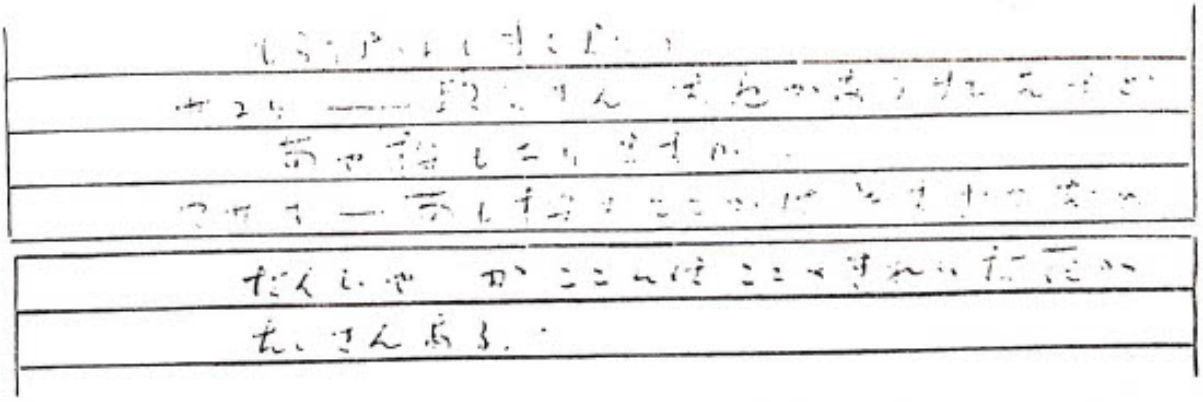
[illegible] — [illegible]

マサオ — [illegible]

マリ — [illegible]

マサオ — [illegible]

マリ — [illegible]



TRADUÇÃO:

MARI: Que é isto?

MASSAO: É xuxu. Parecido com pepino.

SAYURI: E este prato?

MASSAO: Dão o nome de "galinha ao molho pardo".

SAYURI e MARI: Que vem a ser?

25. Neste ponto do diálogo câmera inverte a angulação, deixando agora Sayuri e dona Mari em 3/4 de perfil, ligeiramente à esquerda do quadro e, ao centro e à direita, à cabeceira da mesa, o velho fazendeiro japonês que, vendo chegar "siá" Engrácia, volta-se para a cozinheira e pergunta, em português:

MASSAO: Que é molho pardo?

ENGRÁCIA: Sangue de galinha com molho de vinagre.

MASSAO (novamente em japonês): Cozida com molho feito com sangue da galinha e vinagre.

SAYURI e MARI: Oh!

MASSAO: Eu tenho também uma horta.

26. Instalada em carrinho, câmera inicia Trav-Lateral, mostrando Kyoshiro, quase de costas, em frente a Sayuri, as duas mulheres e o velho fazendeiro. O diálogo em japonês prossegue:

MARI: Verdade? Então tem beringelas, nabos e acelgas?

MASSAO: Não, essas coisas ainda não tenho. Gosta-

ria de ter, mas não consigo obter as sementes.

MARI: Nesse caso, vamos pedir que nos mandem do Japão.

SAYURI: Titio, há ameixeiras e cerejeiras?

MASSAO: Com este calor, não dão bem nem a flor de ameixeira, nem a de cerejeira. Mas aqui há muitas flores lindíssimas.

O "travelling" termina quando a câmera estiver focalizando Massao em P.P.

INTERIOR - SALA DE VISITAS - NOITE

27. Após enquadrar um vaso de flores em P.P., câmera, em carrinho, recua, abrindo o campo visual e deixando ver Sayuri que as examina, cheia de curiosidade.

Perto da japonesa, junto à janela, estão Kyoshiro e a mãe.

SOM - Ouvem-se passos, off, de alguém que se aproxima.

Massao Takeda entra no quadro, pela esquerda, aproximando-se de Sayuri e ficando diante dela em 3/4 de perfil, todo o quadro em P.A.

O fazendeiro traz uma bela boneca japonesa, vestida com o quimono tradicional, cheio de cores, que faz entrega a Sayuri, dizendo em japonês:

(12) マサオ — これは キミコが 大すきにいたしてで
が
サユリ — 主お きれい (とても、とも)
マサオ — ほんとに キモいが 高いかもしこと
マサオ — それを もんこんでください
サユリ — ほんとですか。
マサオ — ええ、もらってください
サユリ — それから、ほんとに、ほんとに...
すみません。

TRADUÇÃO:

MASSAO: Esta era a preferida de Kimie.

SAYURI: Oh, como é linda! (pega na mão).

MARI: É sim! Que estampa bonita do quimono.

MASSAO: Dou-lhe de presente.

SAYURI: Verdade?

MASSAO: Ah, fique com ela.

SAYURI: Muito obrigada, titio. Guardarei com carinho.

Durante o diálogo, câmera, em Trav-Avante, aproximar-se-á de Sayuri e Massao, terminando a sequência com o P.P. do rosto da bela japonesinha, feliz e agradecida com o presente do fazendeiro.

SOM - Durante o diálogo, predomina na trilha sonora o som do "shamissen" japonês, com ruídos distantes da fazenda: mugir de bois, latidos de cães, etc.

SEQUÊNCIA 2

INTERIOR - QUARTO DE MASSAO - NOITE

28. Mais tarde, no silêncio da noite, câmera penetra na intimidade do quarto de Massao Takeda, fixando-o, já pronto para dormir, quando se aproxima de uma velha cômoda, sobre a qual se vê, destacando-se entre outros objetos, uma velha fotografia emoldurada.

Após seguir o velho fazendeiro em panorâmica e fixá-lo diante do móvel em P.A., câmera inicia Trav-Avante até enquadrar o rosto de Massao em P.P., à direita do quadro e, no centro, a fotografia amarelecida de Kimie, esposa do japonês, falecida algum tempo atrás.

Kimie, na foto, veste o traje nupcial e deixa ver enorme semelhança com Sayuri, desvendando, assim, o motivo da secreta emoção

de Massao quando, no porto, viu pela primeira vez a mulher do sobrinho.

A tomada se conclui com novo movimento de aproximação da câmera, montada em carrinho, quando, no final, focalizará a foto de Kimie em P.P.P., deixando ver o rosto puro e reflexivo, a expressão delicada, quase infantil, cheia de feminilidade e recato, da japonesa.

SOM - Música, de inspiração japonesa, com predominância do som do "shamissen", pontilhará romanticamente, e com nostalgia, a sequência.

INTERIOR - QUARTO DE SAYURI - NOITE

29. Cortando do plano anterior, do detalhe da fotografia de Kimie, para o primeiro-plano de Sayuri, em seu quarto na fazenda, câmera ressalta a grande semelhança entre as duas mulheres.

A mulher de Kyoshiro está sentada diante da penteadeira, e alisa os longos cabelos pretos, preparando-se para dormir.

Depois câmera recua, abrindo o quadro e deixando ver o sobrinho de Massao que, em traje de dormir, vai ao encontro da esposa, que recosta nele a cabeça, enquanto dialogam, em japonês.

Durante o diálogo, o "decoupage" detalhará a expressão feliz e amorosa do casal, partindo de um para outro.

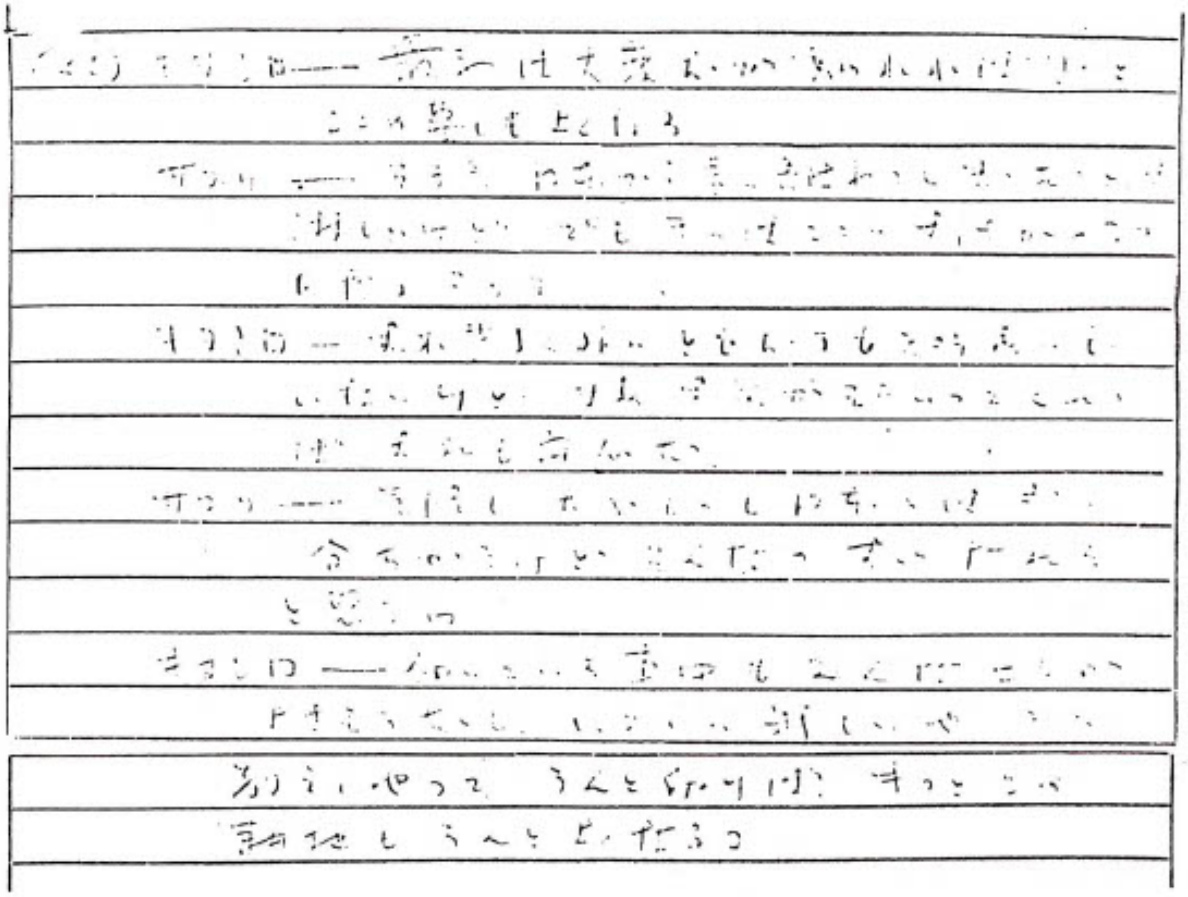
30. P.P. de Sayuri, respondendo ao marido.

31. P.P. de Kyoshiro, recordando a pátria distante.

32. P.P. do casal, visto através do espelho da penteadeira.

SOM - Na trilha sonora, durante este diálogo, alternam-se sons do "shamissen", de timbre feminino, e do "shakuhatchi" (flauta de bambu), que tem som másculo.

Este será o diálogo japonês do casal:



TRADUÇÃO:

KYOSHIRO: No começo será duro, mas, com o tempo, nos acostumaremos e gostaremos da vida daqui.

SAYURI: É, tenho saudades do Japão, que está tão distante, mas tenho a impressão de que gostarei de viver aqui.

KYOSHIRO: Não temos amigos nem conhecidos, mas as suas palavras me tranquilizam.

SAYURI: O clima e a comida diferem muito do Japão, mas acho que logo nos acostumaremos.

KYOSHIRO: As pessoas que trabalham também parecem boa gente, se ensinar métodos novos e trabalhar bastante, acredito que a lavoura melhorará muito.

Dizendo as últimas palavras, relativas à fazenda, Kyoshiro caminha até a janela, perto da penteadeira. Câmera segue-o, am Trav-Av., até fixar em P.G. a paisagem noturna.

EXTERIOR - QUARTO DE MASSAO - NOITE

33. Colocada na parte externa da fazenda, câmera enquadra, em P.A. a janela do quarto de Massao Takeda, na qual, observando também a paisagem noturna, o velho fazendeiro faz contraste com a juventude do sobrinho, visto na tomada anterior.

Depois Massao deixa a janela, voltando ao interior do quarto.

INTERIOR - QUARTO DE MASSAO - NOITE

34. Em "raccord" com o movimento da tomada anterior, Massao Takeda afasta-se da janela, no interior de seu quarto, caminha na direção do leito, apaga a luz e se deita, melancólico e pensativo.

Câmera avança, em "travelling", até enquadrar seu rosto em P.P., e no qual se destacam a velhice e um ar cansado e triste.

SOM - Música japonesa, triste, nostálgica, com sons do "koto" e do "shakuhatchi" mais destacados.

SEQUÊNCIA 3

EXTERIOR - PÁTIO DA FAZENDA - MANHÃ

35. P.P. por Trav-Lateral e P.M. por Pan-D-E. - Câmera, no carrinho, inicia lento Trav-Lat., enquadrando empregados brasileiros da Fazenda do Japonês no pátio fronteiro da casa-grande.

São homens e mulheres humildes, queimados pelo sol forte do sertão, a pele curtida, o ar resignado.

Nesta primeira parte da sequência, durante o movimento descritivo da câmera, será captada parte da dialogação mantida pelos roceiros, comentando os acontecimentos:

UM ROCEIRO: Virge, não é que o velho Massao agora tá todo prosa? E a pois ontem não chegaram, para morar com ele, três japoneses?

OUTRO ROCEIRO: Parentes do velho?

UM ROCEIRO: Quero crer.

OUTRO ROCEIRO: É um traste de gente esquisita... É os zói, é a fala: tilili, tilili, tilili...

UM VAQUEIRO: Até que a moça dos olhos rasgados é bem apanhadinha...

OUTRO VAQUEIRO: E é gente que aumenta naquela base, feito mocó...

Terminado o Trav-Lat., câmera faz panorâmica direita-esquerda e enquadra, em P.M., o pátio da fazenda, no qual se reúnem os empregados brasileiros de Massao Takeda e, ao fundo, a varanda e a porta de entrada da casa-grande.

Os roceiros estão dispostos em grupos, comentando a chegada dos nipônicos.

SOM - Ruídos característicos de fazenda: mugir do gado, cacarejar de galinhas, cantos de galo, latidos de cachorros, etc.

36. Com a câmera-na-mão, o operador se movimenta pelo pátio da fazendo, captando, aqui e ali, os diálogos dos roceiros:

UMA MULHER: Japonês é gente séria, trabalhadora. Gente que gosta das coisas bem arrumadas. Não é como os mocorongos preguiçosos deste sertão.

UM VAQUEIRO: Comadre Balbina já tá toda caída pelos chinas...

MULHER: Tou falando a verdade.

UM VAQUEIRO (a outro vaqueiro): O Coronel Amaro, da Caraíba, anda dizendo que esses gringos só sabem é explorar os empregados, pagando pouco e dando trabalho demais.

OUTRO VAQUEIRO: Conversa, homem. Explorador é o Coronel Amaro. Usura como ele só. Ele tá é querendo

entrar nas terra de "seu" Massao.

UM VAQUEIRO: É, não dei lá ouvido não. Penso que é intriga de "seu" Coronel.

UM ROCEIRO: Então, tá a fazenda com gente nova? Novo patrão?

OUTRO ROCEIRO: É os zói, é a fala: tilili, tilili...

Câmera concluirá sua movimentação livre,pelos grupos de roceiros, quando focalizar, em P.P., num canto do pátio, o capataz, Antônio Garcia, caladão, fumando um cigarro de palha.

É quando, em volta dele, o vozerio cessa, com a atenção de todos voltada para a casa-grande.

SOM : Cessa o burburinho das pessoas. Ruídos da fazenda em bg.

37. Enquadra-se a porta da entrada da sede. Massao Takeda chega do interior, precedendo os parentes, recém-chegados, que vêm atrás.

Sayuri, desejando prestigiar o instante da apresentação, veste vistoso traje feminino, cheio de cores, da tradição japonesa, destacando-se fortemente no ambiente, em contraste com a indumentária pobre dos brasileiros.

A aparição da linda japonesa provoca sensação naquele mundo rústico, perdido no sertão.

38. Deixando o grupo de japoneses à esquerda do quadro, câmera, instalada na varanda da fazenda, enquadra parte do pátio fronteiro e os empregados que dão alguns passos adiante, aproximando-se mais da casa.

Panoramizando da esquerda-para-direita, câmera centraliza a figura de Antônio Garcia e, em seguida, pelo movimento de aproximação da lente "Zoom", vai lentamente enquadrá-lo em P.P., deixando ver sua grande admiração, quase fascínio, que a figura de Sayuri provoca.

39. Mudando a angulação, câmera volta a focalizar a varanda da casa-grande, favorecendo o velho Massao que, ao pé da escadinha que conduz à entrada, dirige-se aos empregados e, em seu português pitoresco, de

forte sotaque, faz as apresentações:

MASSAO: Fazer conhecimento para japonês: sobrinho Kyoshiro Takeda; mulher sobrinho; mãe sobrinho, Mari Takeda.

Os empregados sertanejos aproximam-se, uns retirando os chapéus, outros esticando os braços, para cumprimentar os japoneses. Estes curvam-se primeiro, à maneira oriental, e depois apertam a mão, com embaraço, marcando, assim, um desencontro de duas culturas.

Um vaqueiro, mais desembaraço, diz:

VAQUEIRO: Muita paz e saúde...

Uma mulher de cor preta, gorda e simpática, exclama:

MULHER DE COR: Senhor do Bonfim zele por todos nós.

EXTERIOR - VARANDA DA FAZENDA - MANHÃ

40. Instalada na varanda da casa-grande, câmera enquadra, em P.A., a fila dos empregados que sobem a escadinha e, um a um, vão sendo apresentados aos japoneses pelo fazendeiro, que lhes fala em sua língua:

35) マサオ ―― これはマリオさや そうたにまで
それからハウロの これはアントニオ
かれこそしや アントニオはわたしの友だち
よろしくおねがいいたします
以上や

TRADUÇÃO: MASSAO:

Este é Mário. O outro é José. Aquele é Paulo...

Quando Antônio Garcia, o capataz, se aproxima dos japoneses, o chapéu à mão, Massao Takeda o apresenta com mais interesse e consideração:

MASSAO: Este é Antônio Garcia. O Antônio é o meu

braço direito, homem de minha confiança.

41. Ao acercar-se de Sayuri, Antônio Garcia fica, a seu lado, em P.P., quando a objetiva revela a forte impressão que a moça lhe provoca.

Câmera faz panorâmica alto-baixo, até detalhar as mãos de Garcia e de Sayuri, que se tocam levemente.

SOM - Na trilha sonora ouvem-se acordes expressivos do "shamissen", de mistura com batidas discretas de atabaque do Candomblé.

SEQUÊNCIA 4

EXTERIOR - CURRAL - DIA

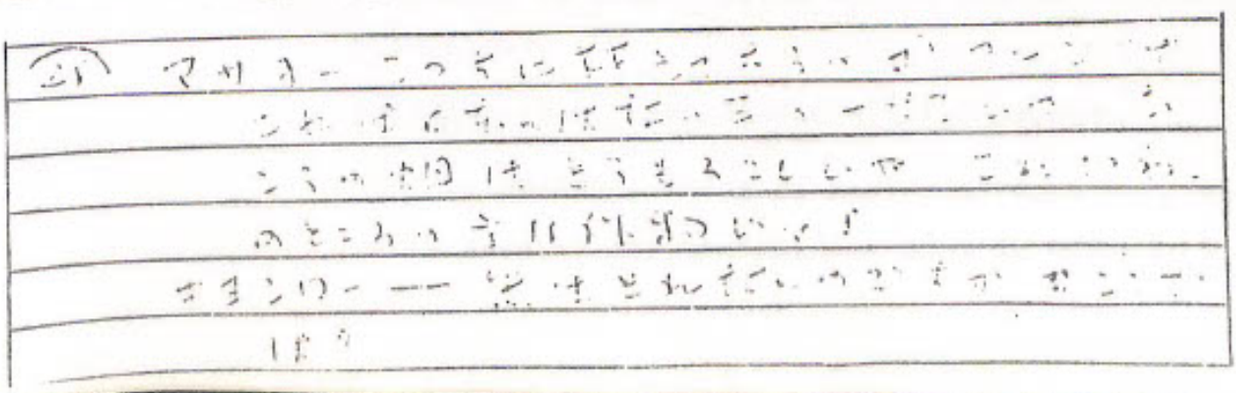
42. As mãos de Antônio Garcia agora são vistas, também em detalhe, trabalhando no curral, separando o gado, preparando a nova ordenha, mandando para o pasto os bois de engorda.

Câmera, em seguida, recua e faz panorâmica, abrindo até P.G. e mostrando, ao fundo, Massao e Kyoshiro, montados a cavalo, e Sayuri e dona Mari, caminhando nas imediações da casa-grande.

SOM - Ruídos fortes da fazenda, com predominância para mugidos do gado.

EXTERIOR - CAMINHO NA FAZENDA - DIA

43. Câmera, em Trav-Atrás, enquadra em P.A. Massao e Kyoshiro Takeda, montados em seus cavalos, examinando a fazenda e conversando, naturalmente em língua japonesa:



マサオ —— うん おいがはきおりものいちばん
げんていいろ
ゆいうのはあいがまうおおすぎにかさい
かんがらさくいるくらやが これかうで
すふんぜいこもうかつも しや
キヨシロ —— ばい ーこーおさやうまで
マサオ —— 外へ出アントヲが、この
まいは いちいさ ふれんぜんこといば、
なっている おいいまかせいおう
キヨシロ いやもりたところこれコーヒーの
どいうのおかりがどこしあまりせいお

がたくさんいるようですえ
マサオ —— ふ、ここうへん 一番えたこうだんいや
キヨシロ —— 水をひけれぱあしは苦すかが、
なると思うんですか 心こんかーはたこん
ですか
マサオ —— いや 花にことはない。こっちのそ
うきのばかりがったところに はまかふる
まあ小さだいすやが..
キヨシロ —— そうですかそうやいい。
マサオ —— あしも思うからそ・水をひいことを
えとりたんしやが...
キヨシロ 学生その水さ引用しようやな、そ
かえのこさん ヒそかくそのおもいや
くれすさんか
マサオ —— ふ、すくそしや かいえいよう

TRADUÇÃO:

MASSAO: O que está plantado deste lado é mandioca. É uma batata que não existe no Japão. Aquela ali é plantação de milho. Estas são as minhas culturas principais.

KYOSHIRO: Aqui não adianta plantar arroz?

MASSAO: Adianta. Todos os anos plantamos um pouco em terra seca. A lavoura está em mãos de camaradas, mas

daquí em diante espero contar com a sua ajuda.

KYOSHIRO: Pois não. Empenhar-me-ei com toda a minha força.

MASSAO: O gado está confiado inteiramente a Antônio Garcia. De gado ele entende bem. Pode-se ficar tranquilo.

KYOSHIRO: Está me parecendo que esta tal de caatinga é areia, não se encontrando terra muito boa.

MASSAO: É verdade, tudo por aqui é deste jeito.

KYOSHIRO: Acho que com um pouco de água melhoram as plantações. Não existe aguada por perto?

MASSAO: Existir, existe. Seguindo-se um quilômetro deste lado se encontra um rio. Se bem que pequeno...

KYOSHIRO: Ah, sim? Isso é bom.

MASSAO: Eu também faz tempo que pensava em puxar a água desse rio, mas...

KYOSHIRO: Titio, que tal se aproveitassemos imediatamente essa água? Seja como for, mostre-me o rio.

MASSAO: Ahn, fica logo aí. Vamos até lá.

44. Mudando a angulação, câmera enquadra Massao e o sobrinho, a cavalo, em seu passeio pela fazenda. Estão numa trilha de terra que leva ao pasto. Dizendo as últimas palavras, e apontando para o lugar onde fica o riacho, por trás de um serrote, Massao esporeia o cavalo, que arranca num galope. Kyoshiro faz o mesmo e, mais adiante, emparelha-se com o tio.

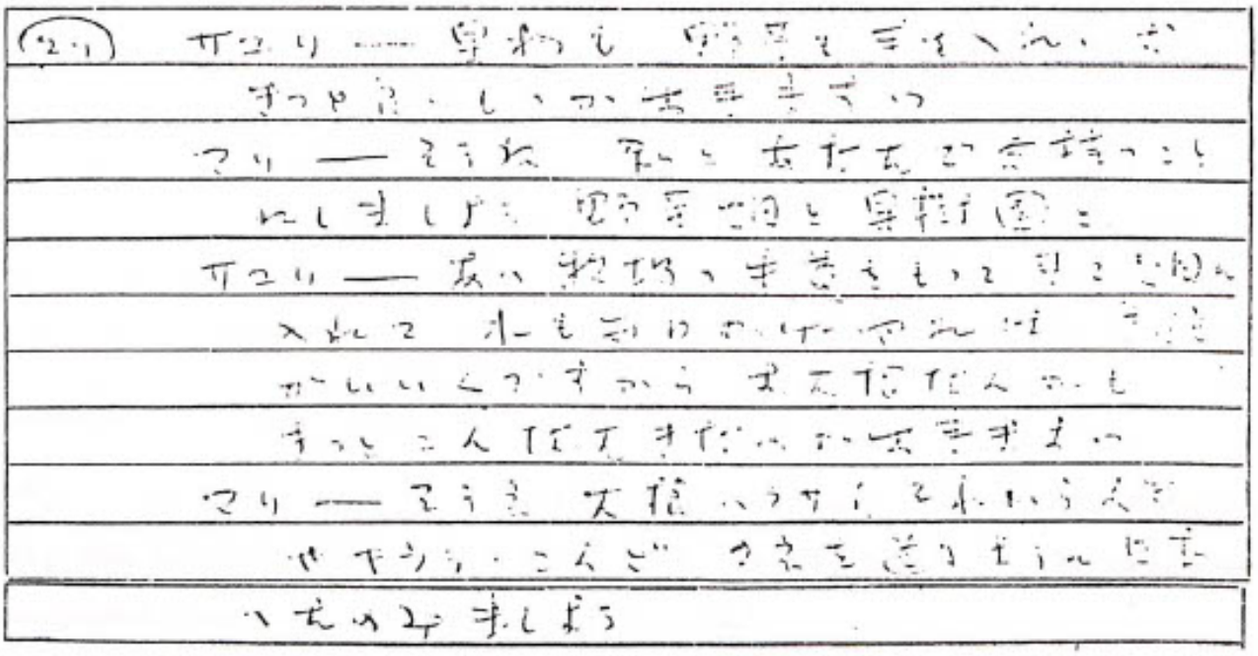
Câmera, em panorâmica direita-esquerda, segue, por algum tempo os dois. Depois se imobiliza e focaliza os dois cavalos que se distanciam, em P.G.

SOM - Galope de dois cavalos. Mugidos de bois e ruídos diversos da fazenda.

EXTERIOR - HORTA — DIA

45. Perto da casa-grande, dona Mari e Sayuri também fazem, a pé, um passeio pela fazenda.

Visitam a horta, o jardim e o pomar. Câmera segue-as, captando sua reação, sua curiosidade por tudo o que vêem. Conversam em japonês e fazem planos de trabalho na propriedade rural:



TRADUÇÃO:

SAYURI: Com melhor trato, poderemos ter frutas e verduras bem boas, não acha?

MARI: Acho sim. Vamos nós duas nos encarregar da horta e do pomar.

SAYURI: Se adubarmos com o esterco daquele pasto, e dermos água todos os dias, com o clima daqui colheríamos nabos deste tamanho.

MARI: É verdade. Nabos, acelgas, cenouras e pepinos. Vamos pedir ao Japão que nos mandem sementes.

SOM - Discreta melodia japonesa, com predominância do som do "shakuhatchi".

EXTERIOR - CURRAL - DIA

46. No curral, trabalhando, Antônio Garcia acompanha, de longe,

o passeio das japonesas, atraído pela delicada figura de Sayuri.

Câmera enquadra o capataz em P.P., entrando no quadro também a cabeça de um bezerro, de quem se ocupa. Sua atenção, contudo, se concentra na linda japonesinha, metros adiante.

47. Como ponto-de-vista de Antônio Garcia, câmera focaliza, em P.G., as duas mulheres que agora estão próximas do jardim.

SOM - Na trilha sonora a melodia japonesa é invadida por sons brasileiros: uma viola, sons rítmicos do Candomblé. Em segundo-plano, ruídos da fazenda.

EXTERIOR - CANTO DO JARDIM - DIA

48. Dona Mari e Sayuri agora se aproximam do canto do jardim onde, num modesto túmulo construído por Massao, lembrando ligeiramente um pagode japonês, está enterrada Kimie.

As duas mulheres colhem algumas flores e, curvadas à moda de seu país, depositam-nas sobre a lousa do túmulo, fazendo preces.

Depois tornam a caminhar, na direção do curral.

EXTERIOR - LOCAL COM RIACHO - DIA

49. Distante dalí, Massao e Kyoshiro examinam, num pequeno vale, o curso d'água que serpenteia no chão árido. Depois tornam a montar e continuam o passeio.

EXTERIOR - CURRAL - DIA

50. Sayuri e dona Mari agora estão próximas do curral. A moça reconhece, então, cuidando sempre do bezerrinho, a figura máscula do capataz baiano, o busto nu e musculoso, banhado em suor.

Deixando Sayuri à esquerda do quadro, em 3/4 de perfil, câmera enquadra Antônio Garcia ao fundo, em P.M. Ele percebe a chegada das duas mulheres, levanta a vista e, com ligeiro cumprimento, fixa na moça um olhar penetrante e sensual.

51. Invertendo a angulação, em contra-campo, câmera agora deixa

o capataz à esquerda do quadro, em 3/4 de perfil e, ao fundo, as duas mulheres, favorecendo Sayuri que também, intimidada, confusa, retribui o cumprimento do baiano com ligeiro abaixar de cabeça.

Depois as japonesas se afastam, enquanto Garcia solta o bezerro e, de um salto, monta no cavalo, solta um grito forte e põe o gado a caminho do pasto.

52. Em nova angulação, câmera continua a documentar o passeio de Sayuri e Mari, mostrando ao fundo do quadro, em P.G., o capataz que se afasta na direção do pasto.

As japonesas caminham de leve, marcando, como detalhe extravagante e inusitado, aquele mundo casticante do sertão.

SOM - A música incidental, misturando timbres e melodias brasileiras e nipônicas, vai para primeiro-plano, enquanto, em bg., se ouvem os gritos de Antônio Garcia, tangendo os bois.

ANTÔNIO GARCIA: Ê boi!... Fasta vaca!... Passa, Morena!... Vamos! Ê boi!...

SEQUÊNCIA 5

EXTERIORES E INTERIORES DA FAZENDA - DIA E NOITE

53. A próxima sequência será composta de "flashes" da vida rural e das imagens dos primeiros tempos de ambientação dos japoneses na nova terra.

Alternando e misturando temas musicais, de inspiração brasileira e japonesa, a sequência terá um ordenamento intemporal e alegórico.

A primeira tomada mostra o início da construção de novo galpão para a criação de aves.

54.55.56. - Construção de um canal de irrigação, utilizando a água do riacho visto na tomada 49.

57.58.59.60. - Ampliação da horta e do pomar, com o plantio de novos legumes e árvores frutíferas, melhor adubados.

61.62.63. - "Flashes" do plantio de algodão em terras da fazenda.

64.65.66.67.68.69.70. - Câmera, em tomadas dinâmicas, de angulação e distância variadas, documenta os melhoramentos que os japoneses introduzem em instalações da fazenda: currais, paiol, pocilga, galinheiro, águada, etc.

71.72.73.74. - "Flashes" de Massao e Kyoshiro ao trabalho, cuidando das plantações, e de Antônio Garcia e seus vaqueiros, na labuta do gado, agora mais numeroso.

75.76.77.78. - Idem, de Sayuri e dona Mari, muito atarefadas no trabalho e melhoria da horta, jardim e pomar.

79.80.81.82. - O canal de irrigação já está pronto, irrigando e fertilizando terras da fazenda.

83.84.85. - Também está concluído o novo galpão para a avicultura.

86.87.88.89.90. - Massao, Kyoshiro, Sayuri e dona Mari agora são vistos à mesa de refeições, sobre a qual se mostram novos pratos brasileiros e japoneses. "Siá" Engrácia, na cozinha, está muito atarefada.

EXTERIOR - FEIRA POPULAR - DIA

91.92.93.94.95. - Massao, Kyoshiro, Pedro e outros empregados transportam aves, ovos, legumes e outros produtos da fazenda para uma feira popular de cidade próxima. Em certo momento, comentando a presença insólita dos japoneses na localidade, alguns fazendeiros vizinhos, inclusive o Coronel Amaro, são também fixados na feira.

Deixando o Coronel e seus amigos, entre os quais alguns vaqueiros, em P.P. e, ao fundo, os japoneses transacionando os produtos de sua propriedade, câmera capta pedaços de seus comentários mordazes:

CORONEL AMARO (para os amigos): Já viram como os chinas andam progredindo? Só penso nestes baianos bestas, empregados de "ligue-lé". Japonês é pra plantar abobrinha... Onde japonês dá importância? Importância tem é este Coronel Amaro, para acobertar tudo, até o errado, se achar que o errado tá certo. Entenderam? Me admira o Antônio Garcia, um homem novo, forte, continuar ali...

UM VAQUEIRO: Mas ele era de lá, nasceu lá. A fazenda era do Corqnel Juvêncio.

CORONEL AMARO: Era, mas não é mais. Hoje é dum japonês. E japonês não entende de gado, só entende de horta... (ri).

UM SITIANTE: É, seu Coronel, mas a fazenda do homem tá é prosperando.

CORONEL AMARO: Graças a Antônio Garcia. Agora, Antônio Garcia, se bem ouvido, devia de trabalhar era para coronel baiano, isto sim.

EXTERIORES - FAZENDA - DIA

96.97.98. - Novos "flashes" das inovações e dinamismo que agora fazem prosperar a "Fazenda do Japonês". Uma das tomadas mostra Kyoshiro, já falando o português, meio arrevesado e com forte sotaque, dando ordens a empregados:

KYOSHIRO: Mim querer muito limpa, tudo. Mim querer sem preguiço.

O japonês se afasta, enquato câmera, em Trav-Ayante, vai fixar os empregados em P.P. , comentando, irônicos:

EMPREGADO: Preguiço, preguiço... (ri).

OUTRO EMPREGADO: A gente receber ordens destes zoinhos da menhã... Esta não. "Mim querer, mim querer, mim querer..." (RISOS DOS EMPREGADOS).

99.100.101.102. - Noutro canto, perto do galpão onde se guardam arreios e carroças, Sayuri aprende a montar a cavalo. Traz um chapéu de palha na cabeça e monta amedrontada, dando risadas. Ao lado dela, como atento professor, Antônio Garcia sofreia o cavalo. Mais adiante, da varanda da casa-grande, Massao Takeda recomenda ao capataz:

MASSAO: "Seu" Antônio ter todo cuidado. Moça quer

montar. Cavalo é manso. Não deixar cavalo correr. Não deixar moça cair. Todo cuidado.

Depois Garcia, montando também seu cavalo baio, segue ao lado da japonesa, atento, para um passeio nas imediações da sede.

Kyoshiro, perto da varanda, acompanha, preocupado, com os olhos, o passeio de Sayuri.

EXTERIOR - PÁTIO DA FAZENDA - TARDE

103.104.105.106. - Sentado na varanda, Massao Takeda, com olhar melancólico, só percebido pela objetiva, acompanha, disfarçadamente, no fim de um dia de trabalho, o caminhar de Sayuri e Kyoshiro pelas imediações da fazenda.

A tele-objetiva detalha o rosto feliz do casal, entregue à sua intimidade, enquanto Massao, de seu lugar, solitário e deprimido, é uma imagem contrastante e envelhecida.

EXTERIOR - HORTA - MANHÃ

107.108.109.110. - Outro detalhe, nesta sequência especial, revelará, também veladamente, a crescente influência de Sayuri nos sentimentos rudes de Antônio Garcia. O capataz, levando ao colo um bezerro recém-nascido, aproxima-se da japonesinha, que planta sementes na horta, e lhe diz:

ANTÔNIO GARCIA: Não é bonitinho?

SAYURI (meio espantada): Oh!...

ANTÔNIO GARCIA: É uma bezerrinha. Posso batizar ela de "Sayuri"?

SAYURI (sorrindo): Ah, si, si...

Sayuri afaga a cabeça do animalzinho, enquanto Antônio Garcia, fascinado, a devora com o olhar.

111.112.113. - A sequência se conclui com tomadas, em P.P. , do rosto de Sayuri, Massao e Antônio Garcia, personagens de um conflito que amadurece naquela terra árida, revelando suas reações, seu contraste e antagonismo.

SOM - As últimas tomadas da sequência serão pontilhadas de temas musicais com insinuações dramáticas e pressagiosas, com mistura de timbres japoneses e brasileiros.

SEQUÊNCIA 6

EXTERIOR - FAZENDA DO JAPONÊS - NOITE

114. Colocada em ponto destacado da região, câmera, em P.G., enquadra a casa-grande e outras construções da fazenda.

É noite, uma noite de grande lua, tensa e palpitante.

Câmera, em lento movimento da lente "Zoom", aproxima-se da sede da fazenda, de cujas janelas saem fachos de luz.

Depois penetra no quarto de Massao Takeda.

INTERIOR - QUARTO DE MASSAO - NOITE

115. Câmera, já instalada no carrinho de "travelling", avança no quarto do fazendeiro, até enquadrá-lo em P.P., revelando sua expressão nervosa, sua inquietação e velhice. Massao caminha alguns passos, vai à cômoda e, uma vez mais, contempla o retrato de Kimie, que a objetiva detalha em P.P.P.

SOM - Música insinuante, com predominância de timbres japoneses.

EXTERIOR - JANELA DO QUARTO DE SAYURI - NOITE

116. Instalada no exterior, diante da janela do quarto de Kyoshiro, câmera focaliza, também em P.P.P., o belo rosto de Sayuri.

Depois a "Zoom" recua, abrindo o quadro e deixando ver, ao lado da moça, Kyoshiro Takeda. Os dois apreciam a paisagem noturna e, em seu rosto, há uma expressão de melancolia nostálgica.

Dialogam em japonês, fazendo-se confidências, lembrando o Japão:

(35) サユリ — 静かね ... つゆのせいから涼
しさも ... わずか前迄・暑さも ...
キョシロ — ヒルは蒸かえすが夜は涼し
い ... 秋というよりも春・はじまり
風にも ...
サユリ — 恋しき故郷の事とは・思うこと
キョシロ — うん いまごろ どうしているか
なと ...

TRADUÇÃO:

SAYURI: Como é silencioso... Seria o grilo que está cantando? Parece noite de verão do Japão...

KYOSHIRO: De dia faz calor, mas a noite é realmente agrazível. Em vez de verão, tem-se a sensação de início de outono.

SAYURI: Faz lembrar as coisas do Japão.

KYOSHIRO: Ahn. A estas horas, que estaria fazendo o pessoal?...

Depois a "Zoom" abre mais o quadro, mostrando toda a casa-grande e, através do movimento de panorâmica, vai enquadrar a paisagem circundante.

Mais adiante, clareados pelo luar e pelos fachos luminosos que escapam das janelas, vêem-se os currais, o paiol, os galpões, as árvores do pomar e do jardim e, mais ao fundo, próxima a um facheiro, a casinhosa de Antônio Garcia. Depois de fixá-la, em P.G., a "Zoom" avança em sua direção, fechando o quadro até o P.P. do capataz, sentado à soleira da porta de entrada de sua moradia.

SOM - Música de atmosfera, agora com predominância de tema brasileiro e a introdução de sons de instrumentos típicos e de percussão.

EXTERIOR - CASA DE GARCIA - NOITE

117. Enquadra-se o capataz em P.A., fumando, enigmático.

Pouco depois Garcia levanta-se e, vagarosamente, seguido pela câmera em Pan-D-E, caminha pelas imediações. Vai até um morrinho, onde fica em P.A., e lá, silhuetado contra o céu, fica olhando, demoradamente, a casa da fazenda, de onde agora só escapa um facho de luz.

118. Deixando Antônio Garcia em P.P., à esquerda do quadro, em 3/4 de perfil, câmera mostra, ao fundo, em P.G., a casa-grande. O capataz, fumando o cigarro de palha, demora os olhos na casa onde Sayuri, provavelmente, dorme.

Depois a lente "Zoom" é acionada, aproximando-se, lentamente, do ponto de luz, até delimitar, com nitidez, a janela do quarto de Massao Takeda.

SOM - A música incidental, antes de inspiração brasileira, agora adquire tonalidade japonesa.

INTERIOR - QUARTO DE MASSAO - NOITE

119. No interior do quarto de Massao Takeda, o velho japonês, acocorado a maneira oriental, reza diante da imagem de Buda, protegida num nicho.

Neste instante, ferindo o silêncio da noite, começa a ouvir-se, em som off e bg., o galope de um cavalo.

SOM - Galope de cavalo, em bg.

INTERIOR - QUARTO DE SAYURI - NOITE

120. Transferindo-se para o interior do quarto de Sayuri e Kyoshiro, câmera enquadra, em P.P., o leito do casal. O japonês dorme profundamente, enquanto Sayuri, na semi-obscuridade, ainda está acordada, e também ouve o som do galope.

SOM - Galope, em bg.

É quando Sayuri, com cuidado, sai do leito, enquanto a câmera, no carrinho, recua um pouco, abrindo o quadro e, em seguida, por Pan-E-D, acompanha-a à janela.

121. Deixando Sayuri em P.P. e3/4 de perfil, à esquerda do quadro, câmera mostra ao centro, e à direita, o exterior da fazenda, destacando um caminho de terra que contorna a sede. Por ele vem vindo alguém, a cavalo.

Ao passar diante da janela, o cavalo é refreado, deixando distinguir a figura máscula de Antônio Garcia, que leva a mão direita à aba do chapéu, saudando discretamente a japonesa.

SOM - Na trilha sonora entra tema musical romântico, nervoso, marcando o estranho relacionamento do capataz com a japonesa.

EXTERIOR - CAMINHO DA FAZENDA - NOITE

122. Como ponto-de-vista de Antônio Garcia, a objetiva agora focaliza, ligeiramente do alto, a japonesa que, à janela do quarto, responde quase assustada ao cumprimento do baiano, retirando-se depois para o interior.

123. Colocada à altura da janela, na parte externa da fazenda, câmera enquadra Antônio Garcia que fustiga o cavalo e arranca, em galope, pela estradinha de terra, seguido em panorâmica, até desaparecer numa curva.

SOM - Galope do cavalo, em primeiro-plano sonoro, indo depois para bg. Cresce, então, tema musical misturando viola sertaneja com o som do "shamissen" e do "shakuhatchi".

INTERIOR - QUARTO DE SAYURI - NOITE

124. Sayuri volta a deitar-se, ouvindo, do leito, em bg., o som do

galope do cavalo montado por Garcia.

Câmera, em lento Trav-Avante, vai enquadrar a japonesinha em P.P.P., destacando seu olhar distante, nostálgico, quase assustado.

SOM - Sobe a melodia japonesa, destacando-se o som do "shamisen", como num lamento.

EXTERIOR - ESTRADA DO SERTÃO - NOITE

125. Em corte direto do rosto de Sayuri, câmera focaliza Antônio Garcia também em P.P.P., galopando na estrada de terra.

SOM - Em corte sonoro direto, e marcante, ouvem-se agora o ruído das patas do cavalo baio de Garcia, ferindo o chão e, como comentário musical e rítmico, batidas fortes de tambores e atabaques de Candomblé.

Depois a lente "Zoom" recua, abrindo o quadro e mostrando, em G.P.G. , a paisagem noturna do sertão, o caminho de terra que serpenteia na caatinga arenosa.

126. Câmera enquadra, em P.P., as patas do cavalo golpeando o caminho de terra e levantando nuvens de poeira.

SOM - Ruído forte das patas ferindo o chão.

127. P.P. e Trav-Lateral do rosto de Antônio Garcia, fixado de perfil, os olhos atentos na estrada, a expressão rude e viril.

SOM - Ruídos fortes de atabaques, ritmando o galopar do capataz.

EXTERIOR - PONTA DA SERRA - NOITE

128. Deixando em primeiro-plano o velho sino da igreja de Ponta da Serra, pequena cidade do interior baiano, câmera, instalada na torre do templo, enquadra, em G.P.G. , o miserável arruado com as casas humildes do lugarejo.

Surge na extremidade da praça o cavalo montado por Antônio Garcia, ainda galopando, e que vem parar diante de uma casa, na esquina.

SOM - Ruído do cavalo e, em segundo-plano, sons de baile, com música da época (talvez samba cantado por Francisco Alves), vozes, gargalhadas.

129. Deslocando-se da torre da igreja, câmera agora enquadra Antônio Garcia que completa o movimento de desmontar, diante de uma pensão de mulheres. Depois entra na casa.

SOM - Ruídos mais fortes, com o samba que sai da vitrola, em primeiro-plano, risadas, vozes masculinas e femininas, etc.

INTERIOR - PENSÃO DE MULHERES - NOITE

130. Instalada agora no interior do prostíbulo, também uma espécie de "dancing" da roça, câmera mostra a sala repleta de homens e mulheres, gente do campo, fazendeiros, sitiantes, comerciantes, vendeiros, prostitutas brancas, negras e mulatas. Há muita fumaça e, vindo de uma vitrola, o samba de Francisco Alves fornece o ritmo para a dança.

SOM - Ruídos fortes do ambiente: vozes, risadas, bater de copos e, dominando tudo, o samba cantado por Francisco Alves.

Câmera favorece a chegada de Antônio Garcia, que provoca

certa sensação entre as mulheres. Três delas vão ao encontro do baiano, dizendo:

1a. PROSTITUTA: Eita, chegou o moreno bom!

2a. PROSTITUTA: Oxente! Diabo de macho bonito!

3a. PROSTITUTA: Como vai, meu Tonho? Tu hoje dorme comigo?

Antônio Garcia, lisonjeado, faz alguns agrados nas mulheres, sorridente, sem comprometer-se com nenhuma, enquanto elas continuam a disputá-lo:

1a. PROSTITUTA: Baixa o fogo, sua biroba, que o homem é meu!

2a. PROSTITUTA: É meu!

3a. PROSTITUTA (ameaçadora): É meu!

Câmera, retirada do tripé, e trabalhada na mão, pelo operador, documenta, com versatilidade, a cena pitoresca e movimentada da disputa de Antônio Garcia pelas meretrizes. Elas estão prestes a se engalfinhar, empurrando-se entre si.

É quando, vindo do fundo, aproxima-se Luiza, outra prostituta, uma morena de carnes rijas, seios fartos e lábios grossos, jovem e bonita.

Antônio Garcia aperta-a nos braços, dizendo, feliz:

ANTÔNIO GARCIA: Oi saudade...

As outras mulheres, vendo a preferência do recém-chegado pela companheira, afastam-se, resmungando, enquanto Garcia e Luiza se encaminham para o corredor dos quartos.

131. Noutro ângulo da sala, câmera enquadra o Coronel Amaro perto de um amigo e, ao fundo, Antônio Garcia e Luiza que chegam ao corredor.

O fazendeiro comenta, então, para o companheiro, aperreado:

CORONEL AMARO: O cabra chegou, já se viu. As quengas ficam tudo feito barata tonta. Diacho, só tem aqui de macho ele?! E eu? Tarei perdendo meu tempo? Catona, Catona!

A dona do bordel, uma mulata gorda, de seios enormes, quase à mostra, vem chegando com uma mulatinha muito jovem, acanhada e humilde. Ela fala ao Coronel:

CATONA: Se aperreie não, "seu" Coronel. Olhe, guardei esta só pra vosmincê... Que tal?

CORONEL AMARO: Eu queria era o peixão que foi com o Antônio Garcia.

CATONA: Peixão, aquilo? Olhe, esta, é como mangaba que quer madurar. Tá arroxeando. (NO OUVIDO DO CORONEL). Virgem...

Os olhos do fazendeiro se abrem, lúbricos:

CORONEL AMARO: Verdade?...

CATONA: Limpinha, limpinha...

O Coronel não hesita mais. Agarra a menina pelo braço e ordena:

CORONEL AMARO: Vambora, menina...

INTERIOR - QUARTO DA PENSÃO - NOITE

132. No interior do quarto do bordel, câmera focaliza o capataz e Luiza, que ele despe com sofreguidão, beijando-a na boca, dizendo:

ANTÔNIO GARCIA: Tava torado de saudade!...

LUIZA: Doido, doido!...

Depois o baiano estende a meretriz na cama, despe-se rapidamen-

te e cai sobre ela, fremente. Luiza só murmura, excitadíssima:

LUIZA: Ai, meu desesperado... Impaciente...

Câmera, então, abandona o casal, avança até a janela e, por ela, vai mostrar a paisagem noturna. No quadro, ao fundo, destaca-se contra o céu a torre da velha igreja sertaneja.

SOM - Burburinho em bg, de mistura com música cantada por Gastão Formenti.

SEQUÊNCIA 7

EXTERIOR - HORTA DA FAZENDA - MANHÃ

133. No dia seguinte, pela manhã, a fazenda voltou à sua rotina de todo dia. Sayuri trabalha na horta, com a enxada, preparando a terra para o plantio. Veste um traje leve, deixando ver o colo alvo, os braços delicados. Seus cabelos estão soltos, o rosto se queima ao sol.

Noutra extremidade do canteiro, dona Mari espalha sementes na terra preparada.

Distraída, Sayuri não percebe a aproximação do cavalo montado por Antônio Garcia, que regressa de Ponta da Serra.

SOM - Cavalo (off) se aproximando.

134. Absorta em seu trabalho, a bela japonesinha percebe, finalmente, a aproximação do capataz.

Câmera, em Trav-Avante, vai enquadrá-la em P.P. A moça ergue os olhos, voltando-se lentamente na direção do cavaleiro.

135. Como ponto-de-vista da japonesa, câmera, em "contre-plongée", focaliza, em P.A., o capataz que entra no quadro pela esquerda, estaca o animal e olha fixamente na direção de Sayuri. Seu olhar é penetrante, cheio de desejo e fascínio.

136. Em posição, agora, de "plongée" e contra-campo, câmera enquadra,

também em P.A., a japonesa que pára de trabalhar e, assustada, olha na direção do baiano. Deixa cair a enxada, levanta-se e se afasta alguns metros.

137. Mudando a angulação, indo agora para P.G., câmera deixa Sayuri e Antônio Garcia, montado, à direita do quadro e, ao fundo, a porta da cozinha da casa-grande. Diante dela se vê Kyoshiro Takeda, que acaba de chegar e presencia a cena, compreendendo tudo.

138. P.P. de Kyoshiro, parado à porta dos fundos, olhando na direção do capataz e da mulher.

139. P.P. de Antônio Garcia, no alto do cavalo, os olhos fixos no japonês, quase em desafio.

SOM - Curtos acordes de sons de viola e berimbau, de mistura com batidas de atabaques.

140. P.P. de Sayuri, que vai ao encontro do marido, em off.

141. P.M. do grupo e de parte da horta e dos fundos da fazenda. Antônio Garcia esporeia o cavalo e, tocando a aba do chapéu, arranca em galope.

Sayuri chega perto do marido que, com olhar sombrio, acompanha o capataz, que se afasta.

SOM - Galope, em bg, e curtos acordes de instrumentos de corda e de percussão do Japão.

EXTERIOR - GALPÃO - MANHÃ

142. Antônio Garcia chega ao galpão, apeia, retira o arreio do cavalo e, ao deixar o lugar, vê chegar Massao Takeda. Vai ao seu encontro, desculpando-se:

ANTÔNIO GARCIA: "Seu" Massao me desculpe o atraso. É que estive na Ponta da Serra e, quando cuidei, era tarde.

MASSAO: Tem nada. Ah, amanhã dia de folga para todos. É a "Tanabata Matsuri", festa nossa. Seu Antônio Garcia mandar cortar varas de bambu e levar elas para casa minha. Si?

ANTÔNIO GARCIA: Vossenhoria será servido. Com licença de vossenhoria.

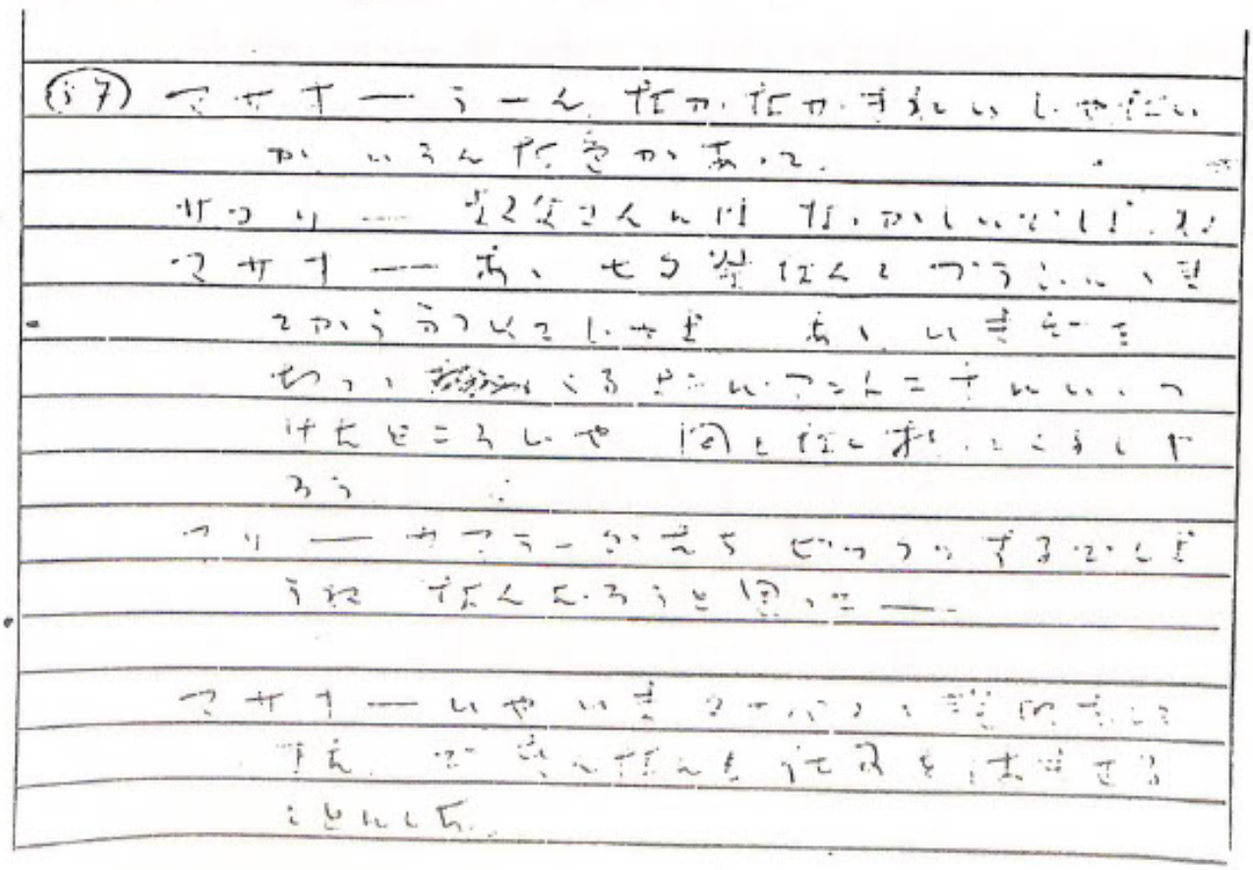
Os dois se separam. Garcia vai ao encontro de alguns empregados, enquanto Massao volta ao interior da sede.

INTERIOR - SALA DE JANTAR - DIA

143. Enquadrando em P.P. a mesa de refeições e, sobre ela, diversas folhas coloridas de papel de seda, arame e lascas de bambu, a objetiva mostra dona Mari e Sayuri que preparam bandeirolas, tiras de papel e lanternas coloridas. Perto delas, de pé, Kyoshiro corta lascas de bambu e, com pedaços de arame, arma as lanternas.

Em algumas tiras de papel já estão escritas frases em caracteres japoneses.

Ao fundo, pela porta da cozinha, chega Massao Takeda. Aproxima-se da mesa, observa os preparativos para a festa e, em seguida, dialoga em japonês com seus parentes:



TRADUÇÃO:

MASSAO: Ah, são muito bonitas, as cores variadas.

SAYURI: Não sente saudades, titio?

MASSAO: Ah, no Brasil é a primeira vez que assistirei a "Tanabata Matsuri". É verdade, mandei agora pouco o Antônio cortar bambus. Logo deverá trazê-los.

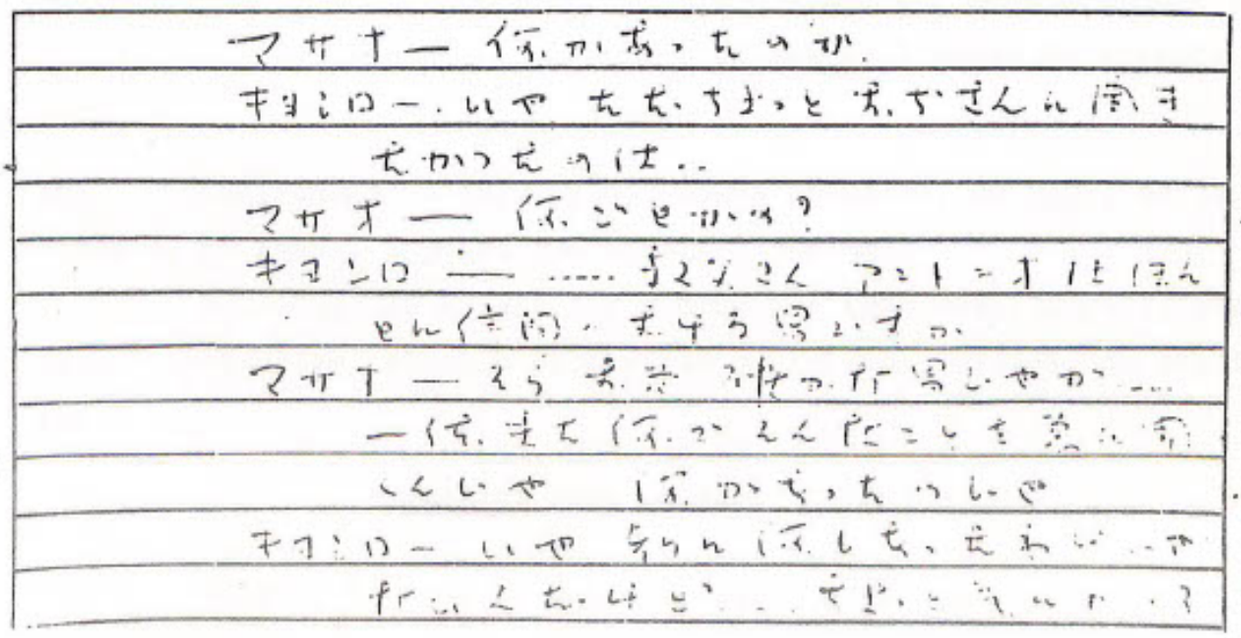
MARI: Os camaradas deverão ter uma surpresa, estranhando, não acha?

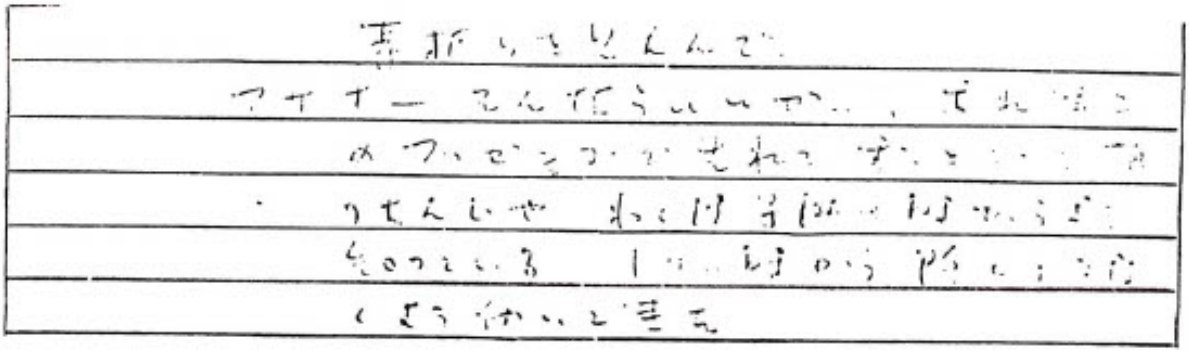
MASSAO: É, mas deixei explicado a eles o que seja "Tanabata Matsuri". Aliás, mandei que encerrassem já os serviços.

SOM - Durante toda a sequência prevalecem, na trilha sonora, sons e melodias de inspiração japonesa.

144. A certa altura do diálogo, Kyoshiro aproxima-se do tio e, discretamente, o conduz para um canto, com ele conversando, em tom de voz discreto, naturalmente em japonês.

Câmera, depois de seguir os dois em Trav-Atrás, acaba por enquadrá-los em P.P., captando seu diálogo:





TRADUÇÃO:

MASSAO: Houve alguma coisa?

KYOSHIRO: Não é nada. Só que gostaria de saber do titio...

MASSAO: Sim?

KYOSHIRO: Titio, Antônio é realmente um homem que merece confiança?

MASSAO: Claro, é um homem direito. Mas, por que quer saber de repente uma coisa dessas? Aconteceu alguma coisa?

KYOSHIRO: Bem, não é que houve algo... Apenas se comportou de um jeito que me intrigou um pouco.

MASSAO: Está bem então. Ele nasceu aqui na fazenda e aqui cresceu. Conheço-o desde pequeno. Desde criança veio trabalhando com afinco.

SOM - Som off de alguém que bate palmas à porta de entrada.

145. Modificando a angulação, câmera enquadra, em P.M., os japoneses e, ao fundo, a porta que conduz à varanda.

O diálogo de Massao e o sobrinho é interrompido pelas palmas. O fazendeiro, olhando na direção da entrada, ordena, em voz alta:

MASSAO: Pode entrar!

Surgem, à porta de entrada, Antônio Garcia e mais dois em-

pregados, trazendo varas de bambu.

Massao vai ao encontro dos homens e diz, apontando um canto da sala:

MASSAO: Ah, si, o bambu! Deixa alí, Antônio. Obrigado!

Depois, acionando a lente "Zoom", câmera vai detalhar uma tira de papel, sobre a qual Sayuri, com um pincel, desenha caracteres japoneses.

SOM - Rápidos acordes do "shamissen".

SEQUÊNCIA 8

EXTERIOR - PÁTIO DA FAZENDA - MANHÃ

146. Câmera focaliza, em P.P., uma vara de bambu, fincada diante da casa-grande, e da qual pendem tiras de papel.

Depois de recuar, abrindo para P.G., câmera mostra a curiosa decoração que enfeita a fazenda e lhe dá um aspecto festivo e diferente.

SOM - Música japonesa, festiva.

Os empregados, no dia de folga, divertem-se com os preparativos da festa japonesa, enquanto outros ainda fincam bambus diante das casas de agregados.

INTERIOR - SALA DE JANTAR - MANHÃ

147. Na sala de jantar, e em todo o interior da casa-grande, a animação ainda é grande.

Câmera, "ad libido", detalha os preparativos, com ênfase para a movimentação de Sayuri, dona Mari, "Siá" Engrácia, outras mulheres da roça e algumas crianças, estas muito excitadas.

INTERIOR - COZINHA - MANHÃ

148. Na cozinha a movimentação também é intensa. Por ela transitam, num contínuo vai-e-vem, dona Mari, Sayuri, "Siá" Engrácia, meninas e empregadas, preparando pratos especiais, doces, quitutes e comidinhas japonesas e baianas.

SOM - Ouve-se, na trilha sonora, curiosa mistura de sons e melodias brasileiras e japonesas.

Sayuri aproxima-se da cozinheira, que prepara pratos na mesa da cozinha, apanha uma frutinha e pergunta:

SAYURI: Isto, fruto?

ENGRÁCIA: É umbu. Uma frutinha muito gostosa. Experimente...

Sayuri experimenta o umbu e parece gostar, sorrindo.
"Siá" Engrácia chama uma menina e pede:

ENGRÁCIA: Menina, vai separar as mangabas para a compota.

EXTERIOR - LOCAIS DA FAZENDA - MANHÃ

149.150.151.152.153.154. - Câmera, "ad libido", registra diversos flagrante dos preparativos da "Tanabata Matsuri", fixando a pitoresca decoração, o burburinho das pessoas que trazem e levam coisas e, em grupos espalhados pelas imediações da casa-grande, os empregados que nada fazem, acompanhando, meio ironicamente, a agitação das mulheres.

FUSÃO

SEQUÊNCIA 9

EXTERIOR - PÁTIO DA FAZENDA - TARDE

155. Tudo agora está mais calmo. Empregados passeiam pelas imediações da sede, aguardando os acontecimentos.

Eis quando sua atenção é despertada pela inesperada e sur-

preendente aparição, na varanda da casa, dos quatro japoneses.

Vestidos à moda nipônica, com quimonos e trajes de cores fortes e penteados especiais, Massao, Sayuri, Kyoshiro e dona Mari deixam o interior da casa trazendo bandejas com doces e licores.

SOM - Música japonesa, bem típica e ritual sobe na trilha sonora.

156. Depois de fixar os quatro japoneses em P.A., câmera, montada em carrinho, inicia lento Trav-Atrás, acompanhando seu caminhar pelo pátio, abrindo passagem entre os grupos de empregados admirados pelo que vêem.

O "travelling", a certa altura, se interrompe e, através de panorâmica esquerda-direita, câmera acompanha os japoneses que se dirigem à humilde moradia de Pedro Roque, veterano empregado da fazenda.

EXTERIOR - CASA DE PEDRO ROQUE - TARDE

157. Câmera detalha a chegada dos japoneses diante da casa de Pedro Roque que os espera, com a mulher e três filhos menores, à soleira da porta.

Massao Takeda se adianta e, com a bandeja de doces e licor, fala, então, ao empregado, que se mostra intimidado e perplexo:

MASSAO: Família Massao Takeda vem oferecer doce e pudim-de-arroz, e orando para a Estrela Tecelã suplica conceder sabedoria e progresso no trabalho de cada um. Massao Takeda e família lembram seus antepassados, sua gente morta.

Pedro Roque apanha a bandeja e, muito comovido, responde:

PEDRO ROQUE: Não querem se abancar? A casa é pobre, mas tá varridinha...

MASSAO: Obrigado... Obrigado...

Depois o grupo se afasta, dirigindo-se para outra casa de agregado.

Câmera avança, em "travelling", até fixar Pedro Roque e sua mulher, uma roceira magra, envelhecida, o ar humilde. O empregado apanha um docinho da bandeja, oferece à mulher, que apanha outro, e segue, com os olhos, os quatro japoneses que se distanciam.

EXTERIOR - CASA DE MÁRIO - TARDE

158. Os japoneses agora chegam diante da casinhola de Mário Filó, baiano típico, a pele curtida de sol, baixo e aturracado.

Depois de enquadrar os japoneses, Mário e sua família em P.M., câmera inicia Trav-Avante sobre Massao Takeda, que pronuncia as mesmas palavras anteriores, até fixá-lo em P.P.P.

MASSAO: Família Massao Takeda vem oferecer doce e pudim-de-arroz, e orando para a Estrela Tecelã suplica conceder sabedoria e progresso no trabalho de cada um. Massao Takeda e família lembram seus antepassados, sua gente morta.

159. P.P. de Mário Filó que, muito agradecido, apanha a bandeja e responde:

MÁRIO FILÓ: Não querem entrar para tomar um cafezinho?

MASSAO (voz off): Massao Takeda e família agradecem.

EXTERIOR - PÁTIO DA FAZENDA - NOITE

160. Depois de fixar uma lanterna colorida, presa numa vara de bambu fincada no pátio da fazenda, câmera faz panorâmica e vai enquadrar, em P.G., a casa-grande, de cujas janelas escapam fachos de luz.

SOM - Música japonesa, típica.

INTERIOR - SALA DE VISITAS DA FAZENDA - NOITE

161. Na sala-de-visitas da fazenda os quatro japoneses, agora recolhidos em sua intimidade, devotam-se à sua comemoração particular.

O recinto está todo decorado, com lanternas e tiras de papel com inscrições em japonês.

Massao, Kyoshiro, Mari e Sayuri bebem chá, licor e vinho, degustando a típica comida japonesa.

Depois Sayuri, particularmente bela nesta noite, vestindo um luxuriante quimono japonês, apanha o "shamissen" e começa a entoar velhas canções tradicionais do Japão.

Diante dela, Kyoshiro, Massao e dona Mari ouvem, nostálgicos, os versos cantados pela moça, com voz delicada.

SOM - "Play-back" de cânticos tradicionais do Japão, com acompanhamento do instrumento de cordas.

Câmera capta, com movimentos lentos de aproximação e panorâmicas, a atmosfera nostálgica e evocativa que envolve o local, destacando a delicadeza e suavidade dos gestos e expressões de nossos quatro personagens.

EXTERIOR - PÁTIO DA FAZENDA - NOITE

162. Deixando os japoneses em sua delicada comemoração, câmera ganha o exterior da fazenda, fixando a paisagem noturna.

Diversas lanternas coloridas estão acesas em pontos diferentes, lançando fachos de luz na noite escura.

SOM - Vindo da casa, o som do canto japonês e do "shamissen" impregna a noite de sedutora poesia.

INTERIOR - SALA DA FAZENDA - NOITE

163. Voltando ao interior da fazenda, câmera focaliza novamente a celebração dos japoneses, fixando novos detalhes dos cânticos agora entoados por todos eles. Além do instrumento de cordas, Kyoshiro acompanha a melodia com uma espécie de pandeiro, dando ritmo e cadência aos cânticos.

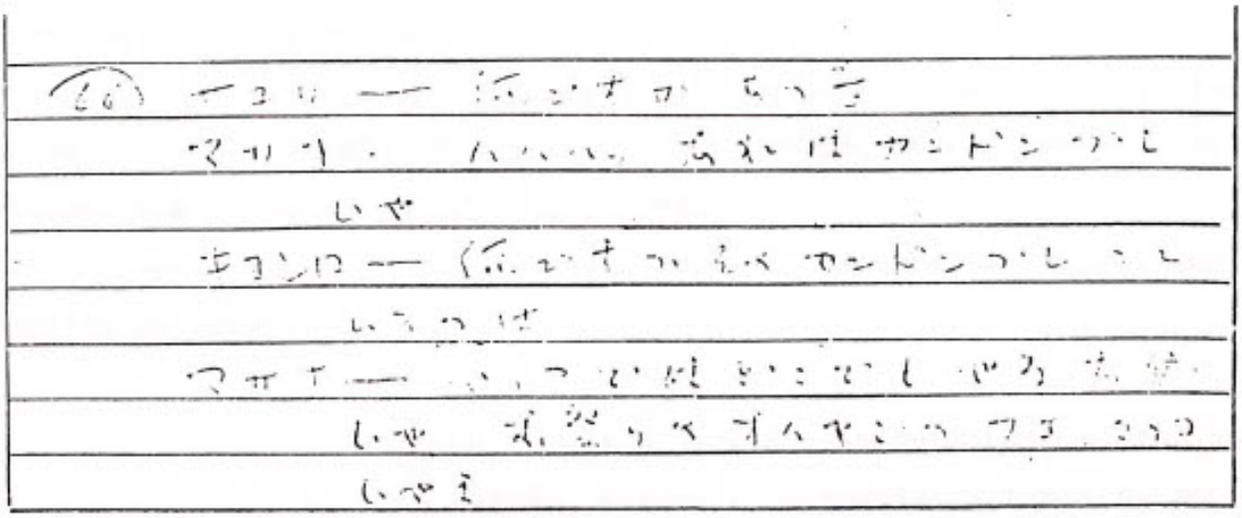
É quando, inesperadamente, a atenção dos japoneses é atraída

por fortes sons rítmicos que vêm de fora.

SOM - Sons fortes de atabaques, agôgôs e cabaças, além de cânticos humanos, misturam-se ao som da música japonesa.

Os japoneses, surpreendidos pelas batidas compassadas dos tambores, param de cantar, escutando. Sayuri, espantada, indaga o que é.

Até que, distinguindo melhor os sons intrusos, Massao esclarece:



TRADUÇÃO:

SAYURI: Que é aquele barulho?

MASSAO (rindo, divertido): Ah,ha,ha. Aquilo é o Candomblé.

KYOSHIRO: O que é Candomblé?

MASSAO: É festa que, na Bahia, celebram em todos os lugares. São flautas e tambores da festa.

Depois os japoneses, habituados ao som da festa afro-brasileira, voltam à sua comemoração. Sayuri apanha de novo o "shamissen" e recomeça a cantar.

Câmera, lentamente, aproxima-se, em Trav-Avante, das mãos da moça, dedilhando o instrumento de cordas.

SOM - O som do "shamissen" predomina sobre o Candomblé.

INTERIOR - GALPÃO DA FAZENDA - NOITE

164. Partindo do P.P. das mãos de um negro, golpeando com força um atabaque, câmera recua, abrindo o quadro, até mostrar, em P.G., o vasto galpão da fazenda, repleto de uma colorida multidão de empregados, camponeses, peões, vaqueiros, homens e mulheres das redondezas.

SOM muito forte das batidas do Candomblé.

O galpão, onde normalmente se guardam carros-de-boi, carroças, arreios, enxadas e outros utensílios da vida rural, foi preparado para terreiro de Candomblé.

O movimento de Trav-Atrás da câmera se conclui quando estiver enquadrando o ambiente em P.G., com Pedro Roque, sua mulher e outras pessoas num grupo à esquerda do quadro.

Apesar do barulho, podem-se ouvir as palavras de Roque, que explica ao grupo:

PEDRO ROQUE: O Garcia quis retribuir a gentileza do patrão, buscou o Candomblé de Ponta da Serra e fez a festa.

UM HOMEM: Ah, sim, pois não.

Depois câmera faz panorâmica e detalha, no vasto recinto, os "pais" e "mães de santo", as "filhas" e os "ògãs", os tocadores de atabaques, agôgôs e cabaças, além da multidão de espectadores, gente do povo, participando, com sua crendice, do mais popular ritual afro-brasileiro.

SOM - Ruídos e cânticos do Candomblé.

165.166.167.168.169.170. - Câmera, manejada na mão do operador, percorre o recinto, captando, em primeiros-planos expressivos e reveladores, rostos, mãos, pés de componentes da dança, expressões de participantes, detalhes de maior interesse fotogênico.

Depois, em P.Ps. fixos, completa a documentação folclórica da festa: um chifre de boi, pendendo de uma viga de madeira, homenagem à divindade protetora; cortinas e enfeites de palha e papel de cor, compondo desenhos caprichosos; o lugar dos atabaques, separado por uma cerca de madeira; o altar católico improvisado, sobre o qual estão dispostas imagens de santos, com destaque para Santo Antônio, de profunda devoção em toda a Bahia, onde é "capitão do exército nacional".

171. De repente, vindo do fundo do terreiro, pula diante da câmera, no centro da festa, a figura imponente do próprio Antônio Garcia, que encarna o deus do ferro, "Ogún", e é representado pelas "ferramentas": um feixe de pequenos instrumentos da lavoura, machado, foice, enxada, pá, picareta, etc.

O capataz veste um traje azul e traz um comprido punhal à mão, servindo de espada, com o qual golpeia o ar. Conserva grave circunspeção no papel de corporificar a divindade afro-brasileira.

172. Câmera-na-mão, "ad libido", detalha o cerimonial do Candomblé, no instante em que as "filhas-de-santo" estão sendo arrumadas em círculo, em torno de uma garrafa de azeite de dendê, um prato com farofa e um copo de cachaça.

Faz-se, então, o "despacho" ("padê") de "Êxú", ao qual se pede "licença para realizar a cerimônia, que ele poderá perturbar, se quiser, e se não for homenageado".

Os atabaques soam fortes, enquanto as "filhas", em coro, entoam cânticos para "Êxú".

SOM - Coro das "filhas-de-santo". Batidas ritmadas dos atabaques e sons dos agôgôs e cabaças. Ao fundo, como um eco, ouvem-se os sons requintados da festa japonesa.

A documentação livre da câmera, percorrendo o recinto, se conclui com o P.P. de uma "filha de santo", com sua indumentária característica, no instante em que é possuída pelo "santo", cantando com

histeria.

SOM - Canto esganiçado e histérico da "filha-de-santo", em primeiro-plano.

INTERIOR - SALA DA FAZENDA - NOITE

173. Em corte direto, enfatizando o contraste das duas festas, câmera enquadra, novamente no interior da casa-grande, Sayuri em P.P., cantando outra canção do folclore nipônico, acompanhando-se pelo instrumento de cordas.

Depois câmera recua, mostrando outros detalhes da celebração japonesa.

SOM, em primeiro-plano, da festa japonesa, com os ruídos do Candomblé em bg.

INTERIOR - GALPÃO - NOITE

174. De novo no interior do galpão da fazenda, alternando as duas festas, câmera volta a documentar o Candomblé baiano, que agora atinge ritmo quase frenético.

SOM - Ruídos muito fortes do Candomblé.

A objetiva, inquieta e versátil, detalha a dança e o acompanhamento rítmico dos instrumentos de percussão, dando ênfase à presença de Antônio Garcia, como "Ôgún".

INTERIOR - SALA DA FAZENDA - NOITE

175. Voltando à sede, a objetiva focaliza, inicialmente, a figura de Kyoshiro Takeda, que substitui, na tela, o vulto rústico de Antônio Garcia.

O japonês, com sua exótica indumentária, acompanha, com o instrumento de ritmo, a cantiga que Sayuri ainda entoa, ao som do "shamissen".

SOM - O canto de Sayuri e o som do "shamissen" e do pandeiro japonês ficam em primeiro-plano, com ritmos do Candomblé em bg.

INTERIOR - GALPÃO - NOITE

176. A alternância rítmica e melódica das duas festas, a brasileira, celebrada no galpão da fazenda, e a japonesa, na casa-grande, agora se acelera, marcando o antagonismo de cultura, personagem, indumentária, decoração, som e ritmo.

De pés, mãos fazendo soar os instrumentos; de rostos e expressões humanas, concentradas no culto e no ritual; de objetos do folclore contrastante, a objetiva da câmera capta a essência expressiva, de maior valor fotogênico, do Candomblé e do Tanabata, ressoando na noite sertaneja transfigurada, confundidos no mesmo espaço e na mesma latitude do culto místico.

Lanternas e tiras de papel colorido; enfeites de palha e também de papel de muitas cores; colares, chifres de boi, imagens de santos e de Buda, alternam-se na montagem ambivalente, enquanto, na trilha sonora, ritmos e melodias antagônicas também se fundem e se confundem, aceleradamente.

A alternância se concluirá quando, no interior da casa-grande, um acontecimento vem interromper a festa japonesa.

INTERIOR - SALA DA FAZENDA - NOITE

177. A cantiga japonesa, que Sayuri entoa, é subitamente interrompida pelo bater forte de palmas na varanda.

SOM - Palmas fortes, em off, vêm interromper a festa japonesa.

Massao Takeda deixa a sala, indo à varanda.

INTERIOR - VARANDA - NOITE

178. Câmera enquadra, em P.M., parte da varanda, a escadinha e a porta de entrada. Por ela surge o fazendeiro, enquanto Pedro Roque

caminha alguns passos, indo ao encontro do patrão, que lhe diz:

MASSAO: Ah, é Pedro Roque? Pedro Roque não quer entrar?

PEDRO ROQUE: Agradecido, seu Massao. Me releve se interrompi outro festejo...

MASSAO: Non importância, non importância.

PEDRO ROQUE: A gente lá, no galpão, tá também festejando, em simpatia de vosmincês da casa-grande. Então, me mandaram aqui, mode convidar vosmincês para ver um "terreiro".

MASSAO: Brigado. Massao vai levando sua gente.

Pedro Roque despede-se, de cabeça, e se afasta, enquanto o japonês volta ao interior da casa.

INTERIOR - SALA DA FAZENDA - NOITE

179. No interior da casa o fazendeiro explica aos parentes o recado do empregado:

(73) マサオ — ハッハッハ　カラーラがまねか
お祭りをりに来てくれとさそいに来たよ。
キョウロー　そのカンドン、つしをですか。
マサオ — そうしやす　うっと行きたかて
みんな行こう。
サユリ — うれしい！わたしぜひいきたい！

TRADUÇÃO:

MASSAO: Ah, ha,ha. Os camaradas nos convidam a ver a festa.

KYOSHIRO: Esse tal de Candomblé?

MASSAO: Sim. Que tal, vamos todos ver?

SAYURI (animadamente): Que bom! Queria tanto ver!

Sayuri dirá sua frase quando a câmera estiver enquadrando seu

belo rosto em P.P.

SOM - Ruídos do Candomblé em segundo-plano.

INTERIOR - GALPÃO - NOITE

180. Deixando em P.P. e 3/4 de perfil a imponente figura de Antônio Garcia, em meio à festa afro-brasileira, câmera enquadra parte do galpão, favorecendo o ângulo que deixa ver o exterior.

Vêm vindo, ao fundo, os quatro japoneses, vestidos com sua vistosa indumentária.

SOM, em primeiro-plano, do Candomblé.

A multidão de espectadores, concentrada no terreiro, vendo chegar os estrangeiros, abre caminho, respeitosamente.

Um homem velho, participante do Candomblé, recebe os convidados e os conduz ao fundo do galpão, lugar de honra, enquanto os atabaques, em toque especial, prestam homenagem aos visitantes.

SOM - Toque especial dos atabaques.

181. A festa, por alguns instantes, quase se interrompe. Mas, logo a seguir, recomeça com mais intensidade, estimulada agora pela presença dos japoneses.

Câmera detalha a extraordinária impressão que o ritual bárbaro provoca nos nipônicos, que, de seu canto, acompanham tudo com enorme interesse, quase espantados.

Depois, fazendo panorâmica, câmera vai mostrar as "filhas-de-santo", que entoam canções a Êxú, enquanto uma delas, mais idosa, chamada de "Sidagã", vai dançar em torno da comida sagrada. A mulher tira um pouco de azeite, um pouco de farofa, um gole de cachaça, que lança fora do barracão, para que "o homem da rua possa receber".

182. Fixando em P.P., em Trav-Lateral, os japoneses, câmera de-

talha o grande assombro que os faz seguir o cerimonial com enorme interesse, quase imóveis.

SOM fortíssimo dos atabaques e coro estridente das "filhas-de-santo".

183. Deixando os japoneses no quadro, de costas, sentados em suas cadeiras, focalizados na parte inferior do campo visual, câmera mostra, em P.G., o galpão e a festa que parece chegar ao clímax.

No centro da roda, uma "filha-de-santo", servidora de "Ôgún", serve de "cavalo" à divindade, como seu extravagante veículo de "comunicação com os mortais".

184. Detalha-se agora, em movimento flexíveis da câmera, acionada à mão do operador, a "filha-de-santo" que, dançando e cantando no centro da roda, começa a sentir estremeções e tonteira, perdendo o equilíbrio e andando como bêbeda de um lado para outro. Até que, vencida pelo "Ôrixá", adquire outra fisionomia, em transe, os olhos desmesuradamente abertos.

Possuída pelo deus fetichista, a "filha-de-santo" toma nos braços uma criança franzina, talvez doente, atira-a para o alto, amparando-a com perícia. Depois sopra sua barriga, os ouvidos, começa a cantar "sotaques", ou alusões desagradáveis aos desafetos.

SOM - A "filha-de-santo", em primeiro-plano, começa a cantar "sotaques".

185. Massao, Kyoshiro, Sayuri e dona Mari, em seu canto, mostram, em P.P., seu grande assombro, magnetizados pelo cerimonial exótico.

SOM - Ruídos fortíssimos dos atabaques e outros instrumentos de percussão.

186. Depois de mostrar, uma vez mais, o terreiro em P.G., câmera

favorece a surpreendente aparição de Antônio Garcia, vestido de "Ôgún" e que surge de um canto, com um salto, brandindo o punhal e ganhando o centro da roda, dançando uma coreografia imprevista e exótica.

SOM - Ruídos mais intensos dos instmumentos, enquanto a cantoria fica mais forte.

187. A súbita aparição do capataz provoca admirada surpresa nos japoneses, principalmente em Sayuri, em cuja expressão, captada pela câmera em P.P., se misturam medo e um fascínio secreto e sutil. Seus olhos acompanham, entre o espanto e a admiração, o movimentado malabarismo coreográfico do baiano.

188. Perito na dança guerreira, o capataz percorre o perímetro da festa, dominada pelo ritmo selvagem dos tambores, mostrando agilidade e imponência.

A festa parece atingir seu ponto máximo, quando, inesperadamente, um bode é trazido ao centro do galpão.

O animal, assustadíssimo, berra e tenta escapar. Depois é solto pelos que o seguram.

189. Operando a câmera na mão, o operador cinematográfico busca, "ad libido", os melhores angulações no centro do Candomblé, documentando a matança do animal, parte intrínseca do ritual.

Antes que o bode consiga escapar, Antônio Garcia, de um salto agilíssimo, acerca-se dele e, com golpe fulminante do punhal, decepa sua cabeça.

A cabeça do animal voa no ar e vai cair aos pés de Kyoshiro Takeda, espargindo sangue em sua roupa e levando o horror aos japoneses.

Depois a objetiva, versátil, atenta, vai detalhar Sayuri que, ao lado do marido, tem os olhos presos no capataz, perplexa e assustadíssima, acompanhando o espetáculo bárbaro.

190. Antônio Garcia, próximo dos japoneses, deixa-se espargir com o sangue quente do animal sacrificado. É quando avista, poucos metros adiante, a bela japonesinha, que vacila no assento.

191. Deixando o capataz em P.P. e 3/4 de perfil, à esquerda do quadro, câmera focaliza Sayuri em P.M. ao centro e à direita do quadro.

Muito pálida, começa a desfalecer. Antes que tombe, o capataz, de um salto, aproxima-se e a toma nos braços, diante da estupefação de todos.

SOM - Os atabaques, afochês e agôgôs, desencontradamente, vão parando de soar, diante do fato inesperado, isto também ocorrendo com a cantoria dos participantes da festa.

192. Mudando a angulação, câmera focaliza o grupo, no qual Antônio Garcia, Sayuri e Kyoshiro estão favorecidos.

É quando Kyoshiro Takeda, recuperando a lucidez, avança contra o capataz, encarando-o com ferocidade.

193. P.P.P. de Kyoshiro, o olhar cortante, cheio de ódio.

194. P.P.P. de Antônio Garcia, que espera, firme, viril.

195. P.A. e depois P.G. por Pan-Esq-Dir. - Câmera enquadra Garcia, que ainda ampara Sayuri, e Kyoshiro Takeda, tendo, mais ao fundo, Massao e dona Mari, muito espantados, em grande expectativa.

Kyoshiro arranca Sayuri dos braços do capataz, que nada faz, e, com ela, se afasta na direção da casa-grande, seguido pelos outros japoneses.

Câmera, fazendo panorâmica, os acompanha abrindo caminho na massa de participantes e espectadores do Candomblé.

A festa se interrompe, por algum tempo, reinando no local completo silêncio, só quebrado pelo caminhar dos japoneses, que se distanciam, já na parte externa da fazenda.

Depois a festa recomeça, até alcançar a vibração de antes.

Câmera, fechando a sequência, avança até fixar as mãos de um negro, vibrando com força o couro de um atabaque.

SOM - Ruídos fortes do Candomblé.

SEQUÊNCIA 10

INTERIOR - FAZENDA - MANHÃ

196. A nova sequência começa com o P.P. das mãos de Sayuri que, na sala de visitas da casa-grande, dispõe algumas flores num vaso.

Depois câmera, em Trav-Atrás, amplia o quadro, deixando ver também Kyoshiro, Massao e dona Mari, que acabam de tomar o café da manhã, preparando-se para nova jornada de trabalho.

Massao, seguido pelo sobrinho e dona Mari, aproxima-se de Sayuri e, carinhosamente, lhe diz:

(又2) マサオ — 今日も ちょっと 忙しくなりそうだから
サユリ — ええ もう大丈夫ですよ 今のところ
仲よくやっています
キョウイチ — 無理しないでよ ユリ
もうかんにんしてもらいなさい
サユリ — うん 父さん だけどいやになったら
すぐいう うそはつかないこと
ようし 約束だ
マサオ — フフッ ユリちゃんも言えるようになったな
キョウイチ — すまないな マサオ 心配かけ
しっぱなしだったんで ほっとしてる
マサオ — ハイつけは はしめ だんしゃく
ちょっぴり まだ ちょっぴりと言うが
は 意外に 早くはたらくようになるぞ
キョウイチ — それよりも 父さん すまない
気持は うれしいが 体にさわるから
そうしてくれ。

マサオ — おい ん 所は いらん あれは
そん作場には ない まあちょっと 遠くった
ところも ないではないが 大丈夫 いや
一日中 かに ぶいぶいろんしゃしい 所
せんでいい。

TRADUÇÃO:

MASSAO: Sayuri, você está parecendo mais bem disposta.

SAYURI: Sim, já passou. Hoje posso recomeçar os trabalhos.

KYOSHIRO: Eu acho que não pode ainda, Sayuri. É melhor descansar mais um pouco!

SAYURI: Que nada. Verdade, é verdade, não tenho mais nada. Em vez de ficar em casa, sem fazer nada, queria sair para fora.

O grupo caminha na direção da porta de saída, recomeçando a câmera seu movimento de recúo, no carrinho.

Kyoshiro e Massao seguem à frente, enquanto Sayuri e dona Mari vêm atrás.

Os dois homens conversam, em japonês:

MASSAO: Não se esqueça da formicida!

KYOSHIRO: Não se preocupe, titio. Para não esquecer, anotei por escrito tudo o que é necessário.

MASSAO: Como não conhece a Bahia, tome cuidado. Mas, tendo 4 a 5 dias, acredito que você terminará de fazer toda a compra.

EXTERIOR - VARANDA E PÁTIO - MANHÃ

197. O grupo chega à varanda, na qual a câmera agora está instalada, fixando os japoneses em P.A.

Massao e Kyoshiro ainda conversam, dirigindo-se ao pátio fronteiro, no qual já está pronta, com Pedro Roque na boléia, uma charrete.

KYOSHIRO: Em vez disso, titio, peço que fiscalize o Antônio Garcia na minha ausência.

MASSAO: Não se preocupe, ele não é homem assim. Verdade que tem umas esquisitices, mas não tem problema. Ademais, como ele fica o dia inteiro no campo, não há de que se preocupar.

198. Enquadrando a charrete em P.P., à esquerda do quadro, câmera mostra os japoneses que descem a escadinha que leva à varanda e chegam diante do transporte rural, puxado por um cavalo.

Antes de subir, Kyoshiro se curva diante dos parentes, como de hábito japonês, no que é correspondido.

Depois sobe à charrete, que arranca, depois que Pedro Roque, tirando o chapéu, se despede:

PEDRO ROQUE: Adeus,seu Massao!

199. Câmera, noutra posição, fixa a partida da charrete, que ganha a estradinha de terra, na direção da cidade, levantando poeira.

Dona Mari e Sayuri dirigem-se à horta, enquanto Massao, chamando alguns empregados, vai inspecionar a lavoura.

Depois a câmera, movimentando para a frente a lente "Zoom", aproxima-se do curral e vai fixar, em P.A., o capataz que separa o gado e, de seu lugar, acompanha, calado, a partida de Kyoshiro Takeda.

Depois, com voz forte, tange os bois:

ANTÔNIO GARCIA: Ê boi, vamos! Mimosa... Fasta, fasta boi! Vamos...

SEQUÊNCIA 11

EXTERIOR - FAZENDA - NOITE

200. Câmera, em G.P.G., mostra, de um ponto elevado, a fazenda à noite.

É uma noite clara, quente e silenciosa.

Câmera, através de panorâmica e do movimento da "Zoom", aproxima-se da casa-grande, cujas luzes estão apagadas, em silêncio.

A aproximação termina quando a objetiva fixar, com nitidez, a varanda, na semi-obscuridade, e, nela, o vulto de Massao Takeda, sentado numa cadeira de balanço.

SOM - Solo de "shakuhatchi", com acompanhamento de "koto": melodia estranha, nostálgica.

EXTERIOR - VARANDA - NOITE

201. Deixando o velho fazendeiro à direita do quadro, quase de perfil, câmera mostra, em P.M., parte da varanda. Vindo do fundo, está chegando alguém.

É Sayuri que, também insone, perturbada pelo calor, vem tomar a fresca na varanda. Veste uma camisola fina, sob a qual se insinuam formas belas e juvenis.

Sayuri vai estender-se numa rede, que pende de duas colunas de madeira, a alguns metros do lugar onde repousa Massao Takeda.

Uma terna intimidade envolve os dois japoneses, deixando Sayuri inteiramente à vontade, entregue a um preguiçoso torpor.

SOM - Sobe, na trilha sonora, tema musical de Sayuri, com predomínio de sons do "shamissen".

Os dois conversam, em japonês:

マサオ — どうした サユリさん
サユリ — お部屋の中は暑くて... それに
冴えかわたくしたんです
マサオ — 今夜は涼しい位ですよ
サユリ — ここは とても気持ちいいです...
マサオ — ああ この夜風は 気持ちいい...
サユリ — こうして 蛙の鳴き声を聞いて
いるのも 大好きです.

TRADUÇÃO:

MASSAO: Que foi, Sayuri?

SAYURI: Faz tanto calor no interior do quarto... Além disso, não tenho sono.

MASSAO: É verdade. A noite, hoje, está quente demais.

SAYURI: Mas aqui está tão fresquinho.

MASSAO: Ah, a brisa da noite é agradável.

SAYURI: Gosto muito de ficar assim, ouvindo o coaxar dos sapos.

202. Deixando Sayuri de frente, em P.A., e Massao Takeda em P.P., à esquerda do quadro, em 3/4 de perfil, câmera capta o tranquilo diálogo dos dois, fazendo-se confidências, lembrando a pátria:

(小) サユリ――日本も夏の夜は涼みにでかけ
たり蛍を見に行ったり
マサオ――ええ、ブラジルでも蛍はいます
よ。
サユリ――でもこんなに大きくて美しい蛍
はいないでしょう
マサオ――ずんぶんいろいろいますけど
ここは広いので日本には居ない
大きいのとか小さいのとかいろいろ
つかまえます。

TRADUÇÃO:

SAYURI: No Japão também ficava me refrescando nas noites de verão, ouvindo o coaxar dos sapos.
MASSAO: É também época de vagalumes, não é mesmo?
SAYURI: No Brasil não há vagalumes?
MASSAO: Como não! Agora não é época, mas são dez vezes maiores que os do Japão, e revoam em bandos enormes, com luzes claríssimas.

Câmera, em lento Trav-Avante, tira Massao do quadro e vai fixar Sayuri em P.P.P., a cabeça recostada na rede, lânguida, nostálgica.

Sob o luar, na atmosfera envolvente que a música japonesa acentua mais ainda, Sayuri é uma imagem fascinante e tranquila. Seu rosto é de grande doçura, seu colo alvo, os seios mal ocultos sob o tecido, os braços de delicados contornos, as pernas bem feitas e esguias.

Câmera, descendo por ela, em Pan-Alto-Baixo, destaca um corpo jovem e atraente, onde tudo repousa, em harmoniosa displicência.

SOM - Ao som do "shamissen" agora se acrescenta solo do "shakuhatchi".

203. Fixando agora o japonês, também em P.P., câmera detalha a reação, sutil e penetrante, que a presença de Sayuri vai provocando no fazendeiro.

Sua tranquila serenidade começa, lentamente, a transformar-se numa crescente agitação que torna mais intenso seu olhar, no qual renasce perigosamente uma sensualidade, sepultada no tempo.

Apaziguado, como um estado crepuscular, o desejo físico agora estremece os sentidos de Massao, dando mais força a seu olhar.

204. Voltando a enquadrar os dois, como no plano 202, câmera mostra a reação de Sayuri que, intuitiva e feminina, percebe a transformação que se processa no velho fazendeiro.

Os dois estão calados. Câmera, com lentidão e minúcia, aproxima-se de Sayuri, até enquadrá-la em P.P.P., mostrando sua crescente intranquilidade.

205. Câmera, agora em contra-campo, coloca Sayuri em P.P. e 3/4 de perfil, com Massao Takeda no centro do quadro, de frente, em P.A.

Depois, em movimento lento e suave, aproxima-se do japonês, que parece voltar ao passado, a memória recriando imagens de um tempo perdido, que agora revive.

De fato, na noite evocativa, iluminada por uma luz tênue, quase irreal, Massao se transfigura.

207. Modificando a angulação, e retirando Sayuri do campo visual, câmera focaliza Massao, em P.P. e 3/4 de perfil. No centro do quadro vêem-se o corredor e a varanda, que se quebra mais adiante.

É quando surge, no fundo, em imagem envolvida por uma espécie de neblina, o vulto de uma mulher (a própria Sayuri) que é, na memória de Massao, Kimie, sua falecida mulher.

Detalhes do vestuário, no penteado e na maquiagem permitem à intérprete de "Sayuri" transformar-se na esposa de Massao, quando jovem, e que dele se aproxima, amorosamente.

Câmera recua, deixando entrar no quadro a rede nordestina, agora vazia, e na qual o vulto enevoado vai estender-se.

Massao, por sua vez, em movimento de "ralenti", levanta-se da cadeira e caminha na direção da mulher.

208. Como ponto-de-vista de Sayuri, câmera focaliza o fazendeiro

que se aproxima da rede, até ficar em P.P. Sua expressão é estranha, abrasada de amor.

209. Deixando Massao à esquerda do quadro, a objetiva mostra Sayuri, novamente na realidade, sem os detalhes da cena recapitulativa.

A moça, muito preocupada, vendo aproximar-se o fazendeiro, faz o gesto de levantar-se, fugindo da mão que ele lhe estende, como se fosse afagar seu rosto.

SOM - Neste exato instante o latido de um cachorro, perto da varanda, faz Massao voltar à realidade.

210. P.P. de Massao Takeda, com Sayuri em 3/4 de perfil, "amorcée", revelando o grande constrangimento do velho fazendeiro, imóvel, diante dela, sem saber o que fazer.

Sayuri completa o movimento de levantar-se, muito confusa.

Câmera recua, abrindo o quadro e corrigindo a angulação.

Sayuri, antes de deixar a varanda, fala ao velho:

(100)	サユリ —— 何だか疲れてまいりました
	マサオ —— ・・・・
	サユリ —— 先に休ませていただきます.
	マサオ —— ・・
	サユリ —— おやすみなさい.
	マサオ —— あ、おやすみ

TRADUÇÃO:

SAYURI: Não sei porque, sinto-me fatigada.

MASSAO: ...

SAYURI: Gostaria de me deitar.

MASSAO: ...

SAYURI: Boa noite.

MASSAO: Oh, boa noite...

211. Deixando o quadro em P.M., câmera focaliza o ângulo da varan-

da, no qual Sayuri se afasta, voltando ao interior da casa, enquanto Massao caminha cansadamente e volta a sentar-se na cadeira.

Depois câmera, lentamente, dele se aproxima, até fixá-lo em P.P., revelando sua grande prostração moral, seu grande remorso e humilhação.

Em seguida, fazendo Pan-Dir.-Esq., câmera vai fixar, em P.G., a paisagem noturna.

Continuando a panoramizar, a objetiva mostra, finalmente, no jardim, o vulto de Massao Takeda, que chegou da varanda. Ele se aproxima do túmulo de Kimie, diante do qual se prostra e ora, conpumgido.

SOM - Na trilha sonora só se ouvem, agora, ruídos da noite: coaxar de sapos, grilos, latidos de cachorros, mugir de bois, etc.

EXTERIOR - JARDIM - NOITE

212. Depois de enquadrar Massao Takeda em P.P., orando diante do túmulo de Kimie, câmera começa a recuar, abrindo o quadro. O fazendeiro se ergue e, lentamente, caminha na direção da casa-grande. Seu olhar é estranho, enigmático.

Sobe a escadinha, atravessa a varanda e entra na casa.

INTERIOR - FAZENDA - NOITE

213. Massao Takeda atravessa a sala de visitas, a sala de refeições e, finalmente, o corredor, no qual lança sua solitária sombra.

INTERIOR - QUARTO DE SAYURI - NOITE

214. Deitada em sua cama, fixada pela objetiva em P.P., Sayuri ainda não dormiu e, os olhos abertos, a expressão melancólica e pensativa, ouve os passos de Massao estalando as tábuas do corredor. Olha na direção da porta, quase assustada.

SOM, off, dos passos de Massao, em bg.

INTERIOR - CORREDOR - NOITE

215. Massao Takeda chega diante da porta de seu quarto, que ele abre. Depois entra e se fecha por dentro.

INTERIOR - QUARTO DE MASSAO - NOITE

216. O fazendeiro completa o gesto de fechar, à chave, a porta de seu quarto.

Depois vai ao guarda-roupa, de onde retira um velho traje japonês, as cores esmaecidas, conservado cuidadosamente. Coloca-o sobre uma cadeira e, em seguida, despe-se da roupa brasileira: a camisa, de fustão, sem colarinho, a calça de brim cáqui, os sapatos.

Veste, depois, a indumentária japonesa, uma espécie de túnica, de abas largas, que lembra traje samurai.

Dirige-se, em seguida, a uma velha escrivaninha, senta-se, apanha papel, um tinteiro, uma caneta. Começa a escrever, em caracteres japoneses, que a câmera detalha, em P.P.

INTERIOR - QUARTO DE SAYURI - NOITE

217. No interior de seu quarto, Sayuri deixa o leito e, caminhando cautelosamente, vai até a porta, fechando-a com o trinco. Depois, triste, tranqüilizada, retorna ao leito, deitando-se.

INTERIOR - QUARTO DE MASSAO - NOITE

218. Massao terminou de escrever a carta, que guarda num envelope e vai depositar na mesinha de cabeceira. Depois se encaminha para um canto do quarto e, diante de um nicho com a imagem de Buda, prostra-se, à moda oriental, e faz orações.

219. Câmera deixa Massao à direita do quadro, em P.P. e 3/4 de perfil, com a imagem de Buda no centro, favorecida.

220. Em contra-campo, deixando a imagem à esquerda, em P.P. e 3/4 de perfil, com Massao Takeda ao centro, ligeiramente à direita do quadro, câmera mostra a grande concentração religiosa do japonês, destacando sua fisionomia cansada e deprimida.

221. Deixando agora a cômoda em P.P., à esquerda do quadro, favorecendo o retrato emoldurado de Kimie, câmera mostra Massao que vem do fundo e pára diante do móvel, fitando melancolicamente o retrato da esposa.

Depois se afasta, aproxima-se de um armário, abre-o e apanha, de seu interior, um frasco com líquido escuro.

221. Modificando a angulação, câmera agora favorece o centro do quarto e uma mesinha, sobre a qual estão uma moringa e um copo.

Massao entra no quadro, pela direita, e, fixado pela objetiva em P.P., de frente, apanha a moringa e enche o copo de água. Em seguida, despeja no copo todo o conteúdo do frasco, que depois leva à boca, bebendo vagarosamente.

Depois vai ao leito, seguido pela câmera, que faz Pan-Dir.Esq.

Senta-se, retira a sandália, deita-se na cama, fecha os olhos e fica esperando.

222. Colocada ao pé da cama, câmera, ligeiramente do alto, faz lenta panorâmica sobre o corpo do japonês, que está imóvel, as mãos cruzadas no peito, até fixar, em P.P., seu rosto impassível, os olhos cerrados, pronto para morrer.

SOM - Sobem, na trilha sonora, cantos de galos e de pássaros, antecipando o amanhecer, além de mugidos de bois, coaxar de sapos, latidos distantes de cachorros.

SEQUÊNCIA 12

INTERIOR - COZINHA - MANHÃ

223. Câmera enquadra um bule de café esquentando na trempe do velho fogão de lenha, na cozinha da fazenda.

Depois recua, em Trav-Atrás, abrindo o quadro e deixando ver parte da cozinha, uma janela ao fundo, dando para a horta, e "Siá" Engrácia que, ao lado do fogão, atiça o fogo.

Dona Mari chega da sala de refeições e apanha, na mesa perto do fogão, um prato com biscoitos.

Engrácia, preocupada, fala à patroa:

ENGRÁCIA: Dona Mari pode me dizer se "seu" Massao já se levantou?

MARI: Como, levantou?...

ENGRÁCIA: Se deixou a cama e foi tomar o café.

MARI: Ah, si, entendi. Non vi Massao. Na sala, na horta. Lugar nenhum vi Massao. Mim, preocupada Massao...

SOM - Ruídos, em bg, da fazenda: cacarejar de galinhas, porcos rosnando no chiqueiro, mugidos de bois, etc.

Dona Mari, com o prato de biscoitos, deixa a cozinha e vai à sala.

INTERIOR - SALA DE REFEIÇÕES - MANHÃ

224. Na larga sala de refeições, que tem várias janelas dando para a varanda, o jardim e o pátio interno da fazenda, Sayuri termina de fazer a arrumação da mesa.

Dona Mari chega da cozinha, deposita o prato de biscoitos na mesa, caminha até uma porta, que dá para o corredor, espia lá dentro e, em seguida, volta para perto da nora, falando-lhe, preocupada:

(109) マリ —— 変ヌマミ おじさん
サユリ —— まだ寝てるっていうの？
マリ —— いつも一番に ここへ いうっし
やるのんえ
サユリ —— どこか悪いのかしら！
マリ —— お部屋へ行って見ていらっしゃれ
いいかしら？
サユリ —— そうね お母さんでよいと入口
で呼んで見ましょう。

TRADUÇÃO:

MARI: Não acha estranho? O titio...
SAYURI: Será que estaria dormindo ainda?
MARI: Ele que chega aqui todos os dias em primeiro lugar...
SAYURI: Estaria sentindo-se mal?

MARI: Não seria melhor irmos ver no quarto?

SAYURI: Eu acho. Mamãe, experimente chamá-lo da porta.

225. "Siá" Engrácia chega à sala, trazendo uma compota de doce de abóbora.

Dona Mari vai ao seu encontro e lhe fala:

MARI: Dona Engrácia... porta Massao fechada. Mim pede chamar pessoa abrir porta. Mim estar agoniada...

A cozinheira volta à cozinha, enquanto as duas mulheres, caladas, fazem alguma arrumação na sala.

Pouco depois entram "Siá" Engrácia e Pedro Roque. O grupo, então, encaminha-se para o quarto do fazendeiro.

INTERIOR - CORREDOR - MANHÃ

226. Dona Mari, Sayuri, "Siá" Engrácia e Pedro Roque chegam diante do quarto de Massao Takeda.

Pedro Roque bate à porta, chamando:

PEDRO ROQUE: "Seu" Massao... "Seu" Massao...

227. Câmera, em lenta Pan-Esq-Dir., enquadra em P.P. dona Mari, Sayuri, "Siá" Engrácia e Pedro Roque, revelando a grande apreensão de todos.

228. Mudando a angulação, câmera agora favorece Pedro Roque que, depois de bater novamente à porta, força-a e, com dificuldade, consegue depois arrombá-la.

O grupo, em seguida, entra no quarto.

INTERIOR - QUARTO DE MASSAO - MANHÃ

229. Colocada ao pé da cama, câmera mostra parte do leito, à direita do quadro e, ao centro e à esquerda, a porta de entrada arrombada, pela qual entram os quatro personagens.

O olhar dos quatro se dirige ao leito e, vendo a face lívida e imóvel do fazendeiro, compreende tudo. "Siá" Engrácia, pondo a

mão no rosto, exclama, penalizada:

ENGRÁCIA: Seu Massao, seu Massao!...

MARI e SAYURI: Oh!...

Pedro Roque nada diz, atoleimado, sem saber o que fazer.

230. Como ponto-de-vista do grupo, câmera focaliza o leito de Massao agora em P.A.

Depois, avançando em Trav., vai enquadrar o rosto do japonês, em P.P.P., morto, a expressão apaziguada.

SOM - Curtos acordes do "koto", com insinuação de batidas rítmicas da saga samurai.

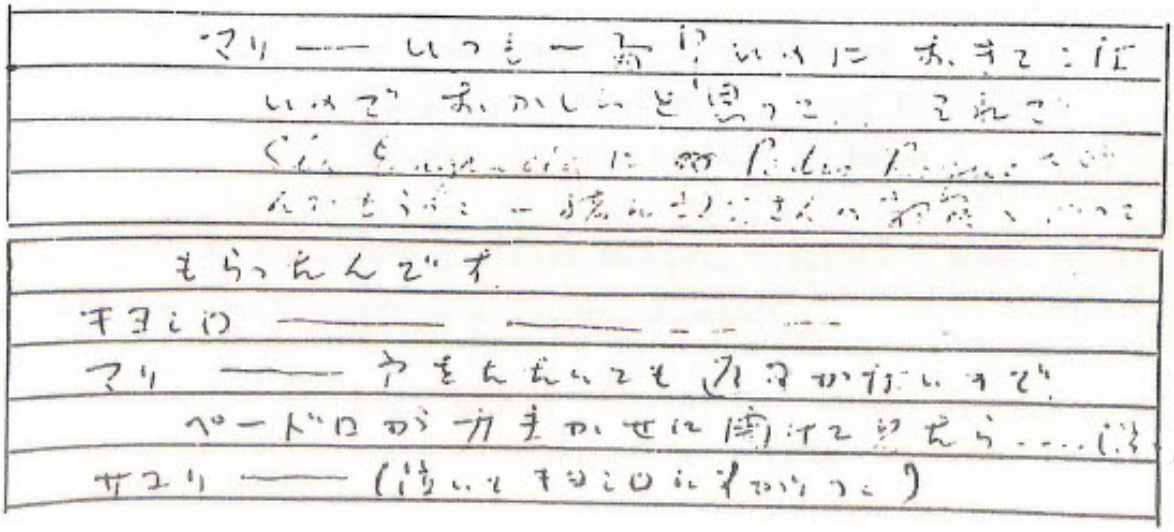
SEQUÊNCIA 13

EXTERIOR - VARANDA - DIA

231. Partindo também do P.P. do rosto de Kyoshiro, que acabou de chegar da cidade, avisado da tragédia, câmera revela sua grande tristeza.

Depois, recuando em Trav. , amplia o quadro, deixando ver Sayuri, dona Mari, "Siá" Engrácia, Pedro Roque e, mais afastado, Antônio Garcia.

Sayuri, chorando, abraça-se ao marido, enquanto dona Mari narra, em japonês, o ocorrido:



TRADUÇÃO:

MARI: Ele que acordava antes de todo o mundo... Como não aparecia, estranhamos... e, daí, pedimos a "Siá" Engrácia que chamasse o Pedro Roque, para que este nos acompanhasse ao quarto.

KYOSHIRO: ...

MARI: Batemos na porta, mas como não abria, Pedro a arrombou, e, então... (CHORA).

Sayuri, chorando também, desmorona sobre Kyoshiro que, enlaçado nela, penetra na casa.

INTERIOR - QUARTO DE MASSAO - DIA

232. Kyoshiro, com a mulher, a mãe e alguns empregados, chega ao quarto de Massao, cujo cadáver ainda está estendido sobre a cama.

Kyoshiro, contrito, mergulhado em sua dor, presta uma última homenagem ao tio, à moda oriental.

Depois se afasta, chega à sala de visitas, onde outras pessoas, inclusive fazendeiros vizinhos e gente da redondeza, vieram trazer condolências aos japoneses.

INTERIOR - SALA DE VISITAS - DIA

233. Chegando à sala, Kyoshiro é cercado pelas pessoas, que apertam sua mão, dando tapinhas em suas costas e nos ombros, dizendo as frases de praxe:

UM FAZENDEIRO: Sentidos pêsames...

UM VIZINHO: Senti muito, "seu" Kyoshiro...

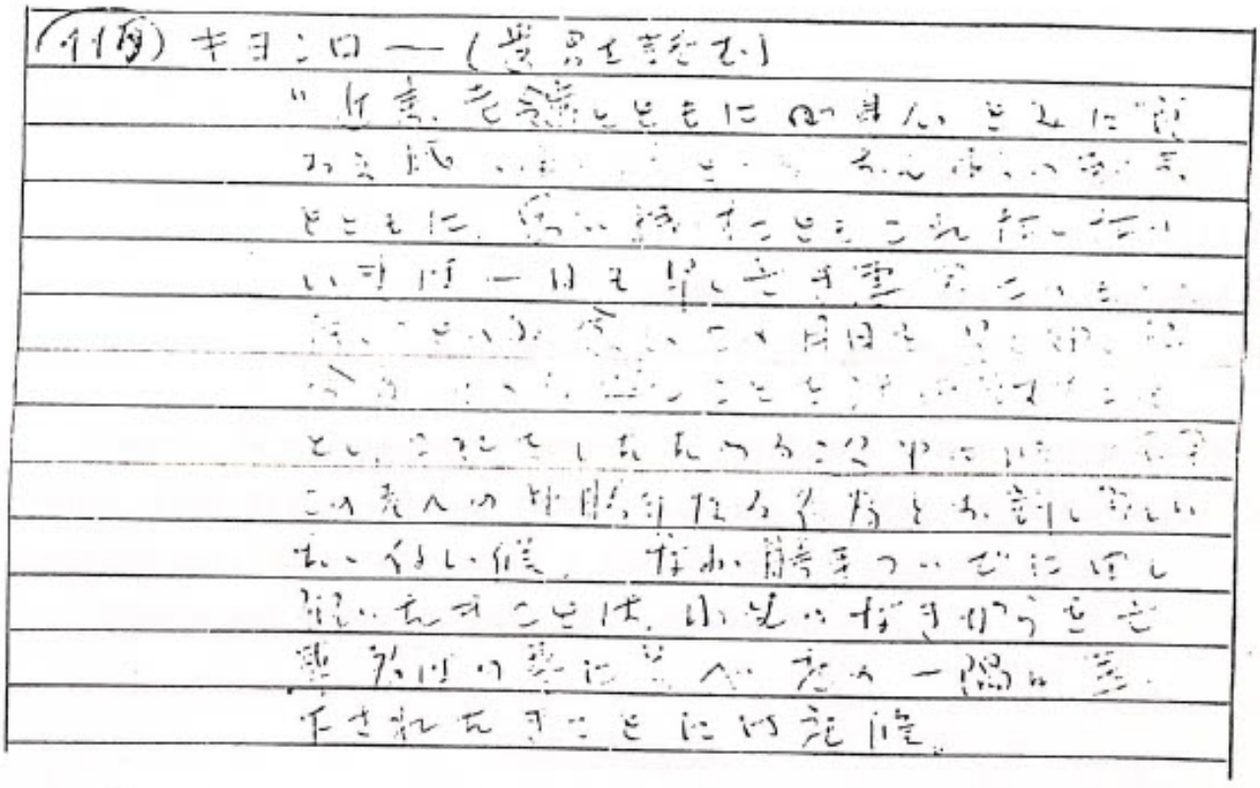
UMA MULHER: Deus proteja o senhor...

234. Mudando a angulação, câmera favorece Kyoshiro e Pedro Roque, que dele se aproxima com um envelope, dizendo:

PEDRO ROQUE: Seu Kyoshiro, encontrei isto na mesinha de cabeceira do patrão.

Kyoshiro abre a carta e começa a ler, em voz baixa, para Sayuri

que está a seu lado:



TRADUÇÃO:

KYOSHIRO (lendo a carta): "Vinha ultimamente sentindo cada vez mais profundamente a solidão da velhice. Com a chegada de vocês, vi que já não precisava mais me preocupar com o que quer que fosse. Já agora, sinto apenas o desejo de me juntar o mais depressa possível à falecida Kimie. Decidi executar o intento esta noite, pelo que passei a redigir estas linhas. Peço perdão para este meu ato egoista. Ainda, um pedido egoista: enterrem-me ao lado do túmulo de Kimie, no jardim".

Durante a leitura da carta, para evitar a monotonia da imagem fixa, câmera faz panorâmica, deixando em off a voz de Kyoshiro, e detalhando flagrantes das visitas na sala, as expressões conpungidas de homens e mulheres, fixando-se, mais demoradqmente, em Antônio Garcia, calado, num canto.

Terminada a leitura da parte japonesa, Kyoshiro chama Pedro Roque, a alguns passos dele, pedindo:

KYOSHIRO: Esta parte ser em "brasilero". Seu Ro-

que, quer ler isto aqui?

Pedro Roque apanha a carta e lê, gaguejando um pouco:

PEDRO ROQUE (lendo): "Recomendação. Recomendo, expressamente, ao tabelião de Bonfim, senhor Isidoro Neves, a transmissão de todos os meus bens ao meu sobrinho Kyoshiro Takeda".

Terminada a leitura, o empregado devolve a carta ao japonês e se retira. Kyoshiro guarda no bolso a missiva do tio, enquanto Sayuri se aproxima mais dele, chorando, e recosta o rosto em seu ombro.

Câmera vai sobre os dois, fixando-os em P.P.

SEQUÊNCIA 14

EXTERIOR - TÚMULO NO JARDIM - TARDE

235. O corpo de Massao Takeda acaba de ser enterrado ao lado do túmulo de Kimie, num canto do jardim.

Diversas pessoas começam a dispersar-se, enquanto Kyoshiro, dona Mari e Sayuri, profundamente acabrunhados, voltam lentamente à fazenda.

EXTERIOR - PÁTIO DA FAZENDA - TARDE

236. Próximo da escadinha que leva ao alpendre, Kyoshiro deixa a mãe e a mulher entrarem e, voltando-se para o pátio, chama Antônio Garcia, que se afasta algums metros adiante:

KYOSHIRO: Senhor Garcia...

O capataz se volta e vem ao seu encontro, o chapéu à cabeça, esperando.

KYOSHIRO (secamente): Senhor está fora fazenda. Pago três salários (RETIRA O DINHEIRO DO BOLSO). Aqui está. Poder senhor Garcia levar cavalo sua estimaçon.

Antônio Garcia, sereno, apanha as notas, guarda no bolso algumas

delas, e devolve as outras ao japonês, dizendo, firme, decidido:

ANTÔNIO GARCIA: Um salário me basta. O outro é para a compra do cavalo. Não quero cavalo seu de presente. E o terceiro pagamento não recebo. Faça dele bom proveito.

Depois o capataz dá as costas ao japonês e se retira, enquanto Kyoshiro entra na fazenda.

SOM - Ruídos típicos da fazenda.

EXTERIOR - CASA DE GARCIA - TARDE

237. Câmera enquadra a frente da pequena moradia de Antônio Garcia. O baiano surge à porta, trazendo alguns pertences, que amarra na garupa do cavalo baio. Depois volta ao interior da casa.

INTERIOR - CASA DE GARCIA - TARDE

238. No interior da casinhola, Garcia vai a um canto do quarto, abre um velho armário e de lá retira uma imagem de Nossa Senhora da Conceição e o punhal, com o qual participou da festa do Candomblé. Enfia o punhal na bainha e guarda a santa numa trouxa de roupa. E torna a sair.

EXTERIOR - FAZENDA - TARDE

239. Câmera enquadra, em P.G., trecho da fazenda, com parte da casa-grande à esquerda e, ao fundo, os estábulos, o galpão, uma estradinha.

Por ela vem vindo o ex-capataz, a cavalo, em trote normal.

Passando por antigos companheiros de trabalho, toca a aba do chapéu, dizendo:

ANTÔNIO GARCIA: Adeus, seu Pedro Roque, até um dia.

PEDRO ROQUE: Se Deus quiser.

ANTÔNIO GARCIA (a outro companheiro): Adeus.

COMPANHEIRO: Adeus.

Passando ao lado da casa, vê, à janela, o vulto de Sayuri, a

quem saúda, tocando também na aba do chapéu. A japonesa responde, com ligeira inclinação da cabeça, e depois se afasta da janela.

Depois o baiano atravessa o pátio, ganha o caminho de terra e se distancia, na direção da Ponta da Serra.

SOM - Sobe na trilha sonora tema musical com insinuação dramática, estilizando ritmos do Candomblé.

240. A sequência se conclui com o G.P.G. da caatinga, a fazenda e, na linha do horizonte, a silhueta do ex-capataz, que se afasta no caminho poeirento, num crepúsculo avermelhado, até desaparecer inteiramente.

"FADE OUT" - "FADE IN"

SEQUÊNCIA 15

EXTERIOR - CAMPO DA CAATINGA - NOITE

241. Passando perto de uma depressão na caatinga, Antônio Garcia escuta gemidos. Aproxima-se do buraco e vê, no fundo, um vulto.

Desmonta e, com cuidados, desce ao fundo do buraco, onde distingue um cangaceiro, ferido à bala, a camisa encharcada de sangue, pedindo socorro. Ao lado dele um fuzil, o chapéu de couro, a cartucheira.

Antônio Garcia procura estancar a hemorragia com um lenço.

Compreende que o homem está morrendo, não pode resistir ao ferimento, e, então, lhe diz:

ANTÔNIO GARCIA: Cristão de Deus, o que foi isto?

CANGACEIRO: Vou morrer, vou morrer... Mas me enterre, lhe peço, para não ser comido pelos urubus. Os "macacos" me acertaram. Podia avisar minha família, na Manga Rosa? Os Maldonados. Também o chefe do bando, Aparício Meireles, que deve andar lá para os lados da Chapada da Ema.

O cangaceiro morre e Antônio Garcia, auxiliado por um facão

que traz junto ao alforje, vai derramando a terra arenosa por cima do corpo.

Depois apanha o fuzil, a cartucheira, alguns pertences do morto. Volta à estradinha, monta e recomeça a viagem, sumindo no escuro da noite.

SOM - Pios de aves noturnas, grilos, coaxar de sapos e o trotar do cavalo de Antônio Garcia.

EXTERIOR - MANGA ROSA - MANHÃ

242. No dia seguinte, pela manhã, o ex-capataz chega a Manga Rosa.

Em trote lento, atravessa o arruado e chega diante de uma venda, perguntando a um rapazinho:

ANTÔNIO GARCIA: Podia me dizer onde moram os Maldonados?

RAPAZINHO: É lá, acolá. Vá sempre em frente, depois quebre à direita.

ANTÔNIO GARCIA: Agradecido.

Antônio Garcia se afasta e o rapazinho sai a correr em direção oposta.

SOM - Ruídos de lugarejo. Um relógio velho, de parede, dá as horas: 9 horas da manhã.

243. Mais adiante, procurando o endereço, Garcia, ao cruzar uma esquina, é repentinamente cercado por alguns soldados do destacamento policial, que lhe apontam os fuzis. Um deles, então, berra:

1º SOLDADO: Nem mais um passo! Mãos pra cima!

2º SOLDADO: Esteja preso!

3º SOLDADO: Cangaceiro atrevido!

Garcia tenta defender-se, desorientado:

ANTÔNIO GARCIA: Moço...

Um dos soldados, no entanto, quase encosta o fuzil no rosto, berrando:

2º SOLDADO: Não fala que eu te passo fogo!

244. Mudando a angulação, câmera mostra agora, em P.M., uma multidão de curiosos que se acercou do ex-capataz e dos soldados.

SOM - Rebuliço, vozes e gritos.

1a. VOZ: Cangaceiro!

2a. VOZ: Cangaceiro!

3a. VOZ: Cabra da peste!

4a. VOZ: UM CANGACEIRO!

5a. VOZ: É do bando de Aparício Meireles!

6a. VOZ: Do bando!

Temendo a reação do povo, os soldados arrastam Garcia para longe do lugar, levando-o à Delegacia.

SOM - Gritos mais distantes da multidão.

EXTERIOR - DELEGACIA - MANHÃ

245. Antônio Garcia chega escoltado diante da Delegacia de Manga Rosa: uma casa baixa, de quatro janelas, diante da qual estão sentados, na calçada e na soleira da porta de entrada, mais alguns soldados.

Garcia, violentamente, é empurrado para dentro.

INTERIOR - DELEGACIA - MANHÃ

246. O ex-capataz é conduzido à sala do Delegado, o Tenente Rubião, homem truculento, a cara bexinguenta, mal-encarado, que vem ao seu en-

contro vociferando:

TENENTE RUBIÃO: Ordinário e audacioso! Passeando aqui, pela Manga Rosa, feito um coronel, hem?! Agora tu vai me dizer - fuleiro - onde anda teu chefe! Ou tu confessa ou te torço osso por osso! Te espremo o saco, tá bom?!

ANTÔNIO GARCIA: Eu não sei, não sei. Juro! Eu sou um inocente, um inocente!

247. Campo: O Tenente Rubião de frente, em P.P., com Antônio Garcia à esquerda, em 3/4 de perfil. O militar, sarcástico, cínico, retruca:

TENENTE RUBIÃO: Ah, é inocente?! Não sabia... Fala!

ANTÔNIO GARCIA: Eu sou um cristão. Um cristão! Pelo amor de Deus!

TENENTE RUBIÃO: Mole que dá nojo! Vamos acabar com esta femeação!

248. Contra-campo: Antônio Garcia, de frente, em P.P., com o Tenente à direita, em 3/4 de perfil:

ANTÔNIO GARCIA: Encontrei um homem morrendo e que me pedia um favor. Foi o que eu já contei. E é só o que eu sei. Tava vindo da Fazenda do Japonês. Lá todos me conhecem, desde menino.

TENENTE RUBIÃO: Pois se não é bandido, é coiteiro, o que vem dar na mesma coisa! É olheiro de cangaceiro! Verdade que no rifle que tu traz está escrito o nome de Duca Maldonado. Mas coiteiro tu é! Vai dormir na cadeia pra refrescar a memória e amanhã tu vai contar tudo. Tudinho! Levem o peste!

249. Três soldados arrastam Garcia para o interior da cadeia.

INTERIOR - CORREDOR E CELA DA DELEGACIA - MANHÃ

250. Câmera enquadra o corredor de celas da Delegacia. Por ele vêm vindo o prisioneiro e os três soldados. Aos trancos e empurrões, o ex-capataz é empurrado para a frente. A certa altura tenta resistir, dando um safanão num dos soldados. Os três, então, raivosamente, caem em cima dele com violentos golpes de"casse-tête", bradando:

1º SOLDADO: Seu filho de uma égua!

2º SOLDADO: Bancando o valente, seu fuleiro?!

3º SOLDADO: Toma, cangaceiro de merda!

Antônio Garcia, sangrando e moído de pancadas, chega diante de uma cela, já cheia de outros presos, e nela jogado dentro com violência.

A cela é fechada e os soldados se afastam pelo corredor.

EXTERIOR - FAZENDA DO JAPONÊS - MANHÃ

251. Enquanto isso, na Fazenda do Japonês a vida parece voltar à normalidade.

Depois de mostrar a propriedade em P.G., destacando a movimentação na lavoura, na horta e no pomar, câmera faz panorâmica e focaliza o curral, favorecendo Pedro Roque, escolhido novo capataz, que trata do gado.

Continuando a panoramizar, câmera depois enquadra um trecho da fazenda, um terreno preparado para novo cultivo, no qual um arado, puxado por um cavalo, abre sulcos na terra.

SOM - Ruídos característicos da vida rural.

INTERIOR - DELEGACIA - NOITE

252. Voltando ao interior da Delegacia de Manga Rosa, câmera penetra no corredor de celas, onde o silêncio predomina.

Em lento Trav-Avante, a objetiva percorre o corredor e se aproxima da cela onde está preso Antônio Garcia.

O ex-capataz, recostado à grade do cubículo, chama um solda-

do, que está no fundo do corredor:

ANTÔNIO GARCIA: Pssiu... Seu guarda!...

253. O soldado ouve o chamado e vem do fundo, aproximando-se da cela:

SOLDADO: Que que é?!

ANTÔNIO GARCIA: Tem um homem morrendo aqui dentro!

O militar se aproxima mais da cela, perguntando:

SOLDADO: Morrendo?... Quem é?...

ANTÔNIO GARCIA: Aquele alí, no canto...

O soldado quase encosta a cabeça nas grades, procurando distinguir alguma coisa no interior da cela, quase no escuro.

Nesse instante, inesperadamente, o ex-capataz mete o braço direito entre as grades e aperta o pescoço do soldado numa "gravata".

O soldado geme, sufocado, enquanto o baiano ordena:

ANTÔNIO GARCIA: Passe a chave, senão te estrangulo!

O pobre-coitado, já quase roxo, sem ar, apanha a chave do bolso e entrega ao preso. Sempre apertando o pescoço do militar, Garcia abre a porta, no que é ajudado por outro preso, e ganha o corredor. Com violenta paulada na cabeça do soldado, tira-o do caminho e, seguido pelo comparsa, um crioulo magro, avança na direção da porta de saída.

Mais adiante, outro soldado surge à porta que leva ao gabinete do Delegado. Garcia, de um pulo, atraca-se com ele e, com a baioneta roubada ao carcereiro, apunhala o militar na barriga.

Depois ganha a porta de saída e o exterior.

EXTERIOR - CAATINGA - NOITE

254. Câmera enquadra uma estradinha de terra, em plena caatinga.

Por ele vem do fundo, em doido galope, o ex-capataz. O cavalo baio passa rente à câmera, que faz rápida panorâmica esquerda-direita e vai enquadrá-lo se afastando no caminho de terra, entre nuvens de poeira.

Antônio Garcia se distancia, na caatinga clareada pelo luar e, mais adiante, some numa curva.

SOM - Ruído do galope, desaparecendo. Música dramática, com instrumentos de percussão em primeiro-plano.

SEQUÊNCIA 16

EXTERIOR - FAZENDA DO JAPONÊS - DIA

255. Câmera enquadra, em P.P., o sulco que o arado faz na terra.

Depois recua, abrindo para P.G. e mostrando a terra preparada para novas culturas. Através de panorâmica, câmera revela parte da propriedade, modernizada por técnica nova e pela vitalidade de Kyoshiro, visto ao trabalho, instruindo um empregado no manejo do instrumento agrícola:

KYOSHIRO: Assim, a mão firme no arado...Vamos...

Câmera continua a panoramizar e vai enquadrar Sayuri e dona Mari que trabalham na horta, agora ampliada e irrigada por um canal.

Após mostrar as japonesas, entretidas na plantação, câmera conclui o passeio descritivo e vai enquadrar, perto do curral, Pedro Roque e dois empregados.

Câmera, pela lente "Zoom", aproxima-se do grupo, até fixá-lo em P.A., captando seu diálogo:

1º EMPREGADO: A pura verdade. Um primo meu, da Manga Rosa, me contou tudo. Que devido ter Antônio Garcia aparecido na cidade com um rifle

de cangaceiro. E que foi preso por um destacamento e pra confessar o que eles queriam que ele confessasse... ah, bom, apanhou, entrou no pano de facão. E a pois, ele podia dizer que era cangaceiro, sem ser?

PEDRO ROQUE: Aquele Delegado, aquele tal de Tenente Rubião, é homem desalmado!

2º EMPREGADO: Vige, aquilo é cruel por demais. Pior, mais muito pior que Aparício Meireles, o chefe do bando. Sou capaz de apostar.

PEDRO ROQUE: Logo com seu Antônio Garcia... Um homem tão sereno... Porque enterrou um cangaceiro... E o dever do cristão não é também enterrar os mortos?

2º EMPREGADO: E a pois?

1º EMPREGADO: Diz que fugiu, sangrando um dos fardados.

2º EMPREGADO: Vige, o cristão! Foi despachado daqui sem consideração e lá na Manga Rosa foi martirizado, acabou assassino! Pra mim é homem de destino cortado.

PEDRO ROQUE: É como se diz: o destino da gente é Deus quem escolhe, e tanto leva para longe como para perto.

1º EMPREGADO: Pois é. O homem põe e Deus dispõe.

SOM - Ruídos da fazenda.

EXTERIOR - ESTRADA NO SERTÃO - TARDE

256. Do P.P. do 1º Empregado, concluindo o diálogo anterior, câmera muda para o P.P. (teleobjetiva) de Antônio Garcia, agora viajando, em trote lento, por outro caminho de terra no interior da Bahia.

Está no Norte, perto da fronteira com Pernambuco e do povoa-

do de Icoseiro.

SOM - Música incidental, ritmada por instrumentos de percussão.

257. Câmera, em P.M., enquadra Antônio Garcia que se aproxima de uma choça, à beira da estrada. Cumprimenta o roceiro, sentado à soleira da porta:

ANTÔNIO GARCIA: Boa tarde...

ROCEIRO: Boas. Apeie-se e se abanque.

SOM - Ruídos de sítio na roça: cacarejar de galinhas, canto de galo, rosnar de porcos, latidos de cão.

EXTERIOR - CHOÇA NA ESTRADA - TARDE

258. Deixando o sitiante à esquerda do quadro, quase costas, câmera enquadra Antônio Garcia sempre montado, em P.A.

O diálogo prossegue:

ANTÔNIO GARCIA: Para um pedido de notícia. Me informaram que vosmincê é coiteiro de Aparício Meireles...

ROCEIRO: Pois informaram mal.

259. P.P. do sitiante, que continua:

ROCEIRO: Não quero complicação. Quero viver em paz.

ANTÔNIO GARCIA (voz off): Sou amigo dos Maldonados, da Manga Rosa.

A expressão do rosto do roceiro se alivia um pouco, ouvindo o nome dos Maldonados.

260. Deixando a cabeça do cavalo em P.P., à esquerda do quadro, focaliza-se o ex-capataz em P.A., quando, então, prossegue:

ANTÔNIO GARCIA: Duca morreu e eu fui torturado pelos "macacos" do Tenente Rubião. Me entende agora?

ROCEIRO (voz off): É o que eu posso fazer, seu moço?

ANTÔNIO GARCIA: Me informar onde está o bando de Aparício.

261. Colocada em praticável, e enquadrando ligeiramente de alto-para-baixo, câmera deixa Antônio Garcia à direita do quadro, em 3/4 de perfil e, à esquerda, em P.A.L., o sitiante, que comenta:

ROCEIRO: Aquele Tenente é homem cascavel... Sei que está falando sinceridades. A pois bem, o bando de Aparício se encontra a coisade duas léguas daqui, nesta direção, na localidade de nome Chocochó.

ANTÔNIO GARCIA: Agradecido. Até um dia.

262. De outro ângulo, câmera fixa a choça do sitiante e parte da estrada. Chega do fundo da casa uma mulher magra e velha, um lenço sujo na cabeça, e que fica espiando o forasteiro que esporeia o cavalo e, de novo, recomeça a viagem, afastando-se.

Câmera fica sobre o roceiro, que então comenta para a mulher, sorrindo aparvalhado:

ROCEIRO: Vai sangrar muito "macaco"...

Depois, através de Pan-Esq-Dir., câmera mostra a estrada e a paisagem crepuscular da caatinga. Antônio Garcia, ao fundo, galopa no caminho de terra, com pressa de chegar.

SOM - Tema musical brasileiro,

estilizando o ritmo do Candomblé, de força dramática e pressagiante.

SEQUÊNCIA 17

EXTERIOR - CAATINGA DE PERNAMBUCO - DIA

263. Em corte direto, do P.G. da tomada anterior, câmera agora enquadra, com a teleobjetiva, o ex-capataz que galopa no meio do bando de Aparício Meireles.

Não é mais o vaqueiro da Fazenda do Japonês. É agora um dos cangaceiros que, durante décadas, assolaram o Nordeste, criando uma legenda de sangue e violência.

Está vestido com o traje tradicional dos cangaceiros: o tecido grosseiro, de mescla e alvorada; as calças de brim riscado; os lenços verdes e vermelhos no pescoço; o chapéu de couro batido, enfeitado com desenhos grotescos, cruzes, signos de Salomão, medalhas, fitas, estrelas e botões de madrepérola. Leva o bornal, alforje, cinto e cartucheiras cruzadas, bordadas em linha vermelha. O fuzil nas costas, alparcatas nos pés, completam uma figura tragi-cômica, perdida no mito.

SOM - Música expressiva, marcando o tema do bando, de inspiração folclórica e popular, depois se simplifica, até reduzir-se ao som de uma viola.

264. Depois de focalizar todo o bando (uns 20 homens) de Aparício Meireles, em P.G., a lente "Zoom" se aproxima dos cangaceiros, todos montados e galopando na caatinga de Pernambuco, detalhando um a um.

SOM - Ruído forte das patas dos cavalos, galopando, vai, depois, para bg.

É quando começa, novamente, a ouvir-se a voz do Cantador,

acompanhando-se à viola, e que continua a cantar o ABC:

CANTADOR:

No bando pelas caatinga,
nos cavalos a correr,
nas cruveadas das serras
fazendo a terra tremer,
em riba da pedra dura,
duros cascos a bater.

Oh sina de Antônio Garcia
homem bom e muito honrado,
transformou-se de repente
num bandido renegado,
assaltando os fazendeiros,
da polícia procurado.

Para Antônio agora o Chefe
era Aparício Meireles,
o mais feroz cangaceiro.
No bando também tinha Félix,
Branco, Batista e Craveiro,
e no sangrar tinha o Teles.

EXTERIORES DIVERSOS - SERTÃO - DIA E NOITE

265. Nova série de "flashes" descreverá a vida e proezas de Antônio Garcia, cangaceiro do sertão.

O primeiro "flash" mostra Garcia, fixado em P.P., galopando na caatinga;

266. P.P. de Aparício Meireles e de outros cangaceiros, galopando em volta do ex-capataz;

267. Todo o bando avançando, lentamente, coluna por um, no carrascal da caatinga;

268. Garcia e companheiros acampados em lugar protegido;

269. O bando investe contra uma fazenda de açúcar, abatendo os que tentam resistir, invadindo a casa-grande, pilhando e agarrando mulheres;

270. O bando agora invade um arraial, fuzila soldados do destacamento, liberta presos e distribui dinheiro e comida aos pobres do lugarejo;

271. Cangaceiros num bordel, dançando e cantando, atracados às mulheres;

272. Os mesmos cangaceiros, tendo Aparício à frente, agora são vistos ho interior de uma igreja, contritos, assistindo missa;

273. A sequência se conclui com o diálogo, num canto de valhacouto, de Antônio Garcia e o chefe do bando, Aparício Meireles.

Câmera, em lento Trav-Avante, aproxima-se dos dois, até fixá-los em P.P.:

ANTÔNIO GARCIA: Também ele não vai escapar da alça de meu rifle. Mas, o que eu quero - primeiro que tudo, chefe Meireles - é a japonesinha. Só penso nela nos meus braços, esmagando ela como quem esmaga uma flor. De amor.

APARÍCIO MEIRELES: Não faço gosto em ter homem apaixonado no meu bando. Homem do meu bando mata paixão é nos cabarés. Mulher no bando é estropício, entendeu?

ANTÔNIO GARCIA: Carregando a Sayuri, também tou humilhando o marido dela, aquele tal de Kyoshiro Takeda. E ele bem que está a merecer um par de chifres!

APARÍCIO MEIRELES: Em assuntos de mulher, e de chifres, não me meto. É coisa dos fundos de cada um.

ANTÔNIO GARCIA: Fico sabendo, chefe Meireles.

EXTERIOR - TÚMULO NO JARDIM DA FAZENDA - TARDE

274. Passando do P.P. de Aparício Meireles e Antônio Garcia, para o P.P. de Kyoshiro, Sayuri e dona Mari, câmera recua e mostra o canto do jardim e o túmulo onde estão enterrados Massao Takeda e sua mulher.

Os três japoneses vestem trajes especiais, destacando-se os belos e coloridos quimonos tão característicos das mulheres do Japão.

Cada um deles traz arranjos florais de grande beleza, ao estilo do "ikebana" e, entre preces e reverências, presta a homenagem de respeito e saudade aos parentes mortos.

SOM - Música japonesa típica e nostálgica.

275.276.277.278. - Câmera detalha aspectos da homenagem dos japoneses aos parentes mortos, na comemoração do "Aki-no-Higan" deste 20 de setembro tão longínquo de sua pátria.

A última tomada mostra os japoneses quando retornam ao interior da casa-grande.

INTERIOR - SALA DA FAZENDA - TARDE

279. Na sala de visitas da fazenda, câmera documenta a decoração especial de flores e outros detalhes especiais que marcam o 20 de setembro, de funda tradição na vida japonesa.

Em lugar de destaque, disposta entre belos arranjos florais, de que são mestres os japoneses, a imagem de Buda volta a ser o centro respeitoso das atenções de Sayuri, Kyoshiro e dona Mari, que vão prostrar-se diante dela, em longas orações e oferendas ao espírito de seus mortos e antepassados queridos.

Em lento Trav-Avante, câmera aproxima-se de nossos três personagens e fixa, em P.P., sua comovida expressão de saudade.

SEQUÊNCIA 18

EXTERIOR - CAATINGA- DIA

280. Em violento contraste com a atmosfera de recolhimento religioso da tomada anterior, câmera agora se instala no centro de sangrenta batalha entre os cangaceiros e soldados da Polícia.

O tiroteio é cerrado, com mortes e feridos de ambos os lados. Protegidos por uma macega e o carrascal retorcido da caatinga, que conhecem palmo a palmo, os homens de Aparício Meireles parecem levar a melhor.

SOM - Gritos, imprecações, tiros e outros ruídos de batalha.

280.281.282.283.284.285.286.287. - A série de planos, de inspiração local, documenta a refrega entre os bandidos e seus implacáveis perseguidores, com ênfase para o instante em que Aparício Meireles recebe um tiro, cambaleia e é socorrido por Antônio Garcia, que o conduz a lugar seguro, onde é alçado ao selim de um cavalo e levado para longe.

EXTERIOR - CANTO DE MATO - DIA

288. Levado para sítio protegido, no mato, por Garcia e outros cangaceiros, Aparício Meireles, mortalmente ferido, chama os homens para perto e declara, quase sem forças:

APARÍCIO MEIRELES: Apaguei. Pra mim uma cova e só. Sem lastimação. Você, Garcia, doravante é o chefe.

E pende a cabeça, morrendo.

Os cangaceiros abrem uma cova e o enterram, fazendo o sinal da cruz e alguma oração.

Depois desaparecem no mato, fugindo da perseguição dos soldados, que ainda vasculham a redondeza.

EXTERIOR - FAZENDA DO JAPONÊS

289. Câmera enquadra parte do gado que chega ao estábulo para a ração. A manada é maior e comprova melhor trato e técnica mais apurada.

Depois, fazendo Pan-Esq-Dir., câmera vai enquadrar Kyoshiro e um fazendeiro vizinho, "seu" Fagundes, negociando a compra de algumas peças.

Câmera, em Trav-Avante, aproxima-se dos dois, até fixá-los em P.P., captando seu diálogo:

KYOSHIRO: Cem mil-réis a cabeça...

FAGUNDES: Valei-me minha Nossa Senhora, que o japona tá carregando no preço! Cem mil-réis por um boiote?

KYOSHIRO: Gado todo bem tratado, muito gordo.

FAGUNDES: Não desfaço das gordurinhas deles, mas "seu" Kyoshiro, faça uma diferençazinha. Quer oitenta mil-réis? Eu levo tudo.

KYOSHIRO: Japonês deixa por noventa. Só.

290.291.292. - Três P.P.s de bois, pachorrentos, que parecem olhar na direção dos dois homens.

293. Campo: P.P. de "seu" Fagundes, de frente, com Kyoshiro à esquerda, em 3/4 de perfil. O fazendeiro continua:

FAGUNDES: Homenzinho teimoso... Tá bem, eu compro. Mande deixar os boiotes na Gameleira. O dinheiro tá lá, esperando.

KYOSHIRO: Combinado.

FAGUNDES (noutro tom de voz): Sabia que aquele seu antigo capataz, o Antônio Garcia, está no bando do Aparício Meireles?

294. Contra-campo: P.P. de Kyoshiro, ao centro, ligeiramente à direita, com "seu" Fagundes à esquerda do quadro. Ouvindo o nome do antigo capataz, Kyoshiro reage com desagrado e uma ligeira irritação, enquanto o fazendeiro prossegue:

FAGUNDES: Deram agora de atacar tudo que é

propriedade. Não é uma praga? Matam, roubam e defloram. Uma desgraça! Antônio Garcia, quem diria, hem?

KYOSHIRO: Não me admira. Ele é muito audacioso.

295. P.P.P. do fazendeiro, que adverte:

FAGUNDES: Pois tome tenção. Me disseram que ele jurou vingar-se de si.

296. P.P.P. de Kyoshiro, que responde, sombrio, firme:

KYOSHIRO: Senhor Fagundes, eu não tenho medo nem dele nem do bando dele! Se atacar leva troco!

297. P.P. e depois P.G. por Pan-Dir-Esquerda. - Câmera enquadra os dois homens em P.P. O comprador de gado acrescenta, cauteloso:

FAGUNDES: Isto! Mas "seu" Kyoshiro, não desdenhe... Adeus.

"Seu" Fagundes aperta a mão do japonês e, em seguida, se encaminha para o velho "Ford" bigode, parado mais adiante. Câmera segue os dois em panorâmica, até enquadrar a cena em P.G.

O fazendeiro entra no carro, liga o motor e, depois de saudar o japonês, tirando o chapéu, afasta-se na estrada.

SOM - Motor barulhento do automóvel. Ruídos da fazenda, em bg.

EXTERIORES DIVERSOS - SERTÃO - DIA

298.299.300.301.302.303.304.305.306. - Novos "flashes" da ação do bando de cangaceiros, agora sob a chefia de Antônio Garcia, sucedem-se na tela, mostrando rápidos deslocamentos, uma habilidosa estratégia militar.

Os bandidos, treinados em lutas de grande mobilidade, irrompem por fazendas e pequenas cidades, desnorteando a Polícia, pilhando,

cometendo desatinos, escapando com incrível versatilidade e perícia.

Câmera, nesta série especial de tomadas descritivas, captará flagrantes expressivos, em ritmo veloz e nervoso.

SOM - Música incidental expressiva, com instrumentos de percussão destacando-se na massa orquestral.

EXTERIORES - FAZENDA DO JAPONÊS - DIA

307. Na "Fazenda do Japonês" as proezas de Antônio Garcia repercutem entre os antigos companheiros de trabalho.

Num grupo, próximo do galpão, três homens dialogam:

1º EMPREGADO: Dizem que Antônio Garcia é agora o chefe do bando. Que Aparício Neireles morreu. Acredito não.

1º VAQUEIRO: A pois é verdade. E já vi até dizer que eles andam rondando por estas paragens.

2º VAQUEIRO: Ontem divisei, à boquinha da noite, um vulto a cavalo, entrando na caatinga, mode como se estivesse se escondendo... Me passou uma coisa no corpo, pois meus cabelos do braço e do cangote se afuloraram todo...

1º EMPREGADO: Eita Nezinho, que tu é um bocado medroso! Garanto que se tu te encontra com Antônio Garcia tu tem um vágado.

308. P.P. do 2º Vaqueiro, que completa, irônico:

2º VAQUEIRO: É. Tem gente que canta de valente porque inda não viu nada. Mas vendo um cangaceiro, com aquele chapelão chamejante, era capaz de se borrar.

309. P.P. do 1º Empregado, que acrescenta:

1º EMPREGADO: Pois qualquer dia deste tou te vendo de perna lambuzada. (OLHANDO DE LADO): Lá se vem Antônio Garcia...

310. P.P. do 2º Vaqueiro, assustadíssimo, que exclama:

2º VAQUEIRO: Epa! Virge, donde?!...

311. P.M. do grupo, com o 1º Empregado e o 1º Vaqueiro rindo às gargalhadas, gozando o medo do companheiro. O 1º Vaqueiro, sustendo o riso, comenta, gozador:

1º VAQUEIRO: Já vi cabra medroso...

SOM - Durante este diálogo, ouvir-se-á, na trilha sonora, o solo da viola do Cantador, preparando a continuação do ABC.

EXTERIOR - FEIRA NORDESTINA - DIA

312. Em outra movimentada feira nordestina, o Cantador, personagem de nosso filme, volta a narrar, para um público atento, a vida errante e aventurosa de Antônio Garcia, acompanhando-se à viola:

CANTADOR:(Cantando):

"Retratos de todo tipo
na cidade apareciam,
as volantes que o prendessem
grande soma recebiam,
aqueles que o matassem
na cadeia não sofriam.

Saía o fogo de pólvora
da fumaça o nevoeiro
que o fogo clareava
da sala até o terreiro,

ali não tinha clemência
pois Garcia era um guerreiro.

Toda gente já sabia
aquel'homem é condenado.
Ninguém pode conhecê-lo
porque anda disfarçado,
anda em traje de mendigo,
de mulher, de potentado.

Um dia diz o Tenente:
cangaceiro não me afronta!
Tuas balas não me furam
e teus punhais não têm ponta,
pois filho da Paraíba
não leva bandido em conta!

Durante a cantoria, câmera, na mão do operador, capta primeiros-planos de ouvintes e espectadores, além de detalhes curiosos e pitorescos da feira.

EXTERIOR - MANGA ROSA - DIA

313. A voz off do Cantador ainda se ouve sob as imagens do bando de Antônio Garcia, que invade, em investida fulminante, a pequena cidade de Manga Rosa, a mesma na qual, tempos atrás, foi espancado pelo Tenente Rubião e os soldados do destacamento.

SOM - Os dois últimos versos do Cantador serão ouvidos sob as imagens do bando invadindo Manga Rosa. Depois o ruído do galope dos cavalos e dos gritos dos cangaceiros sobe, forte, para primeiro-plano sonoro.

O bando atravessa a praça principal, chega à Delegacia e imobiliza o destacamento policial, após balear dois ou três soldados.

EXTERIOR - DELEGACIA - DIA

314. Diante da Delegacia de Manga Rosa a resistência dos soldados do destacamento chega ao fim. Dois soltados estão mortos, enquanto outros dois, feridos, gemem num canto.

Antônio Garcia, seguido por três companheiros, arromba com o pé a porta de entrada da Delegacia e entra nela correndo.

INTERIOR - DELEGACIA - DIA

315. O chefe do bando chega ao gabinete do Tenente Rubião, encurralado num canto, o revólver à mão, sem munição.

Garcia e seus acompanhantes agarram o militar e, aos pescoções, o arrastam para fora, dizendo:

ANTÔNIO GARCIA: Então, "seu" Tenente: não vai dizer que é inocente?!

O militar, altivo, só responde, entre os safanões:

TENENTE RUBIÃO: Mate logo, cangaceiro ordinário!

EXTERIOR - DELEGACIA - DIA

316. Arrastado para fora da repartição, o Tenente é encostado à parede e, diante de pequena multidão aglomerada, sumariamente fuzilado pelos cangaceiros, que nele descarregam seus fuzis. Depois seu corpo é jogado no interior da Delegacia.

O bando, em seguida, da mesma forma como chegara, sai em galope, e aos gritos, do lugarejo, sumindo na caatinga.

SOM - Tiros, gritos, galope.

SEQUÊNCIA 19

EXTERIOR - FAZENDA DO JAPONÊS - MANHÃ

317. Dias mais tarde, acompanhado por um empregado, Kyoshiro Takeda prepara-se para nova viagem a Juazeiro, a negócio.

Câmera enquadra a casa-grande, favorecendo a escadinha que leva ao alpendre, pela qual descem o fazendeiro, Sayuri e dona Mari.

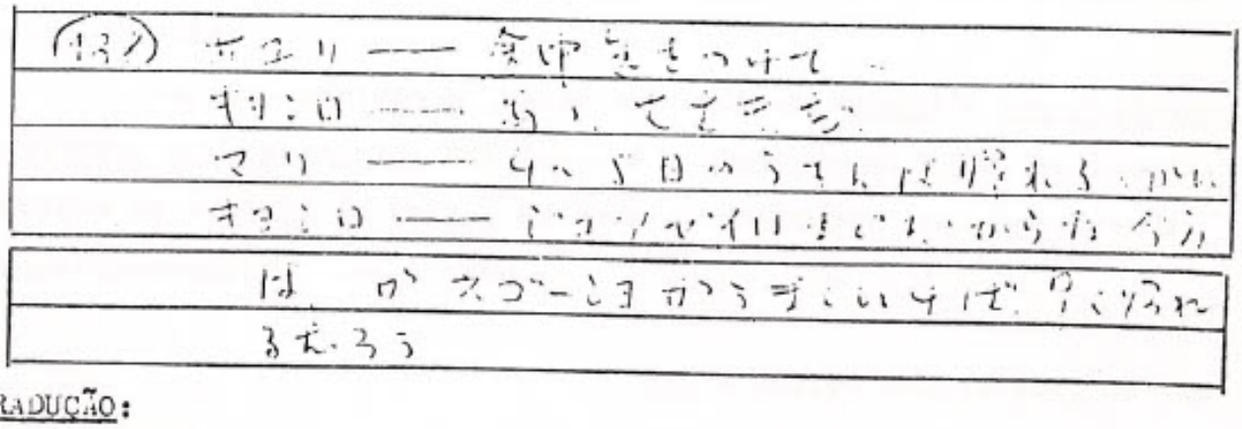
No pátio, ao lado da charrete, Pedro Roque e outro empregado esperam a chegada do patrão.

Quando os japoneses estiverem em P.A., câmera, em Trav.Atrás, recua, acompanhando sua caminhada até a charrete.

O quadro final manterá o veículo, puxado por um cavalo, à direita do quadro, com os três japoneses à esquerda, em P.A.

Vendo-os chegar, Pedro Roque, respeitoso, tira o chapéu.

Antes de subir, Kyoshiro mantém com a família diálogo em japonês:



TRADUÇÃO:

SAYURI: Tome cuidado na viagem...

KYOSHIRO: Não se preocupe, não há perigo.

MARI: Voltará dentro de 4 ou 5 dias?

KYOSHIRO: Desta vez é só até Juazeiro. Se o negócio for bem, acho que poderia voltar logo.

Depois o japonês se volta para Pedro Roque e lhe diz, em português:

KYOSHIRO: Tudo correr bem, Kyoshiro está de volta fim da semana. Tomar conta minha família.

PEDRO ROQUE: O chefe pode viajar descansado. Vossa família terá todo meu zelo. Adeus.

Kyoshiro aperta a mão do capataz e, voltando-se para as duas mulheres, inclina-se com a tradicional mesura, que elas respondem de forma idêntica. Depois o japonês sobe ao veículo, que se movimenta.

318. P.A. da estrada interna da fazenda, pela qual segue a charre-

te.

SOM - Charrete se afastando.
Ruídos típicos da fazenda.

EXTERIOR - REGIÃO DO SÃO FRANCISCO - MANHÃ

319. Não muito distante da fazenda, em local próximo ao Rio São Francisco, câmera, do alto de um serrote, focaliza o bando de Antônio Garcia que atravessa a caatinga, em trote lento, evitando pontos de maior trânsito.

Depois, abrindo o quadro com a lente "Zoom" e panoramizando de direita para esquerda, vai mostrar a charrete de Kyoshiro Takeda, seguindo no caminho de terra, em sentido contrário aos cangaceiros que, evidentemente, não a vêem.

SOM - Música insinuante, de tom pressagioso, misturando acordes brasileiros e japoneses.

EXTERIOR - FAZENDA DO JAPONÊS - DIA

320. Na Fazenda do Japonês o trabalho segue seu ritmo normal. Sayuri e a sogra mexem na chocadeira, colhendo olhos; Pedro Roque leva o gado ao pasto; empregados e peões ocupam-se de seus afazeres.

Fazendo panorâmica, câmera deixa a casa-grande e suas imediações, indo enquadrar, mais adiante, um capão de mato. Depois, pela "Zoom", vai mostrar, em detalhe, o bando de Antônio Garcia que espreita, protegido pela vegetação.

De repente, em forte tropel, o bando irrompe na direção da sede, descendo um morrinho, aos berros.

SOM - Tropel. Gritos de guerra dos cangaceiros.

321. Modificando a angulação, e mostrando agora o perímetro da fazenda em P.G., câmera documenta o assalto dos cangaceiros à Fazenda do Japonês.

Alguns empregados procuram resistir, tentando apanhar armas. Antes que as empunhem, os cangaceiros, com pontaria certeira, os abatem.

322.323.324.325.326. - Câmera detalha o assalto, fixando flagrantes expressivos da investida fulminante dos cangaceiros, com Antônio Garcia à frente.

O pânico se generaliza, com homens e mulheres correndo em todas as direções, protegendo-se.

Sayuri e dona Mari, a princípio paralizadas pela estupefação, correm ao interior da casa.

A última tomada da série mostra Antônio Garcia que, vendo Sayuri e a sogra entrando na casa, galopa em sua direção e, ao pé da varanga, desmonta e, de um salto, invade a fazenda.

SOM - Gritos, tiros, latidos de cachorros.

INTERIOR - SALA E QUARTO - DIA

327. O ex-capataz penetra na sala de visitas, ganha o corredor e, vendo trancado o quarto de Sayuri, mete o pé na porta e a arromba, com um único golpe. Câmera, em movimento veloz, entra com ele no cômodo.

Garcia avista Sayuri a um canto, paralizada pelo terror. Vai ao seu encontro.

É quando dona Mari, com um punhal, corre na direção do cangaceiro, só dizendo:

MARI: Bandido! Bandido!

Neste exato momento, surgindo à porta do quarto, outro cangaceiro, vendo o gesto da japonesa, saca da arma e, com tiro certeiro, abate-a.

Sayuri desfalece. Garcia toma-a nos braços e, com ela, vai ao guarda-roupa e apanha o quimono da japonesa e outros pertences.

EXTERIOR - PÁTIO DA FAZENDA - DIA

328. A luta terminou. Dois empregados estão mortos, enquanto outros, entre os quais Pedro Roque, foram imobilizados pelas armas dos can-

gaceiros, que esperam, ao pé do alpendre, a volta do chefe.

Antônio Garcia surge, então, à porta principal, carregando a japonesa e uma trouxa de roupa.

Sayuri, logo a seguir, recupera a consciência e se põe de pé, perplexa.

O ex-capataz monta, no que é seguido pelos companheiros, apanha Sayuri do chão, coloca-a no selim, protegendo-a com o braço direito.

Depois olha na direção dos empregados, avista Pedro Roque e chama:

ANTÔNIO GARCIA: "Seu" Roque, se achegue!

Pedro Roque avança alguns metros, parando ao lado de Garcia. Câmera, em Trav-Avante, aproxima-se deles, fixando-os em P.A. Antônio Garcia dirige-se a Pedro Roque, dizendo:

ANTÔNIO GARCIA: Diz a teu patrão que voltei para buscar a mulher dele. Adeus.

329. Garcia ordena a partida, esporeia o cavalo e arranca. O bando se afasta, em tropel que ecoa longe.

Câmera, fazendo panorâmica, segue o bando que se distancia, entre nuvens de poeira, e que, mais adiante, desaparece numa curva.

SOM - Tropel forte. Depois o ruído vai para bg, subindo música dramática, com sons de instrumentos de percussão em destaque.

SEQUÊNCIA 20

EXTERIOR - FAZENDA DO JAPONÊS - TARDE

330. P.P.P. do rosto atônito de Pedro Roque, falando a Kyoshiro Takeda, fora do quadro:

PEDRO ROQUE: Desgraça, patrão, desgraça! Foi

uma fuzilaria. Nos pegou desprevenidos!

Trav-Atrás, abrindo o quadro, e deixando ver Kyoshiro Takeda, chamado às pressas de Juazeiro, parado ao lado do capataz, que continua a narrativa:

PEDRO ROQUE: Me deram uma coronhada e me amarraram. Queriam que eu testemunhasse tudo. Dona Mari foi morta e vossa esposa raptada por Antônio Garcia. Desgraça, meu Deus, desgraça! Oi dia infeliz!

O japonês nada responde e corre ao interior da casa, fechado em seu grande ódio.

INTERIOR - FAZENDA - TARDE

331. Kyoshiro Takeda chega ao quarto, no qual, estendida na cama, jaz o corpo de sua mãe.

Diante dele curva-se e, contrito, à moda oriental, faz orações.

Câmera avança, lentamente, até enquadrá-lo em P.P.P., o rosto estranho, transfigurado.

EXTERIOR - CANTO DO JARDIM - ANOITECER

332. Fixando Kyoshiro, novamente em P.P.P. , câmera recua para mostrar novo "décor": o canto do jardim com o túmulo de Massab e Kimie, agora também servindo de sepultura para dona Mari.

Perto do fazendeiro estão Pedro Roque, "Siá" Engrácia e outros empregados, alguns vizinhos, velhos e crianças, compungidos.

Depois Kyoshiro Takeda se afasta, aproxima-se de Pedro Roque e ordena:

KYOSHIRO: Sele o cavalo.

Depois volta ao interior da casa.

INTERIOR - FAZENDA - ANOITECER

333. No interior de seu quarto, Kyoshiro abre um armário, retira

a canastra japonesa, recolhe alguns pertences e, de novo, volta ao exterior da fazenda.

EXTERIOR - FAZENDA - AMANHECER

334. Fora da casa, um cavalo espera o fazendeiro. Kyoshiro vai na sua direção, prende a canastra na garupa do animal, selado, à sua espera.

Pedro Roque se aproxima do japonês, enquanto a câmera, noutro ângulo, deixando o cavalo à direita do quadro, também avança, no carrinho, até enquadrar o japonês e seu empregado em P.P.:

> PEDRO ROQUE: Seu Kyoshiro, aonde vai vosmincê? Aonde vai, sem carregar arma de fogo? Bem que eu podia pajear vosmincê... Posso? Já mandei um portador dar parte ao Delegado, do acontecido... Seu Kyoshiro, aonde vai vosmincê, sem carregar arma de fogo?

O japonês nada responde, fechado em seu grande ódio. Monta no cavalo, chapéu à cabeça, fustiga o animal e parte.

335. Mudando a angulação, câmera agora coloca parte da casa-grande no canto direito do quadro, favorecendo o pátio e a estradinha de terra. Por ela Kyoshiro Takeda se afasta, diante do espanto e a tristeza de seus empregados.

Neste instante, ouve-se, forte, a voz do Cantador.

> SOM - Sobrepujando os ruídos ambientais (cavalo que se afasta, mugido de bois, latidos de cachorro, etc.) sobe na trilha sonora a voz do Cantador, acompanhado à viola sertaneja.

CANTADOR:

Veja a sorte dos nipões
nestes sertões brasileiros,

levando o moço a enfrentar
um bando de cangaceiros
cujo chefe raptara
Sayuri - d'olhos faceiros.

EXTERIOR - CAMINHO DA TERRA - AMANHECER

336. Câmera, instalada em veículo motorizado, enquadra, em P.P., o peito do cavalo montado por Kyoshiro Takeda, respirando forte.

Depois sobe, focaliza o pescoço, a cara do animal, mastigando a brida e, mais atrás, a figura sombria e enérgica do japonês, sustendo, com força, a rédea e olhando ligeiramente à esquerda da objetiva.

SOM - Misturando-se com o ruído das patas do cavalo, ferindo a estrada de terra, ouve-se ainda o som da viola do Cantador, pontilhando a sequência.

337. Câmera, colocada agora em ponto alto, focaliza em G.P.G. a paisagem sertaneja, no crepúsculo de cores fortes, tingindo o céu e a linha do horizonte.

À esquerda do quadro a sucessão de pequenos serrotes e elevações de vegetação rala. Ao centro, o caminho de terra, serpenteando na caatinga. À direita, a linha sinuosa do horizonte, o belo crepúsculo avermelhado, a distância sem-fim.

SOM - Em lugar da viola sertaneja, agora se ouve, na trilha sonora, o som do "shamissen", monótono, como num queixume.

SEQUÊNCIA 21

EXTERIOR - PONTA DA SERRA - DIA

338. Começa, neste ponto, uma longa, patética e obstinada perseguição de ódio e vingança, dividindo-se a narrativa em ações paralelas que descrevem a tenaz peregrinação de Kyoshiro Takeda, de um lado, e a estranha aventura vivida por Sayuri, de outro.

A ambivalência dramática da ação, a partir deste ponto crucial, concentrar-se-á na figura insólita do japonês, chapéu de palha à cabeça, a roupa sertaneja, os pequenos olhos fincados na distância, ou prescrutando pistas, decifrando detalhes no chão, em árvores, no carrascal da caatinga.

Por outro lado, na alternância descritiva da história, também se verá o bando de Antônio Garcia, cruzando o sertão, escapando e combatendo os soldados, criando uma legenda de sangue e audácia.

A tomada inicial da sequência mostra, em P.G., o japonês que atravessa, em trote lento, o arruado humilde da Ponta da Serra, solitário, a canastra refulgindo ao sol forte, despertando a curiosidade dos moradores da vila.

339. Enquanto isso, quilômetros adiante, o bando de Antônio Garcia cavalga na caatinga, furando o entrelaçado dos arbustos e cipós.

No meio dos cangaceiros, prisioneira insólita de uma raça estranha, Sayuri monta um cavalo magro e segue, calada, a vida errante do bando.

Câmera, lentamente, dela se aproxima, até captar, em P.P., seu rosto melancólico, nada entendendo do que se passa.

SOM - O fundo musical, antes de inspiração folclórica brasileira, transmuda-se, lentamente, em ritmo e melodia japoneses, à medida que a objetiva se acerca de Sayuri.

EXTERIOR - TOPO DE UM SER OTE - AMOITECER

340. Muito de longe, em G.P.G., câmera mostra grande extensão de árida região do Norte baiano. Ao fundo, silhuetado contra um céu crepuscular, manchado de cores e de nuvens bizarramente desenhadas, a objetiva mostra a solitária figura do japonês, cavalgando, da esquerda para a direita, no topo de um serrote.

SOM - Ao som do "shamissen" agora se ajunta a estranha sonoridade do "shakuhatchi" (flauta de bambu).

EXTERIOR - VALMACOUTO - NOITE

341. Câmera agora faz panorâmica, também da esquerda para a direita, sobre o acampamento armado pelos cangaceiros no meio de um matagal, no sopé de um morro.

Diversas redes, presas entre árvores, servem de cama para os bandidos, que ressonam, exaustos, enquanto, num canto, uma barraca serve de refúgio para Sayuri. Perto dela, a cabeça recostada no selim de seu cavalo, Antônio Garcia, como sentinela e protetor, ainda tem os olhos abertos, meditando.

Finda a panorâmica, câmera, no carrinho, avança lentamente na direção da barraca de Sayuri e, depois, nela penetra, mostrando a japonesa, que dorme, sobre uma esteira, encolhida como uma criança.

SOM - Grilos e coaxar de sapos. Ao fundo, o uivo estranho de um lobo, gritos de animais assustados.

EXTERIOR - CAPÃO DE MATO - NOITE

342. Cortando do P.P. do rosto tranquilo de Sayuri, dormindo, câmera agora focaliza, também em P.P., o rosto inquieto, crispado, de Kyoshiro Takeda, deitado numa rede, os olhos abertos, tenso, sombrio.

Depois câmera, pela lente "Zoom", recua e mostra o japonês que repousa no meio de um capão de mato.

SOM forte de grilos e, no fundo, guinchos estranhos de animais assustados.

EXTERIOR - VALHACOUTO - MADRUGADA

343. Antônio Garcia ajuda Sayuri a montar em seu cavalo. Depois, por sua vez, também monta e se afasta do valhacouto, seguindo ao lado direito da japonesa.

Atrás dos dois, em fila, também avançam os cangaceiros à luz imprecisa da madrugada.

SOM - Só se ouve, na trilha sonora, o ruído das patas dos cavalos, relinchos e o resfolegar forte dos animais.

EXTERIOR - TRILHA NA CAATINGA - MADRUGADA

344. Kyoshiro Takeda recomeçou a viagem, perseguindo os bandidos. Ainda na claridade indefinida da madrugada, sua figura é agora fixada pela objetiva, rompendo um trecho inóspito da caatinga, o que o obriga, com o facão, a decepar galhos secos de arbustos e cipós, rompendo o carrascal.

SOM - Ruídos do cavalo e de galhos secos cortados pelo japonês com um facão.

EXTERIOR - RIO PIAUÍ - DIA

345. O bando de Antônio Garcia agora atravessa um trecho raso do Rio Piauí, no Estado do mesmo nome, seguindo na direção de Sete Lagoas e Açuã.

Alguns cangaceiros se lançam nas águas, de cima mesmo dos cavalos, divertindo-se e, principalmente, refrescando-se do calor.

Mais adiante, já tendo atravessado o curso d'água, Antônio Garcia, junto à japonesa, observa a diversão de seus homens.

SOM - Ruídos dos cavalos atravessando o rio. Gritos e brincadeiras dos cangaceiros.

EXTERIOR - CACIMBA - DIA

346. Kyoshiro Takeda também já atravessou a fronteira da Bahia com o Piauí e agora cavalga no comprido arruado de Cacimba, lugarejo miserável que um sol causticante castiga.

A presença do japonês quase mete medo naquela gente humilde e assustada do nordeste.

Desejando obter informações, o japonês, quase no fim da rua, aproxima-se de um velho, a barba rala e os cabelos eriçados inteiramente brancos, de magreza impressionante, os ossos furando a pele seca e torrada pelo sol.

O homem, quando avista o japonês, com a estranha canastra amarrada na garupa do cavalo, sai quase a correr, assustadíssimo.

Diante de uma venda, um grupo de moradores do lugarejo pára de conversar à passagem vagarosa do japonês, enquanto um deles, espantado, exclama:

UM MORADOR: Um "china" pr'essas bandas?...

O japonês não se perturba, e segue adiante, firme em sua determinação, deixa o arraial, reencontra a caatinga abrasada.

EXTERIOR - LUGAR DO SERTÃO - DIA

347. O silêncio do plano anterior é, repentinamente, quebrado pela fuzilaria atordoante de uma refrega dos cangaceiros com 10 ou 12 soldados pernambucanos, em região próxima ao Pontal.

A primeira tomada, da luta, mostra os cangaceiros que saltam dos cavalos e vão se proteger atrás de árvores e formações de facheiros e xique-xiques.

Fazendo panorâmica, camera revela Antônio Garcia que afasta Sayuri do local da batalha, conduzindo-a para dentro de uma furna, mais adiante. Depois volta para junto dos companheiros.

348.349.350.351.

352.353.354.355. - A nova série de "flashes" documentará a violenta refrega entre os cangaceiros e seus tradicionais inimigos, destacando a incrível estratégia bélica dos primeiros, sua velocidade fulminante, suas manhas e mobilidade. A batalha termina com a fuga, desordenada, dos soldados sobreviventes, uns 4 ou 5, inclusive um Tenente, que os comandava, enquanto, entre as baixas, jazem no local 4 soldados mortos e três feridos gravemente.

Do lado dos asseclas de Antônio Garcia 3 estão mortos, enquanto dois outros gemem de dor, socorridos por seus companheiros.

Enterrados os mortos, a sequência se conclui com a tomada de Antônio Garcia que vai buscar a japonesinha, protegida numa grota. O chefe do bando leva-lhe o cavalo, que ela monta, calada e submissa.

Depois o bando se afasta do lugar, apressadamente, temendo o reagrupamento dos soldados, e se embrenha no mato.

SOM - Durante a refrega, ruídos ambientais: tiroteio, gritos, ordens, imprecações e gemidos.

EXTERIORES DIVERSOS - PIAUÍ,
PERNAMBUCO E BAHIA - DIA

356.357.358.359.360.

361.362.363.364.365. - Nova série de "flashes" também documentará os diversos deslocamentos de Kyoshiro Takeda em busca do bando de cangaceiros.

Nada o detém, nesta pertinaz odisséia itinerante: nem o sol implacável, nem os espinhos das unhas-de-gato, rasgando sua pele. Segue em frente, penetra em cerrados de macegas altas e palmatórias, avança nas caatingas espinhentas sob o céu sem nuvens.

E assim cruza, fixado pela câmera em "takes" de diferentes angulações e distância, a fronteira com o Piauí, passando perto de Boqueirão, Cacimba, Raimundo Nonato, cortando o rio Piauí, no mesmo ponto atravessado, antes, pelo raptor de sua mulher, e, depois, segue na direção de Sete Lagoas e Açuã.

Avança, em seguida, na direção de Pernambuco, beirando Recanto, Amargosa, Rajada, atravessando o Pontal e chegando a Cabrobó, onde repousa mais tempo.

Depois, voltando ao Norte da Bahia, passa por Rodeias, Chorrochó, Macaruné e Glória.

Os "flashes" das intermináveis andanças de nosso herói também documentarão a dramática e variada paisagem nordestina, vista, "en passant", pelo andarilho: caatingas altas, baixas, mestiças e sujas; rios, riachos, serras, serrotes, furnas e grotões; mandacarus e facheiros, xique-xiques, faveleiros, juazeiros, umbuzeiros, aroeiras, angicos, umburanas e barrigudas.

Da seca impressionante, com seu cortejo de miséria, inclusive os deploráveis retirantes, que se cruzam no caminho do japonês, a objetiva também documenta o extraordinário efeito que as chuvas, inesperadamente, provocam naquela terra agreste. Em poucos dias, como por milagre, a caatinga, com sua terra esquálida e esturricada, torna-se verdejante e aprazível.

Alimentando-se do que pode encontrar, principalmente de carne seca, farinha, paçoca e rapadura, Kyoshiro Takeda avança nas pegadas do inimigo.

SOM - Para esta sub-sequência especial, misturar-se-ão sons melódicos e rítmicos de inspiração japonesa e brasileira, interligando o som de violas, zabumbas, berimbaus, triângulos, afochês, etc., com o dos instrumentos típicos do Japão: "shamissen", "koto", "shakuhatchi", tambores, etc.

EXTERIOR - TRILHA DE ALAGOAS - DIA

366. Câmera enquadra, de um ponto ligeiramente elevado, do alto-para-baixo, o bando de Antônio Garcia que, dois a dois, vem na direção da objetiva.

Os cangaceiros estão no interior de Alagoas, próximos à Mata

Grande.

No meio deles, ferindo a uniformidade de sua pitoresca indumentária, Sayuri Takeda, num cavalo de cor escura, a tez alva, que nem o sol escurece, saia e blusa de desenhos coloridos, um largo chapéu de palha à cabeça, é um detalhe insólito que a objetiva ressalta.

367. Câmera enquadra Antônio Garcia e Sayuri em P.P. Depois, acompanhando seu lento cavalgar, inicia Trav-Atrás, enquanto o chefe cangaceiro lhe fala:

ANTÔNIO GARCIA: Quando vosmincê ordenar, dona Sayuri, largo tudo isto. A gente vai para São Paulo, viver vida decente. Não quero ser bandido, me entenda. Sou um escravo de sua formosura...

Sayuri nada responde, limitando-se a olhá-lo, com expressão quase irônica.

SOM - Trotar lento dos cavalos. Cantos de pássaros na mata próxima.

EXTERIOR - POVOADO DE ALAGOAS - TARDE

368. Léguas adiante, próximo à fronteira com a Bahia, Kyoshiro Takeda alcança os começos de um povoado perdido na caatinga de Alagoas.

É Água Branca, com sua pobreza e solidão, um amontoado de casas baixas e pobres, o arruado comprido, o cruzeiro, a igreja ao fundo.

O japonês chega ao centro do lugarejo, aproxima-se de uma casa de comércio.

369. De mais perto, câmera focaliza o japonês que desmonta e se aproxima de dois homens, parados diante do comércio, indagando:

KYOSHIRO: Senhor podia informar onde mim achar pousada?

Um dos homens, gordo e calvo, mal disfarçando a surpresa com a chegada do japonês, parece depois reconhecê-lo e, manifestando uma simpatia espontânea, pergunta:

MATIAS: Vossoria não vem da Bahia?

KYOSHIRO: Si.

MATIAS: Fazendeiro? Da Fazenda do Japonês?

KYOSHIRO: Si.

370. Campo: o nordestino, dono da venda, fica em P.P., com Kyoshiro, à esquerda do quadro, em 3/4 de perfil. Matias, eufórico, sorridente, abraça o japonês, enquanto fala, animado:

MATIAS: Ah, então dê cá um abraço! Meu nome é Matias Barbosa, seu criado. Não é Kyoshiro Takeda? Meu compadre Pedro Roque, que é também desta terrinha, me escreveu relatando todo o acontecido. Uma desgraça! Os malditos cangaceiros!...

371. Contra-campo: Kyoshiro em P.P., à esquerda, com Matias Barbosa em 3/4 de perfil. O japonês escuta, satisfeito, o inesperado conhecido, que prossegue:

MATIAS: Compadre Pedro Roque continua tratando da fazenda, à espera de vossoria. Ele espera que vossoria volte em breve.

KYOSHIRO: É, um dia voltarei. Mas quando cumprir minha missão. Quando encontrar o bando, matar um por um!

372. Campo (como no 370). Matias, de frente, continua, eufórico:

MATIAS: Pensa reunir gente? Pode contar com este criado! Quero também acabar com a praga dos

cangaceiros! Agora vossoria fica hospedado é comigo. É meu hóspede.

O comerciante, voltando-se para o interior do estabelecimento, numa esquina da praça, grita forte:

MATIAS: Ci Maria, vem cá, vem conhecer o patrão do compadre Pedro Roque!

EXTERIOR - ACAMPAMENTO - NOITE

373. O bando de Antônio Garcia está acampado, em lugar protegido, com furnas e grotões de vegetação espessa, no interior de Alagoas.

Os bandidos armaram suas redes, improvisando a cozinha em trempes, no rancho e dentro de cavernas. Latas, panelas de barro e batatas de umbu cozinham os alimentos, depois servidos em coités, pratos de ágata e latas vazias de doces.

Câmera passeia pelo valhacouto, captando detalhes, indo mostrar, num canto, um dos cangaceiros que toca viola e canta, enquanto outros ensaiam passos de xaxado.

SOM - Canto e solo de viola. Passos de dança, risos, ruídos de comer e beber.

É uma noite clara, abafada.

Numa das furnas, a cabeça recostada no selim, perto da entrada, Antônio Garcia chama Sayuri, sentada a um canto, sob uma árvore:

ANTÔNIO GARCIA: Dona Sayuri, se me faz o favor.

A japonesinha levanta-se, vem na direção do chefe, que, então, completa:

ANTÔNIO GARCIA: Dona Sayuri pode vestir roupa japonesa?

Sayuri obedece, afasta-se e, no interior de outra furna, vai

vestir a vistosa indumentária japonesa.

374. Instalada noutro ponto do acampamento, câmera detalha, fazendo lento movimento panorâmico da direita para a esquerda, o repouso dos cangaceiros, a cantoria, a dança improvisada.

O movimento termina com o P.M. do local onde descansa, à entrada da furna, Antônio Garcia. Também no quadro, à direita, a caverna reservada para a prisioneira japonesa.

Eis quando, diante da surpresa de todos, Sayuri reaparece, vestindo o belo quimono de cores e desenhos harmoniosos. O luar e, principalmente, o reflexo das fogueiras, acesas em pontos diferentes, destacam sua extravagante e insólita aparição.

Todos emudecem, atraídos pelo vulto exótico da mulher, e só a viola sertaneja fere o silêncio.

SOM - Solo da viola, romântica, gemendo, nostálgica.

Câmera, em lento Trav-Avante, aproxima-se de Sayuri, que caminha na direção de Antônio Garcia, parando a alguns passos dele, humilde e indefesa.

Antônio Garcia, fumando o cigarro de palha, limita-se a olhá-la, longa e deslumbradamente.

375. P.P.P.do chefe cangaceiro, olhando na direção de Sayuri, fora de quadro.

Fascinado, o rosto másculo exprimindo desejo e sensualidade, o ex-capataz murmura, como para si mesmo:

ANTÔNIO GARCIA: Sayuri, Sayuri... Se vosmincê quiser, largo tudo isto... Sayuri...

376. Deixando Sayuri à esquerda do quadro, em 3/4 de perfil, câmera enquadra parte do acampamento e, à direita, Antônio Garcia, ainda contemplando, deslumbrado, a japonesa.

377. Câmera-na-mão percorre o valhacouto, fixando primeiros-planos dos cangaceiros que, também mudos, perplexos diante da cena, se limitam a contemplar a japonesa.

378. P.A. de Antônio Garcia e Sayuri Takeda. O ex-capataz, com um gesto, manda a japonesa trocar de roupa. Ela se afasta, obediente, enquanto o baiano continua a fumar, enigmático.

SOM - Viola sertaneja.

INTERIOR - CASA COMERCIAL - NOITE

379. No interior da parte residencial da casa comercial de Matias Barbosa, em Água Branca, Kyoshiro Takeda, também enquadrado em P.A., está deitado numa rede nordestina, num quarto dos fundos.

Os olhos abertos, sombrio, enigmático, fica escutando os ruídos da noite, incapaz de dormir.

SOM - Gritos de pássaros e animais noturnos. Grilos, sapos.

EXTERIOR - ACAMPAMENTO - NOITE

380. De volta ao valhacouto dos cangaceiros, câmera focaliza um vulto que desliza na sombra e se aproxima da furna onde Sayuri dorme.

Depois a objetiva o identifica: é um rastejador, Zé Serafim, cangaceiro magro, a barba rala, olhos matreiros e sensuais, e que vinha cobiçando, em silêncio, a japonesa.

Ele chega à entrada da caverna, que uma fogueira, mais distante, clareia relativamente.

Câmera, em Trav-Avante, aproxima-se dele, fixando-o, no final, em P.P., mostrando Sayuri deitada e adormecida.

Antes que se debruce sobre ela, solta um grito de dor, num rito crispante.

SOM - Gemido de dor.

381. Câmera, de dentro da furna, enquadra Zé Serafim e, atrás dele, Antônio Garcia, que crava, uma vez mais, o punhal nas costas do infeliz.

O rastejador dobra o corpo, esvaindo-se em sangue.

382. P.P. de Sayuri, que acorda e olha, apavorado, na direção do homem apunhalado.

SOM - Gemido, em off.

383. P.M. do local do trágico incidente. Zé Serafim estrebucha, gemendo de dor, caído aos pés de Garcia.

O ex-capataz limpa o punhal, que torna a guardar na bainha.

Três ou quatro cangaceiros se aproximaram, atraídos pelos gemidos do Zé Serafim. A eles se dirige Antônio Garcia, prevenindo, sinistro:

ANTÔNIO GARCIA: Mulher, sob minha guarda, não é para o bico de ninguém! Cavem uma cova e enterrem o Zé Serafim. Sirva o exemplo!

Os homens arrastam o cadáver do rastejador, enquanto Antônio Garcia retorna à sua furna.

EXTERIOR - ÁGUA BRANCA - MADRUGADA

384. No dia seguinte, logo ao amanhecer, Kyoshiro acaba de selar seu cavalo diante da venda do Matias Barbosa.

Depois monta, despedindo-se, mais uma vez, do comerciante, tirando o chapéu e dizendo:

KYOSHIRO: Obrigado, "seu" Matias. Até mais ver.

MATIAS: Vai com Deus, "seu" Kyoshiro!

Espicaça o cavalo e sai, quase num galope. Câmera faz panorâmica da esquerda-para-direita, seguindo o cavaleiro, que atravessa a praça do arraial e, no amanhecer de cores vivas, sai em perseguição de Antônio Garcia.

SOM - Batidas de tambores e instrumentos de percussão, prenunciando acontecimentos dramáticos.

EXTERIOR - SERTÃO DA BAHIA - MANHÃ

385. Do lado dos cangaceiros, acontecimento importante modificará o relacionamento de Sayuri e Antônio Garcia.

Não longe do Vaza Barris e da localidade de Brejo, novamente no Norte baiano, os cangaceiros enfrentam forte destacamento da Polícia.

A quantidade dos "macacos" surpreende e desnorteia a estratégia dos bandidos.

SOM - O som dos tambores, iniciado no plano anterior, agora se intensifica, com a introdução de atabaques, agôgôs e afochês. - Tiroteio, gritos, ordens.

386.387.388.389.
390.391.392.393. - Rápida sucessão de tomadas descritivas, fixando flagrantes da violenta batalha entre cangaceiros e soldados. Verifica-se, na documentação versátil e movimentada da câmera, que o bando de Garcia é fendido, desarticulado, sofrendo muitas baixas.

Vendo perdida a situação, Antônio Garcia manda debandar, ordenando aos remanescentes:

ANTÔNIO GARCIA: Encontro no Barro Branco! Debandar volteando, aos gritos!

Os cangaceiros obedecem as instruções e, dando voltas, gritando muito, começam a afastar-se do lugar.

SOM - Tiroteio. Gritos dos cangaceiros.

Tentando escapar com Sayuri, Antônio Garcia é atingido por uma bala. Apesar de ferido e sangrando, consegue montar e, seguido pela japonesa, escapa dos soldados.

A última tomada da série mostra-o sumindo, em P.M., numa

mucega.

EXTERIOR - MATAGAL - DIA

394. Mais adiante, próximo a um matagal, em terreno acidentado, Antônio Garcia, não resistindo ao esforço, desfalece, tombando do cavalo.

Sayuri refreia o cavalo, que monta, e fica olhando o chefe cangaceiro caído.

Câmera, pela lente "Zoom", aproxima-se dela, até enquadrá-la em P.P.

SOM - Ruídos ambientais: pássaros, gritos de animais, etc.

395. Voltando a si, pouco depois, Antônio Garcia se vê deitado no capim, protegido no meio do matagal, o cavalo ao lado, preso num galho.

Está só, cercado de silêncio. Compreende que Sayuri escapara, aproveitando seu desmaio, fora entregar-se aos soldados, talvez denunciando seu esconderijo.

Pensando nisso, faz novo esforço por levantar-se, fugir dali.

Câmera, que o vinha enquadrando em P.P., recua, em Trav.Atrás. até ficar em P.M.

Antes de se por de pé, tonteia e volta a estender-se no chão.

É quando começa a ouvir passos de alguém que se aproxima.

SOM - Passos estalando na relva seca. Cantos de pássaros, em bg.

O ex-capataz abre os olhos, avista a japonesinha que chega do meio do mato trazendo uma cúia de água.

Ela vem sentar-se ao lado dele, trata de seu ferimento, tranquila e impassível.

396. Câmera enquadra em P.P. Sayuri e Antônio Garcia. O chefe cangaceiro se enternece, cheio de gratidão. Nada diz, mas toma carinhosamente a mão da japonesa.

EXTERIOR - LOCAL DA BATALHA - DIA

397. Nesse mesmo instante, quilômetros adiante, Kyoshiro Takeda alcança o local da batalha entre os soldados e os cangaceiros.

Fixado em P.M. pela objetiva, desce do cavalo, examina detalhes no campo, descobre vestígios da fuga dos cangaceiros.

Depois torna a montar, afasta-se na trilha aberta na caatinga.

SOM - Acordes de música japonesa, com marcação de ritmo e sons de guerra.

EXTERIOR - BARRO BRANCO - TARDE

398. Antônio Garcia e Layuri chegam ao Barro Branco, lugar aprazado para o reencontro dos cangaceiros desbaratados.

Câmera, em P.G., mostra a fachada do sítio de Juca Cesário, um coiteiro velho e magro, a pele curtida, cheio de músculos estirados.

A casinhosa fica no meio de um cerrado, entre formações de arbustos, aroeiras e cáctos que a seca vergasta, no vasto perímetro do município de Monte Santo.

Juca Cesário, ouvindo os cavalos, vem do interior do casebre e acolhe, com alegria, os recém-chegados, que desmontam à porta de entrada.

JUCA CESÁRIO: Entre, "seu" Garcia, a casa é sua!

O cangaceiro e japonesa entram na casa, enquanto o coiteiro leva os animais para um pequeno cercado, perto dali.

Câmera faz, então, panorâmica esquerda-direita, até focalizar a estradinha de terra que corta o cerrado, e na qual estão chegando, dois a cavalo, três a pé, os companheiros de Antônio Garcia.

399. Depois de fixar, em P.P., uma panela que ferve sobre um fogão improvisado de tijolos, câmera recua até mostrar, em P.M., tre-

cho do sítio do Barro Branco: uma macega de capim e arbustos secos, um riacho seco e, à beira dele, o acampamento improvisado dos cangaceiros sobreviventes.

Alguns conseguiram armar redes, presas em estacas de moirões, outros barracas de lona velha e até esteiras sujas abertas no capim.

Os cangaceiros limpam os fuzis, costuram a roupa, fritam carne, conversam.

Depois de documentar o acampamento, câmera faz panorâmica e enquadra a casinha de Juca Cesário. Depois, pela lente "Zoom", avança sobre uma de suas duas janelinhas de tábuas verdes.

SOM - Ruídos ambientais do acampamento. Ladrar de cão.

INTERIOR - CASA DO COITEIRO - TARDE

400. Instalada no interior de um quarto de dormir do sítio de Juca Cesário, câmera mostra uma cama rústica de tábuas grossas e um colchão velho, um caixote servindo de mesinha de cabeceira, sobre o qual se vê uma moringa de água fresca.

Antônio Garcia repousa na cama rústica, os olhos fechados.

Uma porta interliga o cômodo com outro quartinho. Por ela a câmera, em carrinho, se movimenta, entrando no quarto, menor ainda daquele em que o baiano descansa. Nele só se vê uma rede nordestina, na qual Sayuri também descansa, extenuada pelas viagens intermináveis.

Câmera dela se aproxima, até mostrar, em P.P., seu rosto melancólico, sereno, marcado pela exaustão.

SOM - Solo de viola sertaneja, tocada, fora, por um cangaceiro.

EXTERIOR - BARRO BRANCO - MANHÃ

401. No dia seguinte, convalescente, mais forte, Antônio Garcia chega à porta do sítio e grita:

ANTÔNIO GARCIA: Ei, aqui, todos!

Câmera recua, abrindo o quadro, e deixando ver os cangaceiros que se reúnem em torno de Antônio Garcia, que completa:

ANTÔNIO GARCIA: Quatro de vocês vão agora, em Massacara, para trazer seu vigário...

UM CANGACEIRO: Gente, pra que diabo vosmincê quer um vigário?...

ANTÔNIO GARCIA: Para rezar uma missa. Estamos carecidos de uma missa. E de já destaco a comitiva. Vão o Pernambuco, Casca Fina, Jurubeba e João Sereno.

Os quatro homens, designados pelo chefe, se afastam, vão selar os cavalos.

Antônio Garcia se aproxima de Juca Cesário e, conversando com ele, se afasta da casinhola.

Câmera faz panorâmica, mostrando os cangaceiros que se dispersam, voltando às suas ocupações.

A comitiva, pouco depois, monta e, em galope, ganha a estradinha de terra, afastando-se do sítio.

SOM - Ruídos ambientais. Galope de quatro cavalos.

EXTERIOR - BARRO BRANCO - TARDE

402. Câmera enquadra, em P.P.P., o rosto do Padre Ponciano, ainda montado na garupa do cavalo do João Sereno, bradando diante do sítio de Juca Cesário:

PADRE PONCIANO: Protesto, eu protesto! Fui raptado, fui raptado!

A "Zoom" abre o quadro, mostrando o padre e os quatro cangaceiros que acabam de chegar e começam a descer dos cavalos.

João Sereno agarra o padre e o coloca no chão. O sacerdote

aproxima-se de Antônio Garcia e Juca Cesário, parados à porta da casinhola, e continua, indignado:

PADRE PONCIANO: Um sacerdote de Deus raptado! Isto é uma violência, um sacrilégio!

Antônio Garcia avança alguns metros, pára junto do padre e diz, calmo:

ANTÔNIO GARCIA: Me bote a sua bênção, Padre Ponciano, e muita calma, lhe peço. Aqui ninguém é hereje. Tenha paciência que eu também tou cheio de paciência.

403. Campo: Padre Ponciano, de frente, ligeiramente à direita, com Antônio Garcia à esquerda do quadro, em 3/4 de perfil.

O padre, ainda traumatizado, volta a falar:

PADRE PONCIANO: Me arrancar da minha paróquia, como uma noiva roubada! Ai, desalmados, estou cheio de assaduras!...

ANTÔNIO GARCIA: Isto passa, Padre Ponciano. É falta de traquejo. É que a polpa tá mole...

404. P.M. dos cangaceiros, em volta do padre e de Antônio Garcia, e que explodem em gargalhadas diante da fala do chefe.

SOM - Gargalhadas, brincadeiras, gestos de pena.

405. Contra-campo: Antônio Garcia à esquerda do quadro, em P.P., com o padre à direita, em 3/4 de perfil.

O chefe cangaceiro continua, divertido:

ANTÔNIO GARCIA: Mas a gente quer é uma missa. A gente também é filho de Deus.

PADRE PONCIANO: Tá bom. Se estão arrependidos, é porque são mesmo filhos de Deus. Minha bênção para todos.

406. P.A. de todo o grupo. O padre, voltando-se para os cangaceiros, dá a bênção.

Quando avista, diante da casa, a mulher de Kyoshiro, que observa a cena, indaga, surpreendido:

PADRE PONCIANO: Oxente, tem até uma chinesa no bando?

ANTÔNIO GARCIA: Não é chinesa, "seu" padre. É japonesa, e é mulher de respeito.

Nenhum "cabra" sorri com a pergunta do padre, fazendo silêncio.

O chefe, então, continua:

ANTÔNIO GARCIA: A gente quer é uma missa, seu vigário.

PADRE PONCIANO: Não tenho nem ajudante.

ANTÔNIO GARCIA: Tem João Sereno, que já foi coroinha no Piancó.

Os cangaceiros ameaçam gozar o companheiro, mas Antônio Garcia adverte, peremptório:

ANTÔNIO GARCIA: Foi, mas não é mais! É cabra valente, macho e bom de faca!

Os homens se acalmam, enquanto João Sereno, antes enfurecido, volta ao normal.

Câmera, em Trav-Avante, vai sobre ele, até P.P.

407. Depois de enquadrar o padre, paramentado para a missa, e

P.P., câmera recua, ampliando o campo visual e mostrando o terreiro diante do sítio, com um altar improvisado no fundo, em frente à casinhola.

Os cangaceiros se espalham diante do altar, alguns de joelhos, contritos, outros de pé e até sentados no chão, curiosos apenas.

Antônio Garcia, que colocara a imagem de Nossa Senhora da Conceição sobre um caixote, ao lado do altar, está em lugar destacado, demonstrando grande devoção. De joelhos, apesar de ferido, segura um pedaço de vela acesa e, em voz alta, obrigando o padre a baixar a sua, reza batendo no peito:

ANTÔNIO GARCIA (rezando, meio cantado):

"Eu sou o ferro,
tu és o aço.
Eu faço a cruz,
com ela me embaraço".

408. P.P. de Antônio Garcia, com o sacerdote, "amorcé", em segundo-plano, celebrando a missa.

Garcia continua sua pitoresca ladainha:

"Hoje faz quarenta dias
que não rezo o credo em cruz.
Entre a pedra e o fuzil
grande nome é o de Jesus!

409. Deixando a voz de Antônio Garcia em off, câmera-na-mão percorre o local, captando flagrantes da missa e de seus participantes, fixando primeiros-planos do padre, de seu coadjutor, João Sereno, dos "cabras", do coiteiro e, mais afastada, observando a cerimônia, a japonesa prisioneira.

ANTÔNIO GARCIA (voz off):

"Grande nome é o de Jesus

pois Jesus nascido é.
Entre a pedra e o fuzil
Jesus, Maria e José".

410. A missa chega ao fim. Padre Ponciano guarda os paramentos, recolhe o cálice, a tigelinha com vinho, o missal.

Garcia aproxima-se do vigário e põe em suas mãos um punhado de dinheiro, que ele, depressa, guarda no bolso da batina, dizendo:

PADRE PONCIANO: Agradeço o óbulo. Não importa de onde veio. Ele será empregado nas obras da igreja.

ANTÔNIO GARCIA: Da igreja dos pobres...

PADRE PONCIANO: Peço um cavalo para eu voltar.

O chefe do bando olha em volta e, depois, ordena:

ANTÔNIO GARCIA: Jurubeba, traz aquele jumentinho...

410. Modificando a angulação, câmera, em P.M., mostra Jurubeba que traz um jumento selado para o padre. Garcia, então, completa:

ANTÔNIO GARCIA: Seu vigário vai neste bichinho que é abençoado de Deus. Tem a mardinha maneira. Não machuca as partes de seu vigário. Jurubeba, ajuda o padre a montar...

O cangaceiro, homem musculoso, praticamente coloca o sacerdote em cima do jumento, diante das risadas dos companheiros.

SOM - Risadas e brincadeiras dos cangaceiros.

Com os pertences embrulhados numa trouxa, amarrada no selim, o padre está pronto para partir.

Jurubeba dá um tapa forte na anca do animal, que sai trotando

depressa.

411. Deixando o grupo de cangaceiros, divertidos com a cena, à esquerda do quadro, favorecendo Antônio Garcia, que fica em 3/4 de perfil, a objetiva focaliza, à direita, o padre que se afasta, montado no jumentinho.

É quando o chefe do bando comenta, irônico, abafando as risadas dos companheiros:

ANTÔNIO GARCIA: Um santo homem, um santo homem...

SOM - Risadas dos cangaceiros. Trotar do jumento, canto de pássaros e latidos de cachorro, em bg.

SEQÜÊNCIA 22

EXTERIOR - LUGAR PERTO DE MASSACARA - MANHÃ

412. Câmera focaliza Kyoshiro Takeda atravessando lugar desértico da caatinga.

O japonês desce um serrote e avista, na linha do horizonte, o povoado de Massacara, de onde os cangaceiros raptaram o vigário.

413. Colocando Kyoshiro e o cavalo que monta à esquerda do quadro, ligeiramente de perfil, câmera mostra, no restante do quadro, a paisagem desolada da caatinga e, ao fundo, com seu casario destacando-se no vale, o lugarejo nordestino.

Depois, lentamente, o fazendeiro continua a descer o morro, aproximando-se de Massacara.

SOM - Bater de sino, em bg. Trotar lento do cavalo.

EXTERIOR - MASSACARA - MANHÃ

414. De um canto da praça de Massacara, câmera enquadra o casario e, ao fundo, o cruzeiro e a igreja, de onde vem saindo um enterro de pobre. 10 ou 15 homens, mulheres e crianças, seguem o caixão humilde, atravessando o arruado, a caminho do cemitério.

SOM - Batidas de sino, mais fortes, para enterro.

Kyoshiro Takeda entra no campo visual, da esquerda-para-direita, em sentido longitudinal e, mais adiante, pára, deixando passar o cortejo fúnebre.

415. Focaliza-se, agora, o enterro de perto, com o japonês, a cavalo, ao fundo, esperando passar o cortejo.

A presença do japonês atrai a atenção dos acompanhantes do féretro, que lançam em sua direção olhares divertidos e curiosos.

416. Como ponto-de-vista do japonês, câmera, ligeiramente do alto, detalha a expressão de surpresa dos acompanhantes humildes do enterro, admirados com a presença, naquele fim-de-mundo, do estrangeiro.

417. Modificando a angulação, câmera agora focaliza, em P.G., a praça, o enterro, que se distancia, a caminho do cemitério, e o japonês, que recomeça sua marcha, na direção de um ferreiro, perto da igreja.

SOM - Batidas do enterro, cavalo, ruídos ambientais.

418. Kyoshiro Takeda agora está diante da casinhola do ferreiro, que coloca ferraduras numa besta de carga.

O fazendeiro desmonta, puxa o cavalo para perto do ferreiro e lhe diz, apontando os pés do animal:

KYOSHIRO: Favor reapertar ferradura animal, este?

O ferreiro examina o cavalo de Kyoshiro, levanta sua pata direita, abre sua boca, enquanto comenta:

FERREIRO: Ih, mas o cavalinho de vosmincê tá é estropiado... Muito cansado. Não bota mais duas léguas. Agora, eu tenho um cavalinho estradeiro, bom na marca. Se o moço quiser negócio, a gente faz. Liís, é este.

O sertanejo, mais pra gordo do que pra magro, meio mulato, aponta para o cavalo, amarrado ao tronco de uma árvore, perto deles. Depois completa:

FERREIRO: Quer ver?

419. Câmera, noutro ângulo, abre o quadro e, através de panorâmica, acompanha o ferreiro que monta no animal, dá um galope pela praça e depois volta, desapeando-se.

Nesse instante, vindo da igreja, também integrada no quadro, Padre Ponciano se aproxima de Kyoshiro e do ferreiro.

420. Enquadra-se o sacerdote, Kyoshiro e o ferreiro em P.A. Padre Ponciano dirige-se ao japonês, dizendo:

PADRE PONCIANO: Bom dia. O moço está visitando a cidade? É caixeiro-viajante?

KYOSHIRO: Mim estar de passagem.

421. P.P. do padre, que continua:

PADRE PONCIANO: Gozado... Pois não é que eu conheci ontem, num bando de cangaceiro, uma japonesa?

422. P.P.P. de Kyoshiro, que mal consegue disfarçar a emoção que a informação do padre lhe provoca. Ouve atentamente a fala do vi-

gário, que prossegue, em off:

PADRE POMCIANO (voz off): Muito mocinha e bonita. Vossa senhoria também não é japonês?

KYOSHIRO (controlando a emoção): Sou. Mas não tenho parente por estes lugares.

423. P.A. do japonês, do ferreiro e do vigário.

Kyoshiro volta o olhar para o ferreiro e lhe diz, desinteressado do sacerdote:

KYOSHIRO: Quando pede pelo animal?

FERREIRO: Vosmincê me dando cem mil-réis, mais o baiozinho de quebra...

KYOSHIRO: É. A gente faz negócio.

Kyoshiro retira o dinheiro do bolso e o entrega ao ferreiro. O ferreiro guarda o dinheiro, afasta-se e vai selar o animal.

Kyoshiro retira a canastra e, com ela, aproxima-se do padre e, fingindo desinteresse, indaga:

KYOSHIRO: Enton padre viu bando? Muita cangaceiro no bando? Pra onde viajar o bando?

PADRE POMCIANO: Bom, o bando não me pareceu muito grande. Uns dez cabras. Mas, naturalmente, boa parte dos cangaceiros devia andar por aí, nas escaramuças.

424. Campo: Kyoshiro de frente, com o vigário à esquerda do quadro, em 3/4 de perfil.

O japonês pergunta, ardiloso:

KYOSHIRO: E pra onde ia?

PADRE POMCIANO: Pro povoado da Onça. Ah, isto

eu não sei dizer.

KYOSHIRO: Da Onça?

425. Contra-campo: o vigário de frente, com Kyoshiro à direita, em 3/4 de perfil.

Padre Ponciano, matreiro, com medo de complicações, tenta consertar:

PADRE PONCIANO: Que Onça, que nada. Se um ente daqueles me dissesse que está indo para o Norte, sou capaz de jurar qomo o destino é o Sul. Gente muito esquisita e desconfiada. Só não me fizeram mal porque sou vigário de Cristo. Mas quando vi aqueles chapéus brilhando de moedas de prata, aqueles rifles... Ai, que me correu um frio no espinhaço...

426. P.P.P. de Kyoshiro, perplexo, ouvindo o vigário, que continua, em off:

PADRE PONCIANO (voz off): Então é caixeiro-viajante? Sem parente, nem aderente? Gozado... eu jurava como aquela...

KYOSHIRO (interrompendo, peremptório): Japonês não ter parente. Já disse! Sayonara.

427. P.M. do padre, do japonês e, mais afastado, do ferreiro que termina de ferrar o cavalo. Kyoshiro caminha na sua direção, com a canastra.

Depois a lente "Zoom" avança sobre o padre, até fixá-lo em P.P.P. , quando, então, diz:

PADRE PONCIANO: Vá com Deus, meu filho. (PEQUENA PAUSA): Japonês... japonesa... É, gozado...

SEQUÊNCIA 23

EXTERIOR - POVOADO DE ONÇA - DIA

428. Câmera enquadra Antônio Garcia em P.P.P. , galopando à frente do bando.

Depois a "Zoom" abre o quadro, mostrando todo o bando que investe, dando tiros, aos berros, a localidade de Onça, no Norte da Bahia.

SOM - Galope. Tiros. Gritos e, fortes, sons de atabaques, ritmando a investida.

O ataque é fulminante, avassalador, sem resistência.

Os cangaceiros investem pelo arruado, aproximam-se da Delegacia e, matando dois ou três soldados, imobilizam os restantes.

429.430.431.432.
433.434.435.436. - "Flashes", de inspiração local, documentando a investida dos cangaceiros, a morte dos soldados, as expressões selvagens dos bandidos, o pavor de moradores do lugarejo, fugindo espavoridos, protegendo-se em suas humildes moradias.

SOM - O tiroteio diminui, até cessar inteiramente.

437. O arraial foi inteiramente dominado. Os cangaceiros se apossam de mantimentos e munição, invadem botequins, agarram mulheres.

Antônio Garcia, de um ponto destacado da rua, retira o lenço verde do pescoço e o agita, como uma bandeira, fazendo sinal.

EXTERIOR - ENTRADA DA VILA - DIA

438. Câmera enquadra Sayuri e um cangaceiro, que a vigia, à direita, mostrando, um pouco do alto, o arruado de Onça. Ao fundo, no meio da rua, Antônio Garcia continua a agitar o lenço verde, percebido pelo cangaceiro que apanha a rédea do cavalo de Sayuri e co-

meça a puxá-lo na direção do lugarejo.

EXTERIOR - SOBRADO DE ONÇA - DIA

439. Um fazendeiro, de botas, calça de brim e camisa sem colarinho, seguido pela mulher, magra e enrugada, duas crianças e uma empregada preta, está sendo expulso de um sobrado, a melhor casa de Onça, que Antônio Garcia "confiscou" para si.

O homem, apavorado, nada diz e, sob a mira de três ou quatro cangaceiros, inclusive Garcia, se afasta, apressado, com a família.

Sayuri e o cangaceiro que a protege estão chegando.

Antônio Garcia, voltando-se para a japonesa, explica:

ANTÔNIO GARCIA: Requisitei o sobrado para nós. Pode entrar.

Sayuri desce do cavalo e acompanha Antônio Garcia, que entra na frente.

INTERIOR - SOBRADO - DIA

440. No interior do sobrado "confiscado", Antônio Garcia abre uma porta, examina o quarto e diz à japonesa, que vem atrás:

ANTÔNIO GARCIA: A senhora fica aqui.

Sayuri entra no quarto, enquanto o cangaceiro vai ocupar o cômodo seguinte.

441. Câmera enquadra, em P.A., a porta de entrada do quarto, no interior do sobrado, no instante em que Antônio Garcia nele penetra.

O chefe do bando examina o cômodo e, em seguida, dirige-se para a cama de casal, perto de duas janelas que dão para a rua.

Câmera, fazendo Pan-Esq-Dir., acompanha-o até o leito, no qual se estende, exausto. Fecha os olhos, tentando dormir um pouco.

SOM - Gritos e algazarra dos cangaceiros, em bg.

EXTERIOR - POVOADO DE ONÇA - NOITE

442. Câmera, colocada no centro do povoado, mostra os cangaceiros que invadem, em grande algazarra, uma pensão de mulheres.

SOM - Gritos, algazarra. Música de época, vindo de vitrola velha, em bg.

Depois a câmera faz panorâmica para focalizar o sobrado, no qual Antônio Garcia repousa.

INTERIOR - SOBRADO - NOITE

443. Deixando Antônio Garcia, no leito, em P.P. e 3/4 de perfil, câmera enquadra a porta de entrada do quarto, no instante em que, rangendo, começa a se abrir.

O ex-capataz, acordando com o ruído, apanha o "parabellum", pronto para atirar, mas vê Sayuri que chega com a comida.

444. Mudando a angulação, câmera favorece a japonesa que se aproxima da cama e deposita os pratos de uma mesinha de cabeceira.

Antes que se afaste, Garcia a detém, com a mão. Ela se volta, deixa-se atrair pelo cangaceiro.

SOM - Em segundo-plano sonoro, vêm do fundo ruídos dos cangaceiros na pensão de mulheres e, mais destacado, o som da música saindo da vitrola (talvez uma valsa romântica cantada por Carlos Galhardo).

445. P.P. de Antônio Garcia que, fremente, toma Sayuri nos braços, coloca-a a seu lado, na cama, beija seus cabelos, seu rosto, sua boca. Depois retira a blusa que veste, o "soutien", a saia, debruçando-se sobre ela, acariciando e beijando todo seu corpo.

Câmera faz panorâmica, da esquerda-para-direita, mostra as janelas e, em Trav. Avante, aproxima-se de uma delas, ultrapassa-a e

vai enquadrar, em P.G., o comprido arruado de Onça, precariamente iluminado.

SOM - Ruídos na pensão de mulheres e música de época (da vitrola) mais fortes.

EXTERIOR - POVOADO DE ONÇA - NOITE

446. No meio da rua só um mendigo cego caminha, pedindo esmolas, com voz cantada, sofrida, bem emitida, a fim de que se ouça longe:

MENDIGO CEGO: Gente, o miserê tá demais nesta vila da Onça. Mas quem sabe o povo do Garcia não me dá um esmolão? Custa pedir?

447. Enquadrando o cego, de frente, em P.P., câmera recua em Trav-Atrás, detalhando a pitoresca cantilena do mendigo:

MENDIGO CEGO: Mas vai ver os cabras tão tudo no cabaré. (CANTANDO): Meus irmãos me dêem uma esmola, por obra de caridade...

SOM - Ruídos e música do cabaré em bg.

448. Câmera agora enquadra todo o arruado de Onça, no meio do qual, solitário, lançando sua sombra, caminha o mendigo cego, que volta a pedir esmola, cantando:

MENDIGO CEGO: Meus irmãos me dêem uma esmola, por obra de caridade...

Depois o cego quebra a direita, numa esquina, deixando a praça vazia, na qual alguns focos de luz fraca lançam résteas no casario

pobre.

SOM - Cantilena do cego, distante, com ruídos do cabaré em bg.

SEQUÊNCIA 24

EXTERIOR - POVOADO DE ONÇA - MANHÃ

449. Sem interromper a tomada anterior, câmera continua a focalizar, em P.G., o arruado vazio do povoado de Onça.

Pelo efeito especial, obtido em laboratório, a noite começa a clarear, apagando-se as lâmpadas dos postes.

O efeito de gradativa clareação deixa ver, vindo do fundo da rua, o bando de Antônio Garcia.

Quando a luz estiver no ponto normal, ver-se-á, com nitidez, o bando que avança, na direção da objetiva, em coluna de dois, sem pressa, deixando o arraial.

Depois os cangaceiros, com Antônio Garcia e Sayuri à frente, passam rentes à objetiva, em filas à esquerda e à direita, fixados em P.P., saindo pouco a pouco de quadro.

Passada a última fila, o arruado fica, novamente, vazio.

Câmera, então, pela lente "Zoom", aproxima-se lentamente da entrada do arraial, mostrando, escondido entre pedras e arbustos, a ilhueta de Kyoshiro Takeda, que está chegando a cavalo.

SOM - Do ruído forte das patas dos cavalos dos cangaceiros, e que, depois, vai para bg., sobe, na trilha sonora, música de inspiração japonesa, dramática.

EXTERIOR - ENTRADA DE ONÇA - MANHÃ

450. Deixando Kyoshiro Takeda, sempre montado, à esquerda do quadro, em P.P. e 3/4 de perfil, câmera enquadra, ao fundo, o povoado

no instante em que o bando de cangaceiros deixa a cidadezinha.

SOM - Tropel, em bg.

Depois que o bando desaparece ao fundo, numa curva do caminho, o japonês esporeia o animal, começa a descer um declive, na direção do povoado.

EXTERIOR - POVOADO DE OLHA - MANHÃ

451. Colocada na torre do sino da igreja, câmera enquadra, em G.P.G. do alto-para-baixo, o largo arruado da localidade, pelo qual vem vindo, vagarosamente, o japonês com seu cavalo.

452. Voltando ao nível normal, câmera enquadra Kyoshiro Takeda em P.P., recuando em Trav-Atrás, e mostrando, em volta dele, a vida que volta ao normal no povoado, moradores que transitam, tropilhas de burros e jégues, mulheres que chegam às janelas, crianças brincando.

SOM - Ruídos ambientais: gritos de crianças, tropilhas, vozes distantes, etc.

EXTERIOR - ESTRADA BOIADEIRA - DIA

453. Escondido atrás de um capão do mato, Zé Torquato, um rastejador do bando de Antônio Garcia, avista uma volante da polícia cruzando a caatinga.

SOM - Tropel de 10 ou 12 soldados.

454. Como ponto-de-vista do rastejador, câmera mostra, em P.G., a volante atravessando o carrascal.

455. Depois que avista a patrulha militar mais distante, Zé Torquato se afasta do capão do mato e, mais adiante, monta em seu cavalo, escondido num matinho. E sai num galope desenfreado.

SOM - Galope muito veloz.

456. Mais adiante, o bando de Antônio Garcia aguarda, escondido numa macega.

É quando, de uma curva, surge Zé Torquato, voando. Entra como flecha na macega e vai parar diante de Garcia, dizendo, afobado:

ZÉ TORQUATO: Chefe, os "macacos" vêm vindo!

ANTÔNIO GARCIA: E quantos são?

ZÉ TORQUATO: Uns doze.

ANTÔNIO GARCIA: Vam'embora!

O bando se aprofunda mais na macega, fugindo aos soldados.

SOM - Tropel. Galhos secos que se quebram.

456. Próximo ao ponto em que se escondeu o rastejador, Kyoshiro Takeda surge do meio do carrascal. Alcança a estrada boiadeira, uma simples trilha na caatinga, e examina as marcas deixadas no chão pela volante policial.

Depois segue as pegadas, avançando na trilha.

457. Quilômetros adiante, o bando de Antônio Garcia ainda galopa na caatinga, distanciando-se da volante.

Câmera, em panorâmica, acompanha o deslocamento dos cangaceiros. Depois se fixa, deixando o bando sair de quadro. Em seguida, abrindo o campo visual (lente "Zoom"), vai para G.P.G. e mostra a volante perdida no carrascal, buscando pistas.

458. Noutro ponto da área, agora focalizada pela câmera, novamente se mostra Kyoshiro Takeda que, escondido atrás de mandacarus e facheiros, avista também a volante, uns cem metros em sua frente.

459. Ponto-de-vista de Kyoshiro: câmera, em P.G., mostra a volante que faz zigue-zague no carrascal, buscando as pegadas dos cangaceiros.

460. P.P. do japonês, visivelmente aborrecido com o equívoco que

o levou a perseguir os soldados da polícia, em lugar dos cangaceiros.

461. De outro ângulo, a objetiva focaliza o japonês que solta um palavrão em sua língua e, em seguida, torna a montar e irrompe num galope louco, em direção contrária aos militares.

SOM - Galope veloz. Sons rítmicos de inspiração japonesa.

SEQUÊNCIA 25

EXTERIOR - CAPÃO DE MATO - AMANHECER

462. O bando de Antônio Garcia, agora livre da volante baiana, aproxima-se de um ponto mais arborizado da região.

Ao fundo, pode-se ver um capão de mato, um serrote e uma depressão no terreno, local adequado para um acampamento.

Os cangaceiros vão em sua direção, afastando-se da objetiva.

SOM - Trote lento dos cavalos, indo depois para bg. Sobem, na trilha sonora, batidas fortes de tambores e atabaques de candomblé.

EXTERIOR - TRILHA NA CAATINGA - AMANHECER

463. A teleobjetiva enquadra, de frente, Kyoshiro Takeda que irrompe, com seu cavalo, como uma flecha, em estreita trilha aberta na caatinga.

Do P.A. de sua figura ameaçadora, galopando na direção da objetiva, aos poucos a imagem se amplia no quadro, até ficar em P.P. e, depois, maior ainda, em P.P.P., quando somente seu rosto, crispado, terrível, ocupa o campo ótico.

SOM - Galope vem do fundo e, aos poucos, cresce, misturando-se co...

batidas ritmadas de tambores e sons bélicos do Japão.

EXTERIOR - CAPÃO DE MATO - NOITE

464. O bando de Antônio Garcia já chegou ao capão de mato e armou acampamento, prendendo redes, armando barracas, estendendo esteiras no chão.

Câmera-na-mão passeia pelo local, captando flagrantes expressivos do valhacouto, descrevendo a vida e os hábitos de seus integrantes. A objetiva, percorrendo com minúcias o lugar de repouso, mostra, num canto, a cozinha campestre sendo instalada pelo cangaceiro-cozinheiro; fogueiras acesas em pontos estratégicos; grupos de cangaceiros entregues a múltiplas ocupações: costurando roupas e bornais, lavando-se, com água trazida de um riacho, ou perfumando o corpo, lustrando os cabelos com brilhantina, limpando o pelo dos cavalos, jogando cartas (partidas de "suecas", "três sete", "trinta e um" e "sete e meio"), contando dinheiro, etc.

Mais adiante, a barraca de Sayuri foi montada em ponto aprazível, entre umbuzeiros.

No centro do valhacouto dois cangaceiros praticam a capoeira, ritmada pela "orquestra" de berimbaus e pandeiros.

SOM - Sobrepondo-se aos ruídos ambientais, o som monótono dos berimbaus e pandeiros domina a trilha sonora.

Depois de detalhar a ginga dos capoeiristas, sua pitoresca destreza coreográfica, câmera faz panorâmica e vai enquadrar, ao fundo, no alto de um morrinho, a silhueta de Kyoshiro Takeda, que chega a cavalo, protegido no mato.

A "Zoom" aproxima-se do japonês que desmonta e, cautelosamente, evitando os vigias, vai examinar o esconderijo dos cangaceiros.

SOM - Ao som emitido pelos berimbaus e pandeiros misturam-se batidas dramáticas e acordes expressivos de instrumentos japoneses.

465. Transportando-se para o local protegido onde Kyoshiro veio preparar-se para, finalmente, enfrentar seus inimigos, câmera mostra-o quando retira a arca japonesa da garupa do cavalo e, com ela, vai para uma pequena clareira entre árvores.

Coloca a canastra num monte de capim, retira uma chave do bolso e abre a fechadura.

Câmera, em Trav-Avante, aproxima-se da arca e detalha seu interior, acompanhando o movimento de Kyoshiro que abre a tampa.

Um tecido de veludo, descolorido pelo tempo, reveste o interior, dividido em duas partes: uma menor, guarda velhos papéis, fotografias e documentos de família; a outra, de maior dimensão, está ocupada com velho traje japonês, que Kyoshiro retira em primeiro lugar, deixando ver, no fundo, sinistra, uma comprida espada samurai metida em sua bainha.

SOM - Batidas agudas de madeira, fazendo soar um som estranho e pressagioso.

466. Apanhando a roupa do fundo da canastra, Kyoshiro afasta-se alguns metros, seguido pela objetiva, e, num canto, deposita-a num galho de árvore. Em seguida, sem pressa, como num ritual, começa a trocar de roupa.

Despe-se da camisa de fustão, sem colarinho, da calça de brim cáqui, retira as botinas sertanejas, o chapéu de palha.

Começa, depois, a vestir a indumentária japonesa, de cores desbotadas, ampla e larga, e que recobre todo seu corpo.

Durante o ato de vestir, solene, sacerdotal, câmera, em lento Trav-avante, vai detalhando melhor a nova personalidade que,

surpreendentemente, vai surgindo naquele lugar, deslocada na paisagem tropical.

Extravagante, quase irreal, ali se realiza a transladação do mito guerreiro para a terra brasileira. O ritual ganha carne e sangue, reata a legenda, transfigura o homem e o incorpora à nova realidade.

Ao fazendeiro, substitui-se a insólita figura do combatente samurai, o olhar cortante, pronto para a luta de vida e morte.

SOM - Os ruídos do acampamento e da capoeira quase desaparecem, subindo, na trilha sonora, sons estranhos e melodias típicas da saga samurai.

O lento movimento de aproximação da câmera termina quando estiver enquadrando Kyoshiro em P.P.P., detalhando sua mão que prende os cabelos no rabicho tradicional dos samurais do Japão.

467. Da figura exótica, assustadora, de Kyoshiro Takeda, câmera se transfere para o centro da capoeira e, novamente, documenta as gingas e negaças dos dois cangaceiros, a execução dos pandeiros e berimbaus, a algazarra, agora maior, dos espectadores que torcem por um ou por outro.

SOM - Gritos, torcida. Sons fortes dos berimbaus e pandeiros.

468. Voltando a Kyoshiro, escondido no capão de mato, câmera agora o focaliza no instante em que retira, do fundo da arca, a espada samurai. Retira vagarosamente a espada da bainha, que torna a guardar na canastra.

O aço da espada refulge ao luar, sinistro.

Kyoshiro prende a arma na cintura, à moda samurai. Depois recolhe-se a um canto, prostra-se, faz preces, calmo e concentrado.

Está pronto, preparado para o ato final. A estranha figura, da tradição medieval, projeta-se no espaço, como imagem de ficção.

O samurai caminha alguns metros, examina, pela última vez, o acampamento, que as fogueiras iluminam, e de onde sobem vozes, a torcida e os sons da capoeira.

469. Colocada, de novo, no centro do valhacouto, câmera fixa novos flagrantes da orgia dos cangaceiros, embriagados de cachaça, excitados pela capoeira.

Os capoeiristas ainda gingam, cansados, dando-se rasteiras, bananeiras e rabos-de-arraia.

Fazendo lenta panorâmica, a objetiva vai fixar, em "contre-plongée", o alto da colina, mostrando résteas do céu, copas de árvores e arbustos.

Daquele lugar, inesperadamente, sob o impulso de um salto felino, Kyoshiro Takeda, a espada em riste, lança-se no meio do acampamento, soltando terrível brado de guerra.

SOM - Brado de guerra de Kyoshiro, sobrepujando a algazarra dos cangaceiros.

470.471.472.473. - O salto do japonês é fixado de ângulos diferentes, inclusive em movimento "ralenti", acentuando seu espetacular efeito dramático.

Tocando o solo, o japonês, como raio mortífero, avança sobre os cangaceiros estupefatos, e que não têm tempo para se defender, intoxicados de cachaça, a cara bestificada pelo susto.

O samurai arremete-se contra eles, fere seu corpo, sua carne, lança-os no chão, entre poças de sangue.

SOM - Gritos e imprecações, ruídos de luta.

474. Manobrada na mão do operador, câmera desloca-se, versátil, po-

lo local da chacina, detalhando a espada, que golpeia o ar, sibilando sinistramente, decepando braços, pernas e pescoços, fazendo o sangue esguichar, entre gritos lancinantes dos cangaceiros, que vomitam imprecações de ódio, enquanto o vulto fantástico do japonês se desloca como se fosse dividido em muitos, matando, frenético, alucinado.

Um dos detalhes mostrará o corpo ferido do cangaceiro que, pouco antes, dançava a capoeira, e que tomba sobre o berimbau, rompendo sua corda esticada.

Outro, mais adiante, fixará o primeiro-plano da cabeça de João Sereno, o cangaceiro coroinha, e que tomba sobre o couro do pandeiro, fendendo-o.

SOM - Gritos de dor, vociferações, ruídos de panelas e de pratos, de corpos que caem sobre objetos do acampamento.

475.476.477.478.
479.480.481.482. - Série de "flashes" da terrível batalha de Kyoshiro e dos cangaceiros, de inspiração local e fixando flagrantes que documentem a sangrenta chacina dos homens de Antônio Garcia.

O último "flash", de nº 482, mostrará, de um canto, a aparição de Antônio Garcia, atônito, quase sem entender.

Em companhia de Sayuri, retorna agora ao acampamento, atraído pelos gritos dos companheiros.

A japonesa vem um pouco atrás, vestindo o quimono de cores fortes, os cabelos penteados à moda oriental.

Câmera avança, rapidamente, até enquadrar Garcia e Sayuri em P.P. A japonesa empalidece ao ver o marido, que ainda golpeia os últimos cangaceiros.

483. Deixando Antônio Garcia e Sayuri à esquerda do quadro, em P.P., câmera mostra, em P.M., o centro do valhacouto, no qual Kyoshiro abate os últimos bandidos. Depois, parado no meio de cadáveres, volta-se na direção do chefe do bando e de sua mulher.

Antônio Garcia retira o punhal da bainha e começa a andar na direção do japonês, que o espera, a espada à mão.

SOM - Faz-se repentino silêncio na trilha sonora. Só o caminhar de antônio Garcia, a respiração ofegante do samurai.

484. Mudando a angulação, câmera registra a caminhada do chefe dos cangaceiros e, logo em seguida, também de Kyoshiro Takeda, que vai a seu encontro.

Num canto, muda, imóvel, lívida, Sayuri é a espectadora inútil do terrível duelo que se vai travar.

485. P.P. de Sayuri, observando, perplexa, a caminhada de Garcia e do japonês.

486. P.P.P. de antônio Garcia, caminhando, seguido pela câmera, em Trav-Atrás.

487. P.P.P. de Kyoshiro caminhando, também seguido pela câmera.

488. Detalhe dos pés de Antônio Garcia, avançando na direção do japonês.

489. Detalhe dos pés de Kyoshiro Takeda, marchando na direção contrária, ao encontro do baiano.

490. Câmera agora enquadra, em P.G. , o valhacouto, coalhado de corpos feridos e mortos.

No centro dele Antônio Garcia e Kyoshiro Takeda continuam a avançar um contra o outro, espada contra punhal, samurai contra cangaceiro, homem contra homem.

Os dois estão a poucos passos um do outro. Fitam-se nos olhos, medindo forças, reprimindo fúria. Duas raças se defrontam, medem sua bravura, decidem seu antagonismo.

De repente, as mãos sustendo a espada, Kyoshiro arremete para a frente,pronto para golpear. Mas Antônio Garcia, num átimo, desvia o corpo e também ergue seu comprido punhal.

491. Câmera fixa o alto, no instante em que a espada e o punhal,

entrando no quadro pela esquerda e a direita, vão se chocar.

SOM - Em lugar do zunido das armas, ouve-se, na trilha sonora, a voz forte do Cantador que, acompanhando-se com a viola, recomeça o ABC.

CANTADOR (forte):

Zunindo as suas armas,
cada qual o mais ligeiro,
os dois homens se travaram
em luta pelo terreiro.

Como imagem, câmera mostra, em P.P.P., a espada e o punhal que se chocam, repetidas vezes no alto, enquanto o Cantador prossegue:

CANTADOR (continuando):

O punhal dava faísca,
a espada era um luzeiro.

492. Câmera-na-mão, ágil, movimentando-se de um lado a outro, capta flagrantes do medonho embate, enquanto, na trilha sonora, em vez dos sons do duelo, só se ouve o canto do nordestino:

CANTADOR (continuando):

O X marcava os dois homens
e as roupas esfrangalhadas
nem um deles via o sangue
nem um deles refugava.
Brigavam como dois touros,
testa com testa encontrados.

SOM - Cantado o último verso do ABC,

voltam, na trilha sonora, os ruídos ambientais, predominando os sons do duelo de Garcia e Kyoshiro Takeda.

493.494.495.496.
497.498.499.500. - Nova série de "flashes" documentando o combate do cangaceiro com o samurai.

No cangaceiro parece incorporar-se a divindade fetchista de Ôgún, com o ferro de matar, a dança ritualista do mito e da lenda.

Usando a técnica da sobre-impressão, a imagem do ex-capataz, duelando com o japonês, confunde-se, na tela, com o personagem do Candomblé, vestido com a roupa azul, as ferramentas, mas de breve duração, prevalecendo sua dramática imagem atual: a roupa de couro, o laço no pescoço, as cartucheiras trançadas no peito.

Durante algum tempo, no clímax da luta, as imagens se tornam lentas e hieráticas, obtidas com a técnica do "ralenti".

SOM - Na trilha sonora, pontilhando o embate, sobem sons de atabaque pandeiros e berimbaus, que depois se misturam com as batidas de madeira e de tambores japoneses, sons tradicionais das lutas de samurais.

1a. VERSÃO DO FINAL

501. O efeito especial de "ralenti" termina no exato instante em que Kyoshiro golpeia mortalmente o baiano, quando, então, a imagem volta ao normal.

Os dois, fixados em P.P., estão no centro do valhacouto.

Garcia, com um berro, ferido no peito, vacila, deixa cair o punhal, o sangue jorrando do talho profundo. Cai de joelhos, gemendo.

502. Mudando a angulação, câmera enquadra o japonês, no instante em que vai dar o golpe de misericórdia. Mas não o faz, retendo o gesto.

É que Kyoshiro avistara Sayuri que se aproxima, quase correndo, para amparar no colo a cabeça do cangaceiro, que está morrendo.

O japonês, atônito, paralizado, compreende tudo, baixa lentamente a espada.

Câmera, em Trav-Avante, vai enquadrá-lo em P.P., deixando ver o sangue que também mancha de vermelho a roupa samurai.

503. Enquadrando o cangaceiro e Sayuri em P.P., câmera favorece o cangaceiro que, antes de expirar, contempla, amorosamente, o rosto da japonesa, no qual o sofrimento é agora um traço inusitado.

504. P.P.P. de Kyoshiro, pálido, perplexo, incapaz de um gesto.

505. P.P.P. de Sayuri, absorta, esperando.

506. P.P.P. de Antônio Garcia, olhando o rosto de Sayuri, no derradeiro instante de vida. Repentinamente, deixa tombar a cabeça.

507. Ampliando o quadro, câmera, em P.A., mostra o cangaceiro, a cabeça tombada no colo de Sayuri, morto. Perto dele, imóvel, o japonês crava na moça um olhar mesclado de ódio e piedade, desprezo e desalento.

É quando, esvaindo-se em sangue, também ferido pelo punhal de Garcia, cambaleia. Logo, porém, se recompõe, afasta-se alguns metros, acocora-se, à moda oriental, coloca a ponta da espada no ventre.

Câmera avança lentamente, no carrinho, até fixar-lhe o rosto em P.P.P.

Kyoshiro, então, uma vez mais, fita Sayuri, com olhar estranho e profundo. Depois, juntando forças, enfia o aço no ventre.

508. Ampliando o quadro para P.M., câmera focaliza Kyoshiro Takeda, no instante em que, completando o "raccord" de movimento, comete o harakiri e tomba para a frente, morrendo.

Perto dele, afagando a cabeça do cangaceiro, Sayuri é a exótica imagem da impotência e inutilidade.

Câmera avança lentamente em sua direção, até fixá-la em P.P., enfatizando-lhe o rosto sereno, quase feliz.

509. Em posição de "plongée", câmera focaliza, em P.M., o local da

tragédia, favorecendo Sayuri e os corpos de Garcia e Kyoshiro.

Estão no centro do acampamento, juncado de cadáveres.

Começa a amanhecer e os pássaros despertam, cantando.

SOM - Cantos de pássaros. Sibilar do vento. Um aboio muito distante.

510. Câmera, instalada em helicóptero, começa a subir, lentamente, deixando aquele lugar de sangue e tragédia, onde só uma mulher sobrevive, manchando com a exótica e colorida indumentária, a paisagem amanhecente da caatinga.

2a. VERSÃO DO FINAL

501. O efeito especial de "ralenti" termina no exato instante em que Kyoshiro golpeia mortalmente o baiano, quando, então, a imagem volta ao normal.

Os dois, fixados em P.P., estão no centro do acampamento.

Garcia, com um berro, ferido no peito, vacila, deixa cair o punhal, o sangue jorrando do talho profundo. Cai de joelhos, gemendo.

502. Mudando a angulação, câmera enquadra o japonês, no instante em que vai dar o golpe de misericórdia. Mas não o faz, retendo o gesto.

É que Kyoshiro avistara Sayuri que se aproxima, quase correndo, para amparar no colo a cabeça do cangaceiro, que está morrendo.

O japonês, atônito, paralizado, compreende tudo, baixa lentamente a espada.

Câmera, em Trav-Avante, vai enquadrá-lo em P.P., deixando ver o sangue que também mancha de vermelho a roupa samurai.

503. Enquadrando o cangaceiro e Sayuri em P.P., câmera favore o cangaceiro que, antes de expirar, contempla, amorosamente, o rosto da japonesa, no qual o sofrimento é agora um traço inusitado.

504. P.P.P. de Kyoshiro, pálido, perplexo, incapaz de um gesto.

505. P.P.P. de Sayuri, absorta, esperando.

506. P.P.P. de Antônio Garcia, olhando o rosto de Sayuri, no derradeiro instante de vida. Repentinamente, deixa tombar a cabeça.

507. Ampliando o quadro, câmera, em P.A., mostra o cangaceiro, a cabeça tombada no colo de Sayuri, morto.

Perto dele, imóvel, o japonês crava na mulher um olhar mesclado de ódio e piedade, desprezo e desalento.

Depois, limpa a espada na manga do quimono e começa a afastar-se do valhacouto.

508. De outro ângulo, abrindo o quadro para P.G., câmera mostra o acampamento e, no centro dele, Sayuri, Garcia e Kyoshiro.

O japonês, afastando-se dos corpos que sua terrível espada mutilara, vai deixando o lugar, só, com passo firme, os olhos fincados no horizonte, enquanto, afagando a cabeça de Antônio Garcia, Sayuri é a exótica imagem da inutilidade e da solidão.

Começa a amanhecer e os pássaros despertam, cantando.

SOM - Cantos de pássaros. Sibilar do vento. Um aboio muito distante.

509. Instalada em veículo, que se movimenta numa estradinha, câmera focaliza em P.P. o rosto sombrio e enigmático de Kyoshiro Takeda.

Ao fundo, ainda se pode ver parte do acampamento juncado de cadáveres e, no centro dele, Sayuri e Garcia.

Depois, acelerando-se no caminho de terra, o veículo ganha velocidade, enquanto o japonês, caminhando sempre, distancia-se da objetiva.

510. Câmera, instalada em helicóptero, começa a subir, lentamente, deixando aquele lugar de sangue e tragédia.

No quadro, privilegiados no enquadramento, o acampamento, os corpos lacerados, Sayuri, Antônio Garcia e, mais ao longe, caminhando na trilha de terra, o japonês, com seu orgulho e nobreza.

Depois, subindo sempre, câmera panoramiza e mostra, em

G.P.G. a paisagem amanhecente da caatinga.

3a. VERSÃO DO FINAL

501. O efeito especial de "ralenti" termina no exato instante em que Kyoshiro golpeia mortalmente o baiano, quando, então, a imagem volta ao normal.

Os dois, fixados em P.P., estão no centro do acampamento.

Garcia, com um berro, ferido no peito, vacila, deixa cair o punhal, o sangue jorrando do talho profundo. Cai de joelhos, gemendo.

502. Mudando a angulação, câmera enquadra o japonês, no instante em que vai dar o golpe de misericórdia. Mas não o faz, retendo a espada no ar, pois avistara Sayuri, que vem do fundo, os olhos pedindo piedade.

Câmera recua, em Trav-Atrás, abrindo o quadro até P.A., deixando ver Garcia que tomba morto, enquanto Kyoshiro baixa a espada, que limpa na manga do quimono.

Depois aproxima-se de Sayuri, anlaça-a, amorosamente, e lhe diz, em sua lingua:

·KYOSHIRO: Vamos.

503. Câmera, instalada em helicóptero, começa a subir, lentamente, deixando aquele lugar de sangue e tragédia.

Kyoshiro e Sayuri, no centro do quadro, estão deixando acampamento e, mais adiante, tomam um caminho de terra que serpenteia na caatinga.

Depois, subindo sempre, câmera focaliza a paisagem amanhecente do sertão.

SOM - Na trilha sonora só se ouve, monótono, o som do "shamissen" japonês.

4a. VERSÃO DO FINAL

501. O efeito especial de "ralenti" termina no exato instante em que Antônio Garcia, com gesto fulminante, golpeia mortalmente o japonês, quando, então, a imagem volta ao normal.

Os dois, fixados em P.P. , estão no centro do acampamento.

Kyoshiro, sem um gemido, ferido no peito, vacila, deixa cair a espada, o sangue jorrando do talho profundo. Cai de joelhos, lutando contra a morte.

502. Mudando de ângulo, câmera enquadra o cangaceiro, no instante em que vai dar o golpe de misericórdia. Mas não o faz, retendo o gesto, ao ver Kyoshiro tombar para a frente, morto.

Ao fundo, imóvel, cheia de espanto, Sayuri é a espectadora impotente da tragédia.

Garcia, então, limpa o sangue do facão na manga da túnica, guarda-o na bainha e, em seguida, caminha na direção da japonesa.

503. Câmera, em Trav.-Atrás, fixa Garcia em P.P. e o acompanha no acampamento juncado de cadáveres.

O movimento finaliza quando Sayuri entra no quadro, pela esquerda, fixada a 3/4 de perfil.

O cangaceiro pára diante dela. E lhe diz, com ternura:

ANTÔNIO GARCIA: Vamos.

504. Câmera, instalada em helicóptero, começa a subir, lentamente, deixando aquele lugar de sangue e tragédia.

Garcia e Sayuri, no centro do quadro, vão deixando o acampamento e, mais adiante, tomam o caminho de terra que serpenteia na caatinga.

Depois, subindo sempre, câmera focaliza de muito alto a paisagem amanhecente do sertão.

SOM - Na trilha sonora só se ouve, monótono, o som de um berimbau.

F I M

Rio de Janeiro, novembro de 1974, fevereiro de 1986.

Geraldo Santos Pereira.

(Direitos autorais registrados na Biblioteca Nacional).
